

Coletânea de Autobiografias de detentos

“Fui morar numa cela onde tinha uma usina de cachaça. No começo era nenhuma, mas com o passar do tempo aquilo começou a irritar. Quando eu tomava banho, a água estava pegando fogo de quente, um calor insuportável, mas temos que aguentar calados as coisas nesse lugar.”

“Aqui vai um conselho para todos aqueles que acham que não são capazes de conseguir os seus objetivos: Quero que saibam que nós somos sim capazes de qualquer coisa. O homem é o resultado do que ele mesmo constrói. Mas pretendo ser um dos maiores.”

“Acredito na recuperação do ser humano e na minha capacidade de superação porque nós condenados somos como a fênix de renascer das cinzas.”

“Compreendi o quanto andei errado durante a minha vida, e me arrependo de todas as maldades que cometi. Agora que estou próximo de sair, pretendo recomeçar uma nova vida. Hoje sinto falta da época em que eu, ainda adolescente, trabalhava e não possuía maldade no coração.”

“Deus reservou o meu futuro como uma pedra preciosa, e vou fazer valer a pena.”

Penitenciária Dr. Ênio Pessoa, Limoeiro

Fevereiro 2014

Introdução

A ideia de fazer uma coletânea de autobiografias surgiu durante o nosso primeiro projeto de literatura: A nossa classe do ensino médio participou de um projeto de leitura e decidiu editar a nossa própria antologia de crônicas. A minha tarefa era digitar e corrigir estes textos. Algumas crônicas acabaram muito extensas e incluíram uma boa parte da vida dos autores. Assim pensei que devia haver detentos que têm mais para dizer do que comportava uma crônica. Apresentei a minha ideia à nossa professora Ângela Maria, depois à classe. Vários alunos prometeram a sua colaboração. Em seguida incluímos outras classes da nossa escola no novo projeto. Finalmente alguns vinte detentos se comprometeram a escrever a sua autobiografia. Combinamos um prazo de seis semanas para entregar os manuscritos. Quando os primeiros textos foram entregues, percebi alguns problemas estilísticos e substanciais. Isso não surpreendeu, visto que a maioria dos autores nunca tinha lido uma biografia e muito menos uma autobiografia. Para evitar problemas futuros, informei os participantes sobre algumas regras: Ninguém tem a obrigação de desenhar uma imagem negativa de si mesmo. Para proteger a si mesmo e outras pessoas contra represálias, era permitido omitir episódios das suas vidas e/ou mudar os nomes de pessoas e lugares, e eu, como coordenador de responsabilidade, mudei mais detalhes para que os autores não sofrerem prejuízos. Aliás, tenho a impressão que este projeto deveria ter sido acompanhado por profissionais em psicologia, porém ninguém se ofereceu espontaneamente, e eu não conhecia suficientemente as assistentes sociais da casa para pedir a ajuda delas.

O resultado final que o leitor tem em mãos é uma coletânea de onze autobiografias de detentos extremamente autênticas. Os textos não poderiam ser mais heterogêneos — quanto à extensão, ao estilo, assim como ao conteúdo: Uns autores parecem ter orgulho dos crimes que cometeram, outros exprimem fortes sentimentos de arrependimentos. Uns relatam aparentemente com sangue frio o que fizeram, outros são cheios de emoções. Porém, todos os textos demonstram nitidamente que, quanto aos autores, não se trata apenas de agentes de erros, mas também de vítimas dos erros de outros. Nos textos aparecem com frequência aqueles acontecimentos da infância que tiveram pouca importância para os adultos, mas grande influência para os autores, ainda na menoridade. Durante a leitura me assustei várias vezes diante do tamanho do visível desinteresse pelos filhos, do desrespeito às crianças nas decisões dos adultos. Além da violência doméstica, as drogas e o dinheiro têm um papel importante no caminho de destruição dessas pessoas.

Não é possível entender e interpretar os textos sem ler também o que está escondido nas entrelinhas. Os textos não foram criados em escritórios ventilados e com o canto de passarinhos e cigarras ao fundo, mas sim no chão ou nos joelhos, em pavilhões barulhentos e três vezes superlotados.

Outro fator a considerar é o medo. Atualmente a chamada “reeducação” dos detentos consiste em boa parte em aprender a obedecer, a suportar injustiças, a ficar calado, mentir, fingir ser bom. O estudo ou a discussão sobre os eventuais erros do passado quase não existem, e são, ao invés, substituídos por regras humilhantes que ofendem profundamente boa parte da população carcerária. Neste ambiente vive melhor quem se integra na hierarquia carcerária e não se lembra nem do passado nem do futuro. Quanto a este livro, o medo fez alguns autores desistirem de escrever a sua autobiografia, outros a pararem no meio do caminho. O medo mudou alguns nomes de pessoas e lugares. Um dos autores escreveu a sua autobiografia na terceira pessoa.

Neste contexto, escrever a sua autobiografia para a publicação é um ato de extrema coragem. Vários autores me confessaram que significava um grande sacrifício lembrar-se do

passado, das perdas que sofreram. Alguns disseram que choravam muito durante a redação do texto.

Autobiografias costumam ser escritas ao final da vida. Com estas autobiografias é diferente: Para os autores, estes textos representam um estudo crítico sobre o seu passado, um passo importante para a superação dos erros cometidos no passado e para a futura reintegração na sociedade. Aos leitores, o conteúdo deste documento oferece a chance de entender melhor as origens e causas de crimes, condição prévia para uma prevenção eficaz de crimes futuros. Para as autoridades da justiça, finalmente, acredito que estas autobiografias constituem autêntica contribuição para transformar a execução penal em um meio de verdadeira ressocialização segundo os conhecimentos do século XXI.

O.K., coordenador

Conteúdo:

Walter	4
Adriano	11
Anselmo	18
Eduardo	26
João	27
Pedro	32
Pedro	53
Rogério	55
Edvaldo	58
Givanildo	64
Lucinaldo	83

Walter

Antes de tudo peço forças a Deus, e ao mesmo tempo agradeço a ele por ter me dado o dom de saber ler e escrever.

Chamo-me Walter, tenho 28 anos, nasci no dia 22 de Março de 1985. Vou contar a minha triste história de toda a minha vida...

Aos quatro anos de idade, uma terrível fatalidade aconteceu. O meu pai Jenaiuton matou a minha mãe Wanda. Não sei se ele foi pela cabeça dos outros, ou agiu por si próprio. Só sei que ele amava muito a minha mãe, e tinha três filhos com ela, Rosecleide a mais velha, Roselaine a do meio e eu Walter o caçula. Muitas pessoas vinham infernizar a cabeça do meu pai com piadas safadas, dizendo que ele era “corno”, mas na realidade ele já vivia separado da minha mãe, só que o meu pai não aceitava o fim daquele relacionamento, mas a minha mãe era muito debochada. Foi daí que ela desacreditou. No último dia do ano 1989 ela não teve o que fazer e passou com um homem abraçada na frente do meu pai ... Qual seria a reação de qualquer um homem vendo a sua amada passando na sua frente com outra pessoa que não fosse você? O meu pai não teve demora. Puxou uma faca da cintura e deu três facadas nela. Ela não resistiu. O safado que estava com ela deu uma carreira que nem bala pegava, por todo o bairro de onde eu moro, lá no Recife, IBURA. Parou, foi luto geral, ninguém quis saber mais de comemorar a chegada de um ano novo de 1990. O meu pai, desesperado, fugiu para Serra Talhada. Depois de tudo isso houve briga entre a família da parte da minha mãe e a do meu pai. A minha avó, mãe da minha mãe, queria ficar comigo e internar as minhas irmãs, mas a minha outra avó, mãe do meu pai, Maria, recebeu nós três de braços abertos. Fomos morar com ela.

Mas o destino foi tão cruel comigo e as minhas irmãs que depois de dois anos a morte veio e carregou o meu pai. Ele tinha um marca-passo no coração, porém não podia tratar-se em nenhum hospital, porque era foragido e seria preso. Foi então que a família de Serra Talhada ligou para o Recife e contou que o meu pai morreu. Isso foi um choque para toda a família. Eu com apenas seis anos órfão de pai e mãe, sem saber nem o que era o mundo.

Fui crescendo. Comecei a estudar e a compreender as coisas. Quando estava na escola, a mãe e o pai dos outros alunos foram chamados nas reuniões. Quem sempre ia comigo nas reuniões da escola era a minha avó. Os meus colegas me perguntavam: “Cadê a sua mãe ou o seu pai?” Eu falava para eles que já tinham morrido. Aquilo era normal para mim, porque eu ainda era criança e não sabia o que era um amor de pai ou de mãe.

E continuei a minha caminhada. Quando completei doze anos, comecei a sentir aquele vazio dentro de mim, embora eu tivesse a minha avó que é a pessoa que eu mais amo nessa vida. Mas não era como amor de mãe. Sempre que chega o dia das mães, o dia dos pais, o dia das crianças, o fim de ano, natal ou o dia em que eu completo ano, eu fico muito triste. Nunca tive festa de aniversário nem comemorava na virada de ano. Sempre fiquei num canto, só esperando algum dia o meu pai ou a minha mãe vim me encontrar pelo menos em sonho para me explicar o que aconteceu, ou então para eu ter a oportunidade de lhes dizer que eu amo-os demais.

Mas a vida é sofrida. Tive que trabalhar logo cedo para ajudar a minha avó com as despesas. Quando eu largava do colégio, ia correndo para o supermercado para carregar frete o dia todo, até mais ou menos 19 horas. Quando chegava em casa, dava todo o meu dinheiro à minha avó. Sentia que aquilo era a coisa mais certa a fazer. Todo mundo tinha orgulho de mim, falava que eu tinha puxado ao meu pai.

Aos 14 anos tive a minha primeira namorada. Ela era tudo para mim. Mas as coisas não eram como eu pensava, namorávamos às escondidas, porque o pai dela era muito bravo. Eu não tinha coragem de enfrentá-lo, até que brigamos e acabamos com o nosso namoro. Fiquei um pouco triste, mas nunca abaixava a cabeça para nada. Fui levando a minha vida até conhecer a capoeira. Na capoeira aprendi a respeitar os outros e conhecer pessoas diferentes, mas sempre que estou de bem com o mundo, algum empecilho tenta impedir a minha vida.

Ficava com várias mulheres, andava com pessoas que só queriam o meu mal. Fazia coisas para impressionar os outros da rua e para envergonhar os de casa.

Desisti do colégio na sexta série, em 2004. Fui preso por roubo e formação de quadrilha. Passei um mês e três dias preso. Isso envergonhou a minha família. Mas o leitor sabe como é família: Na primeira vez sempre passam a mão por cima, mas se tiver a segunda vez, aí pode esquecer, porque duas vezes já é burrice permanecer no erro.

Comecei a trabalhar com artefatos em couro; fazia bolsas, cintos, carteiras, ponchetes etc. Recebia duzentos Reais por semana, não tinha nem papagaio para sustentar. No final de semana saía com os amigos. Só chegava no outro dia, bêbado e bravo, mas eu merecia porque trabalhava a semana toda, cumpria com as minhas obrigações em casa. O dinheiro era o meu, e eu podia fazer o que quisesse.

Foi então que conheci Patrícia, a mulher da minha vida. Ela era três anos mais nova que eu, mas tinha a mente de uma mulher madura. Nós nos amávamos. Passei sete anos com ela. Foi o melhor tempo da minha vida. Chegamos a noivar. Pensávamos em construir a nossa família. A gente morava em bairros diferentes, mas cada noite, quando eu largava do trabalho, corria para casa, tomava banho, escovava os dentes, botava uma roupa limpa, me perfumava e ia encontrá-la. Quando nos encontrávamos, vivíamos um amor ardente. Era como se o mundo parasse para nós. Muitas pessoas tinham inveja do nosso romance. Mas a gente se amava tanto que quando rolava uma briga e a gente acabava o namoro, com menos de uma semana estávamos juntos de novo. A gente não conseguia ficar longe um do outro ...

Mas o destino novamente não queria ver a minha felicidade. No ano de 2007 aconteceu um acidente de carro com duas pessoas da minha família envolvidas. A minha avó, a mãe do meu pai, o meu primeiro sobrinho homem, Bruno, filho da minha irmã mais velha. Aquilo foi um baque na minha vida. Quase perdi as pessoas que eu tanto amo. Quase enlouqueci. Passei um mês sem poder visitar a minha avó e o meu sobrinho. Depois que comecei a visitá-los, não queria mais sair de perto deles. Sentia o meu mundo desabando, mas não perdia as esperanças. Pedia forças a Deus e que ele não me abandonasse. O meu sobrinho passou 23 dias em coma, a minha avó não me reconheceu, quando a vi. Passou o tempo, e a minha avó recebeu alta, mas o meu sobrinho continuou no hospital. A família, tanto do meu pai como da minha mãe, se unia. A gente ficava revezando para ir ficar no hospital, iam dois para ficar na parte da manhã e dois para ficar a noite. Parecia um pesadelo que não tinha fim, até o meu sobrinho ter alta. Eu estava com ele quando ele recebeu alta do hospital. Liguei para casa, feliz com aquela notícia. Pequei um taxi e fui embora para casa. Durante esse tempo que fiquei no hospital, vi muitas coisas feias, o tanto que se a pessoa não tivesse estômago, não conseguiria comer. Ao chegar em casa, foi como se fosse uma festa. Eu não gostei, porque o meu sobrinho continuava com seqüelas do acidente: Ele não estava falando. Botei-o para ficar na minha cama e fui dormir no sofá. Eu estava tranquilo, pois quando eles começaram a se recuperar, eu voltei à minha vida.

Voltei ao trabalho, comecei a reencontrar-me com Patrícia, e mais uma vez eu procurava a felicidade. Mas o destino é cruel. A gente tem que estar pronto para tudo nessa vida. A morte aprontou mais uma vez. Os meus amigos que dormiam na minha casa vestiam as minhas roupas e comiam do mesmo prato, na verdade não eram os meus amigos, e sim os meus inimigos.

Eu estava em uma festa. Era por volta das onze e meia da noite, e eu não sabia nada. As pessoas vinham até a mesa onde eu estava, me abraçavam e saíam. Depois a dona da festa botou um cadeado no portão. Eu estranhei, porque a galera saía para namorar e pretendia voltar. Daí eu perguntei o porquê do cadeado no portão. Foi quando a dona da festa me abraçou bem forte, olhou nos meus olhos e pediu para eu não perder a cabeça, e eu sem entender o porquê daquela situação, falei:

— Deixa de tua frescura e me fala logo o que está acontecendo! — Foi quando ela bateu a real:

— Acabaram de matar teu primo Ricardo lá para cima, perto do bar de Lau.

Mais uma vez perdi o sentido da vida, fiquei desesperado com aquilo. Sai correndo daquele lugar e fui de encontro com o corpo do meu primo. Ao chegar lá vi o meu primo deitado. A perícia já estava no local. Vi umas setas brancas e perguntei ao perito o que era aquilo. Ele me falou que eram perfurações de bala. As minhas pernas começaram a tremer, senti um calafrio e comecei a suar. Chorei abalado com aquela situação. Ele me disse ainda que o meu primo não tivesse morrido só de tiros, mas também tivesse levado umas pauladas. Tinha corte de garrafas de vidro e uma grande pedra sobre os seus peitos. Vi que antes de morrer o meu primo tinha sofrido demais. Aquilo para mim era uma covardia grande, e eu de cabeça quente gritei bem alto que iria me vingar. A família me vendo naquele estado resolveu me mandar para Serra Talhada. Fui para Serra Talhada com muita mágoa e um sentimento de revolta e vingança.

Ao chegar em Serra Talhada, fui morar na casa da irmã gêmea da minha avó Amélia. Ela se chama Penha. Fui conhecendo a galera por lá, fiz novas amizades. Os meus primos quase todos trabalhavam como garçons. É uma boa profissão, dá para receber um bom dinheiro. O sofrimento começou a ocupar todo o espaço do meu coração. Tive que terminar o meu namoro com Patrícia com medo que alguém fizesse mal a ela. A minha vida foi de mal a pior. Fiquei sabendo quem foram as pessoas que tinham matado o meu primo. Aquilo me revoltou muito mais. Eu tinha que ser esperto. Tive que ficar de boa, botar a cabeça para pensar e decidir o meu futuro, mas a vida é complicada. Com todo o sofrimento tive que escolher entre ficar de boa ou entrar na vida do crime. Escolhi a segunda opção. Mergulhei de cabeça. Já não estava nem aí para nada. Comecei a fazer coisas que até Deus duvida. Depois de um tempo resolvi voltar para o Recife. Fui morar com a minha tia Nilda, mãe do meu primo Ricardo em Jaboatão dos Guararapes.

Tia Nilda é uma pessoa que gosta muito de mim e tem mais três filhos: Rosemary, a mais velha, e os gêmeos Ruan e Renilson. Com ela morava também a mulher do meu primo Ricardo, Liliane, que naquela época estava grávida de mais ou menos uns sete meses. Passou-se o tempo, e Liliane deu a luz. Nasceu o filho do meu primo que ele nem chegou a conhecer. Via quando tia Nilda chorava pelos cantos se lamentando pela morte do seu filho.

Aquilo aumentou a minha revolta. Várias vezes, eu botava o revólver na cintura, pegava o ônibus e ia para o IBURA. Quando chegava lá, não via um sequer dos meus inimigos. Ficava com a boca com o gosto de sangue, mais era em vão porque eu não via ninguém. Nesse meio tempo eu já tinha saído da casa da minha tia Nilda, estava morando só, e ninguém da família sabia onde eu estava morando.

Até que numa tarde de domingo resolvi tomar umas com uns amigos que eu tinha conhecido em Jaboatão dos Guararapes. Quando anoiteceu, eu já estava daquele jeito, e me bateu uns castelos de dar uma volta lá no IBURA. Os meus amigos de Jaboatão dos Guararapes me seguraram para eu não ir, mas você sabe: Quando a pessoa está bêbada, não tem quem segure, não é mesmo? Não teve jeito, estava decidido no que eu iria fazer. Peguei o revólver e fui embora para o Córrego do Jenipapeiro. Ao chegar lá por volta das 20 h 30 min, fui para a casa onde nasci e fui criado. Quando a minha família me viu, todos ficaram espantados, falando que eu fosse embora dali porque se os caras que mataram o meu primo me vissem eles iriam me matar. Não dei à mínima, virei às costas e falei que ia cobrar a morte do meu primo. Fui num canto onde a gente sempre se encontrava no tempo de adolescente, em frente à escola. Quando cheguei lá, só tinha uns moleques que eu não conhecia. Botei o revólver na mão e falei:

— Não corre ninguém! — Mandei os moleques se deitar no chão e fui olhando um por um para ver se tinha algum envolvido na morte de Ricardo. Como os moleques não tinham nada a ver, mandei-os embora. Eu todo errado daquele preço, comecei a dar tiros para cima e gritar que ia me vingar. Voltei para a casa da minha família, falei com o pessoal e disse que ia embora para casa. A minha família me falou:

— Vai com Deus e não volte mais para aqui!

Resolvi ir embora, mas a ‘palhaçada’ que eu fiz com os moleques lá embaixo, a galera não gostou, e resolveram ligar para a polícia. Quando eu fui para a integração da ‘Macaxeira’

para pegar um ônibus para sair de lá, a Polícia me abordou. Deram um 'baculeijo' em mim e encontraram o revólver, carregado até a boca, na minha cintura, além de uma faca de doze polegadas feita por um ferreiro que o cara podia metê-la no chão que não envergava. Tudo isso aconteceu no dia 17 de Outubro de 2007. Fui preso. Mandaram-me para o Centro de Observação e Triagem Everaldo Luna (COTEL).

Cadeia (conhecida popularmente como inferno)

Ao chegar no COTEL uns caras metidos à valentão pensaram que eu era 'comédia' (pessoa que sente medo do outro) e quiseram se aproveitar porque eu tinha chegado naquele momento. Quiseram tomar a minha roupa, trocar por outras, velhas. Não tive demora. Meti uma garrafa cortada com mungunzá quente por cima da cara dele e falei:

— Aqui estamos todos no mesmo barco; e se você não quiser remar com a mesma humildade como todos estão remando, o barco pode virar. E não sei se você sabe nadar. — Aquelas palavras entraram na mente dele e ele não foi bobo. Quis ficar logo no meu lado porque eu não estava nem aí para nada. Prejuízo pouco era lucro para mim.

Ao descer para o pavilhão B, encontrei com alguns conterrâneos. Fui para uma cela onde só tinha 'sangue bom'. Isso era o que eu pensava. Os caras tudo nenhuma comigo me davam uma força, trocavam umas ideias:

— Mas a pessoa só sabe quem é quem na cadeia convivendo com ela. — Os caras da cela em que eu morava estavam querendo aprontar, fazer um '157' em outra cela, e eu sem saber de nada, todo inocente, andando com os caras. Mas vazou informação, e os caras da outra cela ficaram sabendo. O clima ficou tenso. Todos se armaram, e eu nem aí, não sabia o que era malícia na cadeia. Mas fui ligeiro. Peguei duas facas e deixei-as embaixo do meu colchão. Logo o chaveiro chamou a atenção de todos os detentos e deu a ideia:

— Tem irmãos nossos que querem nos roubar. Mas eu já sei quem é. — A população gritando:

— Mata! Mata! Mata! — Aquele clima tenso. A polícia não estava nem aí para nada, só vinha no pavilhão para contar todos ou então para tirar algum cadáver. A população foi para cima. Nesse dia morreram duas pessoas, e o chaveiro ainda disse que sabia que tinha mais gente envolvida e que antes da 'bóia' (café da manhã) não queria ver nenhum dos caras que estavam envolvidos. Se não haveria mais derramamento de sangue naquele local. Eu estava muito cansado e fui dormir. No outro dia, quando me acordei, só tinha eu e outro cara dentro da cela. Fiquei assustado com aquela situação. Os caras com os quais eu andava, estavam todos envolvidos na fita que iam fazer com o chaveiro.

Uma semana depois os caras mataram um tal de 'Naninho'. Ouvei falar que 'Naninho' já vinha com mais de dez anos de cadeia. Era traficante forte e tinha as condições. Mas a inveja, a ambição e o 'olho grande' tomavam conta de alguns detentos, um 'fulano' fez o maior enxame do mundo: Disse que 'Naninho' tinha agarrado a sua mulher à força. Passou o domingo todo chorando, falando que ia cobrar, todo nervoso como se ele tivesse fora de si próprio. A visita acabou, e o clima ficou tenso e pesado. O chaveiro e toda a sua equipe chamaram todos os detentos, cela por cela. Quando todos estavam na quadra, resolveram ligar para a mulher do 'enxamista' (quem faz enxame) e botaram em viva-voz para todos escutarem. Todos fizeram silêncio, e o seu marido perguntou o que 'Naninho' tinha feito com ela. Ela bateu a real: Disse que 'Naninho' tinha botado uma faca no seu pescoço e feito sexo com ela. Com aquela situação 'Naninho' ficou revoltado. Disseram que ele tinha que morrer, pois não podiam passar pano por tarado. 'Naninho' ficou dentro da cela onde ele morava, com duas facas na mão, dizendo que era enxame. Mas a população não quis saber e já tinha decretado a sua sentença. Os caras ficaram com medo de invadir a cela onde 'Naninho' morava. Por isso começaram a jogar colchões dentro da cela e tocar fogo. Lembro que quando começou aquele fogaréu com aquela fumaça escura, só escutávamos os gritos:

— Socorro, socorro! — Enfim ele conseguiu sair de dentro da cela. Lembro que o seu ombro estava igual a plástico derretendo. Levou várias facadas. Depois de quase duas horas a polícia chegou, mas já era tarde demais.

No outro dia todos estavam como se não estivesse acontecido nada. Eu não sabia que aquele mundo em que eu estava preso era tão cruel e perverso.

Passei um bom tempo no COTEL. No dia 18 de Janeiro de 2008 levei um 'bonde' para o presídio 'Aníbal Bruno' (PPAB). Ao chegar no 'Aníbal', fui levado para a 'Espera 1'. Tinha uns caras na 'Espera 2' que tinham matado o 'Negão Saibala'. A população estava toda doida para invadir a 'Espera 2', mas pela parte da noite eles levaram 'bonde'.

Subi para o pavilhão I. Encontrei um monte de conterrâneo, mas o comentário que rolava era que nos pavilhões I, G, H só moravam tarados e caras que pediam seguro de vida.

Nos primeiros dois banhos de sol que tinham o costume de acontecer nas quintas-feiras à tarde, mataram três pessoas. Vi que esse lugar era como se fosse a lei da sobrevivência. Eu tinha que ser forte para sobreviver nesse mundo cão. Saí do pavilhão I para o F. Quando cheguei no pavilhão F, fui morar numa cela onde tinha uma usina de cachaça. No começo era nenhuma, mas com o passar do tempo aquilo começou a irritar. Quando eu tomava banho, a água estava pegando fogo de quente, um calor insuportável, mas temos que aguentar calados as coisas nesse lugar.

Aconteceram rebeliões, motim e eu sempre no meio dessas coisas. Eu tentava evitar essas coisas, mas infelizmente esse é o mundo em que convivo.

A minha irmã Ro, sempre que podia, vinha me visitar, a minha tia Nilda também. Troquei também algumas ideias com Patrícia e fizemos as pazes. Ela fez a carteirinha e veio me visitar.

O tempo passou, as coisas ficaram difíceis. O destino me mostrou que a minha missão aqui na terra era sofrer. Com tudo isso, eu tive uma discussão besta com Patrícia, e ela me abandonou na cadeia. Sofri demais, porque ela foi uma pessoa covarde. Não teve coragem de me falar pessoalmente, mas mandou uma carta pela minha irmã Ro. Aquilo foi pior do que levar uma facada no coração. Na frente da minha irmã eu parecia um cara durão que tanto faz como tanto fez. Falava pra ela que a vida era assim, e tinha que levantar a cabeça, pois a vida continua. Mas por outro lado sofria amargamente. O meu coração estava despedaçado. Os meus sentimentos serviam apenas para a maldade. Não sabia mais o que era certo ou errado. Comecei a aprontar dentro do 'Aníbal'. Descia lá para os pavilhões I, G, H, e quando subia, levava dois ou três telefones. 'Tomava na tora' (adquirir objeto alheio sobre ameaça) mesmo. Tinha virado uma 'bactéria' (detento que comete delitos dentro do sistema e que passa a maior parte do tempo no castigo) dentro do sistema.

'Levei bonde' (fui transferido) para a Penitenciária Agro-Industrial São João (PAS). Estava feliz porque naquele canto dava para respirar a liberdade. Mas só que aconteceu o seguinte: O cara só pode sair se a família fizer o cadastro, e a minha família ficou com medo de fazer o cadastro, pensando que se eu saísse, eu não voltaria. Nos fins de semana eu via um monte de detentos saindo da cadeia, a cadeia ficava vazia, e eu com raiva porque a minha família não vinha fazer o cadastro. Depois de três meses estourou um 'B.O.' (= boleto de ocorrência, denúncia) de Serra Talhada. Eu pensara que em breve ia para a rua, mas na realidade fui para outra cadeia. Levei um 'bonde' para o presídio Advogado Brito Alves (PABA) em Arcoverde.

Ao chegar em Arcoverde, o sofrimento se tornou maior, longe de casa, sem conhecer ninguém dentro do sistema, sem ter uma visita para trocar ideia. A minha mente estava daquele jeito. Conheci uns caras que me apoiaram, me deram a maior força. Estavam sempre lado ao lado comigo.

Imagine você longe da família e vendo um monte de pilantra, todos tirando onda! Eu já estava com um ano e três meses em Arcoverde. Tinha perdido o processo, recebido uma sentença de oito anos e oito meses. Falei para o meu comparsa que eu não era dali e não tinha vindo para ficar. Comecei a aprontar Fizemos '157' dentro do sistema, depois passamos 47

dias no castigo. Quando eu estava para descer para o convívio, chegou o meu 'bonde' para o presídio Desembargador Augusto Duque (PDAD) em Pesqueira.

Ao chegar em Pesqueira, não demorou; me aguentaram lá por apenas cinco meses. Pedi um 'bonde' para a penitenciária Doutor Ênio Pessoa Guerra (PDEPG) em Limoeiro, pensando que ia ficar mais perto da família, mas foi todo o atraso da minha vida.

Quando cheguei, fui morar no pavilhão C. Fizeram um enxame da minha pessoa. Falaram ao chaveiro que eu estava vendendo 'Rupinol' (medicamento controlado de venda proibida, que altera o comportamento de quem o toma). Mas como eu podia vender este remédio se eu estava no pavilhão a uns três meses e não tinha recebido nenhuma visita! Levaram-me para dentro do banheiro da ala e me deram uma pisa daquele jeito. Desci para a chapa onde passei onze dias, depois subi para o pavilhão D. Lá tinha um monte de conhecidos das outras cadeias por onde já passei. Fui morar na cela quatro. Depois de um tempo tive uma 'cutruca' (confusão) com os caras desta cela: Fui 'desbaratinado' (mandado) para a cela 14 onde tive que botar todo aquele sofrimento para fora.

No dia 25 de dezembro de 2011, dia de Natal, o cão testou a minha fé: Quase todos os detentos estavam com os seus familiares, e eu só pelos cantos, sofrendo comigo sozinho. Acabou a visita. Eu só tive o prazer de falar com a minha irmã por telefone. De repente um pilantra safado, por motivo nenhum, deu umas três tapas na minha cara. Acho que ele pensava que era grande, foi para impressionar os caras da cela, achando ele que ficaria por isso mesmo. Os caras da cela me seguraram para eu não brigar com ele. Eu estava com um boné branco. Quando o tirei da minha cabeça, vi uma mancha de sangue. Tudo aquilo se misturava na minha cabeça. Um pouco de revolta, um pouco de maldade, um pouco de desespero, um pouco de abandono – resumindo, aconteceu o que tinha que acontecer: No dia 26 de Dezembro, na parte da manhã, fui atrás de uma faca. Eu estava disposto a abri-lo em duas bandas. Mas o que eu encontrei foi um 'churcho' (faca artesanal) comédia (de brinquedo). A primeira botada que eu dei nele, o churcho se envergou todinha. Tive que brigar com ele. Levei uma furada na perna, depois o chaveiro trancou todos os detentos e foi na cela onde eu morava para tomar satisfação. Invadiu a cela, os meus companheiros de cela se acovardaram comigo. Tive que brigar com o chaveiro e os 'gatos' (os caras que trabalham com os chaveiros). O chaveiro me jogou de dentro da cela para o corredor. Fiquei brigando com uns quatro 'gatos'. A população começou a gritar e abalar as grades dizendo que era covardia. Eu já estava quase desmaiado. Lembro-me que escutei as grades se abrindo. Os meus comparsas me agarraram e falaram que eu ficasse tranquilo porque não ia acontecer mais nada comigo. Neste momento a polícia invadiu para me tirar de dentro do pavilhão. Levei um tiro de bala de borracha no braço. Os presos que trabalhavam com a polícia batiam em mim, mais que os próprios policiais. Em seguida passei 30 dias na chapa. Depois levei 'bonde' para Pesqueira.

Mas dentro da cadeia é assim: Aqui se fez, aqui se paga. Comecei a tirar onda. Levei uma furada nas costas, inocente. Quando virei as costas, senti uma furada, mas o cara que me furou era comédia. Ligeiramente me virei e o segurei pela beca.

— Agora, — falei — a gente vai se destruir! — Ele estava com as duas mãos livres e com um churcho em uma das mãos, mas não fez nada. Ele era de Pesqueira e a maioria da população é de lá. Vieram para cima, pedindo que eu deixasse isso para lá.

— É nenhuma — falei, mas já na malícia de pegar ele depois. Fui para o final do corredor e comecei a fazer uns 'castelos' (pensamentos) meio loucos. Falava para mim mesmo:

— Eu vim de Limoeiro com um B.O. e vou sair daqui como um comédia? — As coisas não podiam ser daquele jeito. Resolvi ir à cela. Quando eu cheguei de frente ao safado que tinha me furado, amarrando o sapato na malícia, não tive demora. Do jeito que eu vim, dei um bicudo por cima da cara dele que estourou a boca e o nariz dele. Ele ficou se batendo. Peguei o churcho que estava com ele e dei duas batidas na mão . Vi que não valia a pena tirar a vida dele. Joguei o churcho sobre ele e sai.

O 'comédia' do chaveiro de Pesqueira disse que eu tinha que ir para a enfermaria para tomar uma injeção. Mas na realidade ele estava vendo bicho comigo (com medo da minha pessoa), querendo me tirar do pavilhão B de todo jeito. Quando subi com ele para a enfermaria, falei para ele que eu tinha me furado embaixo da cama. Realmente, na cela em que eu morava tinha um pedaço de ferro embaixo da cama. Se vacilasse, me furava mesmo. Mas quando chegamos na enfermaria, o 'comédia' do chaveiro viu o tamanho do agente e ficou logo com as pernas tremendo. O agente me perguntou o que tinha sido aquilo. Eu falei que tinha me furado em baixo da cama. Ele respondeu que era mentira minha e chamou o chaveiro para fora. O safado falou o que realmente tinha acontecido. O agente voltou e me perguntou de novo:

— O que foi isso aí? — Eu disse a mesma ideia de antes e me segurei até o fim. O agente não acreditou e deu uma mãozada por cima do meu ouvido, tão forte que eu girei três vezes. Depois o agente e o chaveiro começaram a me espancar do jeito que podiam.

O agente me botou para o castigo. Lá passei 18 dias, só porque eu não tinha 'cabuetado' (= entregado) o safado. Tinha levado uma furada, fui para o castigo, sendo eu a vítima, e quando sai do castigo, o chaveiro mandou ainda me isolar no pavilhão B. Quando eu cheguei no pavilhão B, levei outra pisa. Foi ruim, mas servia para eu enxergar melhor as minhas companhias de dentro do sistema. Passei seis meses no pavilhão B em Pesqueira, depois a polícia resolveu me mandar de volta á penitenciária de Limoeiro.

Ao chegar em Limoeiro, resolvi voltar a estudar na escola. Foi a melhor coisa que me aconteceu. Conclui o ensino fundamental, e hoje estou no ensino médio. Na escola conquistei várias coisas, uma das mais importantes foi o projeto sobre as crônicas. A minha crônica foi uma das escolhidas para participar do concurso literário do escritor paulista "Laé de Souza". Fiquei muito feliz em saber que dentro desse lugar eu ainda posso ser lembrado por alguém. Mas não pára por ai. Dentro da classe tive um bom resultado nas olimpíadas de matemática. Criamos um livro sobre as crônicas. Posso ser sincero? Foi show de bola.

Esse mundo em que eu convivo é assim. Se você tem alguma coisa você valera aquela coisa. Se você não tem nada, aí as coisas se complicam, você não valera nada. Mais é assim mesmo.

(Observação do coordenador: O autor do texto acima pediu explicitamente que acrescento aqui o comentário que escrevi depois de corrigir o texto dele, que era o seguinte: "Oi Walter! Gostei muito da sua autobiografia. Ela mostra que, na execução penal, há muitas possibilidades de cair, mas poucas para subir. E mostra também que a origem das maldades é na infância. E mostra que todos nós somos pecadores e vítimas ao mesmo tempo. Corrigi o seu texto, mas não mudei muitas coisas. Mesmo assim acho necessário que você leia mais uma vez com atenção o seu texto e verifique se tudo está do jeito como você quis. O que não entendi, marquei com amarelo. E há muitas expressões carcerárias no seu texto que precisam ser explicadas para os leitores. Marquei-as com (???). Na minha opinião seria bom acrescentar mais os seus pensamentos, as suas reflexões sobre os acontecimentos, seja no meio do texto ou no final. Mas só se você quiser. Obrigado pelos seus esforços, e boa sorte na sua vida!")

Adriano

Oi! Estou aqui para falar sobre a minha vida, sobre as coisas boas que aconteceram em toda a minha vida.

Bom, galera, o meu nome é Adriano, nascido no dia 15 de Agosto de 1990, filho de José Pedro Ferreira e de Marinês Berlamino da Silva. Quando eu tinha os meus sete anos de idade, a minha vida era simples. Morava com os meus pais em um bairro muito violento de Maceió, o meu pai e a minha mãe tinham muito cuidado em mim e nos meus irmãos. Como vivíamos em uma favela, eu vivia trancado em casa junto com os meus irmãos, porque o meu pai não gostava que eu me misturasse com maloqueiros. A maioria do tempo, o meu pai era um homem muito severo e ignorante, já a minha mãe era um mulher liberal, tranqüila, sabia conversar.

A separação dos meus pais

A separação dos meus pais não foi uma coisa boa para a minha educação. Eu sofri muito com esse acontecimento, a minha mãe era muito espancada por ele, o meu pai dizia que a minha mãe vivia traindo ele. Já ela dizia que não, porque ela não poderia sair de casa se quer um minuto, que ele já falava que ela estava traindo ele. Dai vinham os motivos das brigas deles. O meu irmão mais velho, o Roberto, também não gostava quando o meu pai batia na minha mãe. Um dia desses, o meu irmão foi ajudar a minha mãe em uma das brigas dele. O meu pai sem querer bateu em uma panela que estava com água quente no fogo. A panela virou e a água quente derramou encima do corpo do meu irmão. Esse foi o motivo pelo qual a minha mãe deixou o meu pai. Ele era descontrolado quando brigava com a minha mãe, matava até os pássaros que ele próprio criava em casa. Eu achava que já era coisa da cabeça dele. A minha mãe já não aguentava mais. Ele saía todos os dias para trabalhar. Certa manhã, depois que o meu pai saiu de casa para o trabalho, chegou um caminhão alugado pela minha mãe em frente da nossa casa para levar as nossas coisas. Para falar a verdade, o que a minha mãe deixou para o meu pai foi o sofá, uma cama sem colchão e o armário, e o resto foi tudo com a gente. Mudamo-nos para um lugar próximo a casa da minha tia Cícera, no bairro do Rosane Collor. Quando o meu pai chegou em casa e viu que as coisas tinham sumidas, ele ficou doido. A primeira coisa a passar na cabeça dele foi que tinha sido roubado, mais depois ele passou a perceber que era tarde e não tinha ninguém em casa. Então ele percebeu que a minha mãe tinha abandonado ele e levado eu e os meus irmãos junto com ela. Ele passou a procurar-nos durante 60 dias. Quando ele conseguiu, ele quis bater na minha mãe, mais os vizinhos que se encontravam na vila onde morávamos ajudaram a separá-los. O meu pai foi embora.

Os meus treze anos

Quando eu estava perto de completar os meus treze anos, a minha mãe decidiu voltar a morar no mesmo bairro onde a gente morava no tempo que ela era ainda casada com o meu pai. Por um acordo judicial venderam a casa na qual o meu pai ficara e dividiram meio a meio. Com a parte dela, a minha mãe comprou uma casinha pequena, com a parte dele, o meu pai comprou um terreno, e aos poucos ele levantou a casa dele, já casado com outra mulher. Naquela época a minha mãe montou um salão de beleza. Ela trabalhava o dia todo, mal tinha tempo para cuidar de nós filhos. Vivíamos soltos na rua, todos sujos, hahaha. Só tomávamos banho quando era a hora de dormir. Achava chato quando o meu pai passava pelo bairro voltando do trabalho.

Uma vez ele me viu pegando “bigú” em uma caçamba. pelo meu reflexo eu vi ele na hora que eu estava correndo atrás do veículo. Tentei disfarçar, mais não teve jeito. Fui pego com a boca na botija. Não tive para onde correr, só corri para casa. Ele me deu umas lapadas. Ai sim eu corri com gosto. Mas antes ele me perguntou onde estava a minha mãe, quer não estava vendo o quer eu estava fazendo, eu simplesmente respondi que ela se encontrava no salão trabalhando.

Assim eu fui criado solto na rua, convivendo com a malandragem, mas também tendo boas amizades.

As sextas-feiras

Todas as sextas-feiras eu ia ao shopping - Center. Lá existia uma concentração de meninas e meninos que estudavam nos colégios mais ricos da cidade. Foi nele que tive boas amizades. Com treze anos de idade eu tinha vontade de ter uma pessoa só para mim. Gostava de uma menina com nome de Maria Eduarda. Todos a chamavam de Duda. Mas ela não me dava valor.

Certo dia, nas férias escolares, eu chamei o meu primo para ir ao shopping. Não era para paquerar menina alguma, não. Era para se divertir! Este meu primo tinha hábito de roubar. Entramos em uma loja de brinquedos, e ele roubou três carrinhos da “Hot Wilson”. Quando eu vi os carrinhos, queria logo um para mim, mais ele não quis me dar. Neste momento o inferno da minha vida começou, porque fui lá dentro do shopping e peguei logo cinco carrinhos. Achei bom e com o tempo peguei mais e mais.

Eu e o meu primo fomos pegos pela segurança do shopping. Encaminharam-nos para a delegacia do menor e do adolescente, chamaram a minha mãe e a minha tia, a mãe do meu primo. A delegada ouviu as nossas mães e liberou-nos. Fomos para casa e ficamos de castigo sem poder sair de casa. Quando voltaram os tempos de escola, eu “matava aulas” demais, só queria ficar na rua.

Nessa época, o meu irmão Roberto já usava maconha. Ele trabalhava com bolivianos que vendiam tapiocas na praia. O serviço do meu irmão era montar e desmontar a barraca, e ainda mais ajudava como garçom. O engraçado é que essa barraca, toda desmontada, cabia em um carro de catar papelão. Às 15 horas de cada tarde a barraca tinha que estar montada e o coco já ralado, tudo bem organizado. A hora de desmontar era às 23 horas da noite. A uma ou duas horas de madrugada o meu irmão voltava para casa. Isso acontecia cada dia. Cansativo, não?

Mais voltando ao assunto: Quando voltei a sair de casa, fui para casa do meu primo e chamei-o para sair comigo, mas ele não quis. Mas de tanto insistir ele disse que sim. Pegamos um ônibus. Quando passamos por um prédio bem bonito, lhe perguntei se ele sabia o que era aquele prédio. Ele disse que sim, era o shopping cidade. No próximo ponto descemos e fomos dar uma volta dentro daquele prédio. Ao entrar em um restaurante avistei uma bolsa de mulher aberta em uma parte reservada do restaurante. Quando me aproximei da bolsa, vi um pacote de dinheiro. Apossei-me do pacote. Eram 1100 Reais. No mesmo tempo sai discretamente do restaurante, olhando para um lado e para o outro, todo nervoso, com medo que alguém me pegasse. Saímos do shopping – center e pegamos o ônibus. Dentro do ônibus mostrei ao meu primo aquela quantia de dinheiro. Ao ver ele perguntou onde eu tinha pegado. Contei para ele. Descemos do ônibus e fomos para uma parada de taxi, na direção a outro shopping. A corrida custou sete reais. Paguei com uma nota de 10 reais e deixei o troco com o taxista. O taxista ficou muito agradecido. Assim que eu e o meu primo chegamos ao outro shopping, liguei para o telefone da minha mãe e pedi para falar com os meus dois irmãos, o Álisson e o Roberto. Imediatamente eu mandei-os pegar um taxi e que vir ao shopping. Disse que pagaria o taxi. Fiquei esperando no local combinado. Eles demoraram quase um ano para chegar, porque acharam que eu estava querendo pregar uma peça neles, mais mesmo assim arriscaram. Quando chegaram, paguei o taxi e fomos nos divertir. Comprei um presente para a minha mãe. Ao chegar em casa a minha mãe perguntou quem tinha dado dinheiro à gente para comprar presente para ela, ai inventamos um historia besta e ela fingiu acreditar.

As drogas

A primeira vez que toquei em drogas para usar foi no ano de 2003 ou 2004. Nunca quis “coja” (= saber) de drogas. O meu irmão usava maconha, mais eu nunca tive vontade de fumar.

Certo dia eu fiz um roubo de 12 mil Reais. Fiquei com a minha parte de 2'750 Reais. Isso foi o meu segundo dinheiro alto que eu consegui em um roubo. Arrependo-me muito, mas no dia seguinte a polícia federal fez uma operação com duzentos homens na favela onde eu morava. Achei que era pela minha causa, por isso fiquei assustado e com muito medo. Até helicóptero teve nessa operação! Depois que essa operação passou, sai de casa para dar uma volta. Voltei muito tarde para casa. Ao chegar avistei os meus dois irmãos usando crack misturado com maconha dentro de casa. Reclamei com eles, mas nem ligaram para o que eu estava falando. Observei-os e decidi experimentar. Foi naquela noite que tudo começou. Vicie-me. Com o dinheiro que eu tinha ganhado montei uma bike que tinha comprado. O resto do dinheiro, eu usei todinho em drogas que consumi com o meu irmão.

A minha mãe tinha um bar que se localizava no mercado da produção de Maceió – AL. Fomos para lá no meio da noite, passamos a madrugada todinha nos drogando. Resumindo, comecei a passar noites e noites na favela, pedindo drogas, vendia tudo que eu tinha, até a minha bike. Nem se fala! Empenhei na boca de fumo. O meu irmão sabia e contou para a minha mãe. Ela bateu boca com os traficantes atrás da bicicleta, mais os traficantes diziam que ela não queria ideia. A bicicleta só era devolvida quando pagasse a dívida. Perdi as contas de quantas vezes a minha mãe foi buscar essa bicicleta na boca. O tempo passou. Comecei a roubar bicicletas em supermercados. A penúltima vez que roubei uma bicicleta foi com um cara chamado Orelhão. Levamos um alicate de pressão para quebrar os cadeados que se encontrassem nas bicicletas. Nesse dia conseguimos trazer duas bicicletas. Assim que cheguei na favela, troquei-as em drogas. Dirigi-me a uma casa abandonada na beira da lagoa. Quando estava lá sossegado, aproximou-se um dos traficantes chamado Waltinho dizendo que eu tinha trazido a polícia para dentro da favela. Disse que quando deixei a bicicleta, o meu parceiro chegou com a polícia para procurar-me! Quando a polícia foi embora, os traficantes foram me procurar e me acharam no barraco abandonado. Começaram a dar-me tapas, murros na cara. Eu disse que não tinha sido eu que tinha levado a polícia para lá. Um dos traficantes me mandou abrir a boca para ele colocar o cano do revólver. Eu disse que não iria abrir. Deram-me um murro na cabeça. Quando caí, fingi ter desmaiado. Pegaram-me pelo pé e me arrastaram até a água poluída da lagoa, atrás da casa. Disseram: Não desmaie não, filho da puta!

Quando perceberam que eu tinha retornado, me jogaram na lagoa, pegaram uma armação de ferro de uma cadeira de balanço e a jogaram em mim. Arremessaram também um tijolo enorme no meu peito, e só não morri porque eu tinha colocado uma das minhas mãos, e esse tijolo quebrou no meu braço. Depois me mandaram correr. Assim que eu estava numa distância de 20 metros deles, escutei os tiros. Não sei se os tiros foram dados na minha direção ou se atiraram apenas para me assustar.

Ao chegar em casa, a minha mãe viu o estado no qual eu estava; as minhas costas todas marcadas. Ela começou a chorar e pediu que eu não saísse de casa. Tomei um banho e fui dormir. Ao cair da noite, o irmão do Orelhão foi para a minha casa para saber o que tinha acontecido comigo, e pediu desculpas pelo que o irmão dele tinha feito. Eu disse:

— Tudo bem, não esquenta não. Deixa para lá. — Foi nesta ocasião que o meu irmão de consideração soube que eu tinha apanhado. Chamou-me para roubar bicicletas. Quando chegamos em um super-mercado, os seguranças ficaram de olho em nós. Primeiro pegaram o meu irmão. Sai correndo e dispensei a bolsa com o alicate de pressão. Os seguranças me seguiram em um carro normal e conseguiram me pegar. Ao chegar no supermercado, vi que o meu irmão estava sendo espancado pelo chefe de segurança. Queriam que eu e o meu irmão déssemos de conta das bicicletas que eu tinha roubado dois dias atrás. Falei que não tinha como porque tinha vendido-as na feira de troca. Fomos para a delegacia. Mais uma vez! Ali ficamos sete dias presos, até que o meu advogado apareceu no setor das celas dos presos, com a cara fechada. No finalzinho da tarde fomos liberados e fomos para casa.

Como conheci o meu irmão “Nem” e Attylas

Eram onze horas da noite. Eu, o meu irmão Roberto e um amigo nosso, o “Rock”, estavam na frente da nossa lanchonete. De repente chegou Gil, um amigo do meu irmão Roberto, junto com um cara e Attylas, o motorista do carro preto no qual chegaram. Ficamos até tarde, eu tomando refrigerante e eles tomando cerveja e cheirando uma substância química chamada “loló”. Eu era muito ameninado naquela época, porque queria aprender a dirigir. Ficamos muito próximo de Attylas, gostávamos muito dele. Ele me apresentou o filho dele, “Nem”, que Deus o tenha! Naquele tempo não tínhamos maldades com ninguém, só coisas boas. Mas uma coisa que não deu muito certo foi a minha secura de dirigir o carro naquele dia. Sem querer quebrei a caixa de marcha do carro dele, ou pelo menos foi isso que ele tinha achado que tinha quebrado. Mais ao amanhecer ele retornou de taxi á lanchonete e disse que não foi tão grave não. Ele pagou a conta da lanchonete e foi embora. Eu já estava dormindo e não vi quando ele retornou, mas me disseram que ele ficou um pouco chateado por isso, e ficamos mais que um ano sem se falar.

Os meus relacionamentos

No bairro onde eu morava aconteciam pagodes aos finais de semana. Num destes eventos conheci Luciano. Considero-o muito, e ele me considera. Ele me chama de primo, e até hoje tenho uma grande amizade com Luciano. Conheci Fernanda através dele. Foi assim: Outros dias da semana, ele e a banda tocavam em um churrasquinho chamado M & C, conhecido como “Pagode do Gelo”. Foi ali que conheci Fernanda. Ela tinha quatro filhos. Naquela época eu só tinha 16 anos. Fiquei apaixonado pela Fernanda, só que a Dona Cida, responsável pelo pagode do gelo, era a ex-sogra de Fernanda. Dona Cida não aceitava o meu namoro com Fernanda, por dois motivos: Primeiro porque eu era menor de idade e Fernanda tinha 30 anos. Mas a gente se amava, pelo menos por mim era amor! O segundo motivo tinha a ver com Breno, o filho de Cida. Ele tinha ido embora por causa de uma briga com caras da pesada na qual ele tinha se envolvido. Isso acontecera no estabelecimento da própria mãe. Cida era contra o meu relacionamento com Fernanda porque ela ainda queria que a Fernanda voltasse com o filho dela. Eu já estava morando na casa da Fernanda, junto com os filhos dela e Cida. Tanto inferno que Dona Cida tinha feito para separar-me de Fernanda. Era muita coisa que Fernanda escutava da Dona Cida, tudo isso pela minha causa. Decidimos separar-nos. O pagode ficava em frente a Praia do Sobral. A nossa despedida foi na beira da praia, à noite. Ela chorou muito. Chorei também, sofri demais. Ela foi embora e nunca mais eu a vi.

Depois de conhecer Patrícia, convivi quase seis anos com ela. Ela me falou que me via nos lugares e me achava bonitinho. Eu disse para ela que bonitinho era perto de feio. Peguei o telefone dela. Quando a adicionei no Orkut (um site de relacionamento), ela aceitou o meu pedido de amizade. Pela internet conversamos a noite toda, e passamos a nos conhecer melhor. Ela fazia parte de uma torcida organizada chamada “Mancha Azul”, do time CSA, o que significa Clube Sportivo Alagoano.

Eu também gostava do time, só que eu não tinha o conhecimento onde ficava a sede da torcida. Passei a frequentar essa torcida, notava que os jogos ficavam cada dia mais violentos. Percebi que não era para mim. Todos tinham uniformes, não queria que ela fosse mais para esses lugares com a torcida. Falei para ela que queria ficar com ela, que a minha pessoa ficou afim dela. Ela não acreditou e marcou comigo em um show que ia ter nos próximos dias. O show era do “Cavaleiro do Forró”. Ao chegar no show eu a vi, mais ela não me viu. Passei a maior parte observando, querendo ver como ela vê, como ela agiria, só ou com as amigas. Quando me cansei de ficar só, fui ao encontro dela. Ficamos juntos quando acabou o show. Fui levá-la até uma parada de taxi e ela foi para casa. Em seguida peguei o taxi e fui para casa também.

Para falar a verdade, os quatros primeiros anos que eu convivi com ela, gostava muito dela. Quando ela engravidou de mim a primeira vez, o pai dela não aceitou a gravidez tão fácil assim não. Ele queria que ela abortasse a criança. Eu disse que não ia fazer isso, que iria criar o

meu filho. Mas com dois meses de gravidez, Patrícia começou a sangrar. No outro dia fomos fazer a ultra-som. A médica disse que não havia mais feto nenhum na barriga de Patrícia. Ela ficou desesperada, voltou chorando no ombro da mãe para a minha casa. Ela me pediu desculpa. Eu respondi que não tinha porque ela me pedir desculpa. A gente iria tentar de novo.

Eu saí e fui dar uma volta para aliviar o estresse que tinha passado por Patrícia ter perdido a criança. Tinha lhe prometido que a gente iria ter um filho meu. O tempo foi passando. Tive uns problemas com uns caras, por isso fiquei afastado da casa da minha mãe, e Patrícia ficou morando com a minha mãe.

Quando voltei a morar com a minha mãe, ela estava com planos de ir morar em São Paulo. Quando ela foi embora, fiquei em uma casa alugada: Um primeiro andar pequeno, só para mim e Patrícia. Naquela época eu estava usando drogas, crack com cigarro misturado. Cada dia, no comecinho da noite, eu saía para roubar. Quando eram umas nove horas da noite, eu já estava em casa, usando drogas.

17 mil Reais

Certo dia eu chamei o meu primo para fazer um arrastão. Ele topou. Quando saímos, andando a pé, vimos numa distância boa dois homens saindo de uma casa, com uma maleta. Quando se dirigiram a um carro, abordei-os e levei a maleta e o carro. Quando o meu primo abriu a maleta, viu que tinha a quantia de 17 mil Reais nela. Abandonamos o carro na hora. Quando cheguei em casa, dei 3 mil ao meu primo e fiquei com 14. Nesse dia fiquei com tanto nojo de usar drogas que eu não quis mais saber de droga. Com o dinheiro comprei uma moto e uns moveis para a casa.

Conheci uns caras que também roubavam. No meio deles tinha um conhecido meu, o Diego, o filho da rainha do tráfico de Maceió – AL, “a Madona” horas só existe o nome!! Que Deus a tenha.

O tiro

Quando comecei a andar com Gordo e Mago, eles tiveram um atrito por causa de uma mulher. Um queria matar o outro por causa dessa mulher. Gordo falava que o Mago estava com malícia para cima de mim. Por isso já comecei a ficar atento. Numa dessas noites Mago ligou para mim me pedindo uma das minhas armas que eu tinha naquela época. Eu disse que não queria ficar sem arma, e fui atrás dele, em um Gol e com boné na cabeça. Quando o vi na calçada da casa do amigo de Gordo, dei o primeiro tiro na direção dele, só que a minha pistola tinha travado, e ele conseguiu correr. Fui embora. O Mago não tinha visto quem teria dado os tiros nele! Mas me toquei que não estava fazendo o certo. Decidi afastar-me deles. Conheci uma mulher chamada “Nana”. Era a mulher de um ex-traficante que tinha morrido na guerra do tráfico. Um dia ela me chamou para almoçar no centro da cidade. Nesse almoço rolou um beijo entre nós dois. Eu disse para ela que tinha esposa, e que ela estava grávida. Ela me pediu que eu deixasse para ficar com ela, mas eu disse que não daria certo. Fomos embora. Deixei-a na favela e fui para casa. No outro dia, ela ligou para mim pedindo que nos encontrássemos em um bar chamado “Bar do Coco”, que fica na lagoa Mundaú. Ao chegar nesse bar, sentei na cadeira. Tinha deixado a moto em frente à mesa. Esperei por ela mais de meia hora, mas ela não apareceu. Liguei para ela. Nada. Quando ela finalmente atendeu, ela disse que estava chegando. Nesse momento passaram dois caras meio estranhos. Fiquei cismado. Ao subir na moto, eles vieram na minha direção, atirando. Pulei da moto e comecei a correr. Quando percebi que estava baleado na barriga, pressionei o buraco do tiro e corri mais ainda. Corri para a casa do Diego, o filho da Madona. Jenny, a irmã de Diego, gritou: “Mãe! Corre que o Adriano está baleado!” Quando ela me viu baleado, me mandou sentar na calçada para esperar um socorro. Fiquei sem ar para respirar. Os meninos foram pegar um carro no lava - rápido para me levarem ao hospital. Ao chegar à unidade de emergência, fui sedado e encaminhado para a sala de cirurgia. Quando acordei, já estava todo costurado, com Patrícia ao lado da cama. Quando ela

soube que eu tinha sido baleado, ela desmaiou. Sorte que não perdeu o bebê. Esta foi a minha primeira cirurgia da minha vida. Fiquei só dois dias no hospital. Depois não aguentei mais ficar com duas sondas. Assinei um termo de responsabilidade e fui para casa para recuperar-me. Sofri, mas passou. Resolvi ir à São Paulo para morar com a minha mãe. Passei nove meses com ela. Já tinha me separado da mãe da minha filha, ela ainda foi atrás de mim em São Paulo. Passou uns três ou quatro meses comigo, depois voltou para debaixo da saia do pai e da mãe em Maceió, e eu continuei vivendo em São Paulo. Quando a minha filha nasceu, eu trabalhava em um Buffet chamado “Brinca Piá”. Nos dias normais de atendimento eu era porteiro, e nos dias de festas eu era manobrista e segurança. Deixei o emprego com dois meses. Depois me dediquei à minha habilitação que estava tirando naquela época.

Eu estava doido para pegar a minha filha nos braços. Por isso voltei para Maceió. Ao chegar, fui ver a minha filha. Fiquei muito feliz, achando que ia ter a minha família de volta. Mas na mesma hora o telefone da Patrícia tocou. Eu atendi. Era tal de Junior dizendo ser o namorado da Patrícia. Quando olhei diretamente no olho da Patrícia, eu disse: Toma teu namorado, ele quer falar com você. Virei às costas e fui embora para morar na casa do meu pai.

As mentiras de Patrícia

Nos 4 anos dos 6 que eu convivi com Patrícia eu amava muito ela, mas nos 2 últimos anos eu só escutava mentiras. Já não gostava mais dela como no começo da relação. Discutimos e brigamos muito. Já não aguentava mais. A última vez que eu a deixei, eu trabalhava em um posto de combustível, começava de 2 horas da tarde e largava às 10 ou 11 horas da noite. Chegava em casa depois de meia noite. Uma vez, quando cheguei em casa, a minha filha estava sozinha com a vizinha. Perguntei pela mãe. Ela disse que a mãe tinha ido para o show com as amigas, poucos minutos antes que eu cheguei. Na mesma hora eu liguei para ela e disse que se ela não chegasse em meia hora, amanhã pela manhã iria deixar a minha filha na casa da avó, e que iria dar queixa contra ela sobre abandono se ela pegasse a minha filha. Neste momento a minha filha acordou. Não tinha nada para ela comer! Mandeí um maloqueiro comprar um lanche no “Passaporte” para nós comer. Depois dessa refeição fomos dormir. Nada da Patrícia chegar. Ao amanhecer fiz o que eu prometi: Deixei a minha filha na casa da avó e fui embora.

Vida de solteiro

Fui morar no sítio de um tio meu. Tinha acabado de comprar uma moto 250 cilindradas e comecei a trabalhar de moto-taxista. Com muito tempo trabalhando sofri um acidente nessa moto. Na hora do acidente conhecia muita gente que morava nas proximidades do local do acidente. Estava deitado com a cara cheia de sangue quando Patrícia chegou, chorando e perguntando: Cadê o meu marido? Cadê o meu marido? Uma mulher, que me conhecia e estava ciente pelo que eu tinha passado na minha vida por causa da Patrícia, disse: “Tome vergonha na sua cara, Patrícia. Você fez o menino disso e daquilo, e agora o Adriano ... Pode deixar que eu vou com ele para o hospital!” Patrícia respondeu: “Não, pelo o amor de Deus! Ele é pai da minha filha! Deixa-me ir com ele, por favor!” Decidiram que Patrícia ia me acompanhar na ambulância dos bombeiros. Ao chegar ao hospital, costuraram o corte no rosto e fizeram o curativo. Ao sair do hospital, o meu pai e o meu primo estavam esperando. Eu disse que queria ir para o sítio. Na mesma hora o meu pai e Patrícia me chamaram para irem para casa deles, mas eu disse que não ia. De tanto Patrícia implorar, eu fui me recuperar na casa dela. Depois de recuperar-me, Patrícia decidiu ir para São Paulo. No dia da viagem, essa mulher ainda me humilhou na frente de todo mundo na rua. Fiquei passando uns dias em um barraco na favela, até a minha moto ficar pronta. O seguro não quis pagar o conserto da minha moto porque o dono do carro que tinha batido em mim não teria pago algum documento do contrato dele. Assim que resolvi, peguei a minha moto e voltei a trabalhar. Prometi-me que não iria passar pelo que já passei: Não iria me casar. Fui humilhado demais por causa dela e até agora estou solteiro, mais eu sonho em

achar uma pessoa especial para mim que queira algo à sério comigo, que queira o meu amor, o meu carinho e a minha atenção, e que também queira construir uma família de verdade!

A minha viagem para o Pernambuco

Em Maceió me encontrei com a minha irmã Márcia. Ela fez uma proposta para mim, comecei a escutar o que ela tinha para me falar. Ela me convidou para morar com ela em Pernambuco. O meu cunhado estava preso e tinha que comprovar para o juiz que estava residindo no estado.

Fiz um trabalhão e arrumei o dinheiro do aluguel da casa. Dei 400 Reais a ela e ela veio para a cidade de Limoeiro. Quando eu vim, tentei arrumar um trabalho, mas não deu muito certo não.

Conheci dois moleques, o Val e o Etinho. Fui com Etinho para Lagoa do Carro, uma cidade próxima de Limoeiro, para roubar um carro, no qual voltamos para Limoeiro para pegar Val. Depois fomos para cidade de Bezerros para guardar esse carro. Quando chegamos no sítio, a polícia já estava de tocaia. Val conseguiu fugir, mais eu e o Etinho fomos pegos. Apanhamos muito da policia, levamos até choque nos testículos. A polícia achou o endereço do meu pai que mora em Maceió, em um papel onde tinha o endereço da casa da minha irmã onde eu estava morando, em Limoeiro. Logo a polícia decidiu ir até essa casa. Ao chegar lá, a polícia arrombou a porta e recolheu todas as matérias de pertence. Por causa disso eu vim parar aqui na penitenciaria Dr. Enio Pessoa Guerra, em Limoeiro. A minha entrada aqui foi no dia 12 de Outubro de 2012. E agora, dia nove de Outubro de 2013, completo mais de um ano aqui sem audiência. A justiça daqui de Pernambuco é uma merda!

Mas hoje posso dizer: Eu sou um novo homem!!! Graças a DEUS.

Anselmo

Reflexão da minha vida

Nasci em 1986. Vim de uma boa família que nunca me deixou faltar nada, uma família de boa conduta e respeitada na cidade onde morávamos. Certo dia, eu acordei e percebi que o tempo já tinha passado um tempo bom, eu já estava crescendo e não era mais aquele bebê pequeno e frágil. Estava completando oito anos de idade. O meu pai junto com a minha mãe, a minha irmã, os meus amigos fizeram uma festa de aniversário para mim, na minha casa. A festa era surpresa. Um amigo meu que sabia da festa, mas não me contou, ficou na missão de me tirar de casa até a hora de começar a festa. Saímos para andar de bicicleta. No final da tarde voltamos para casa. Ao chegar, percebi aquele silêncio. Abri a porta. As luzes acenderam e todos começaram a cantar parabéns. Fiquei sem o que falar. Não sabia se chorava ou sorria de alegria. No dia seguinte, o meu pai me levou pra me ensinar a dirigir carro. Fiquei alegre, pois era o que eu mais queria.

Com os meus nove anos já era um bom motorista. Quando saía pra viajar ou passear com os meus pais, quem era o motorista era eu. O problema só era um, era quando tinha blitz, o meu pai passava a ser o motorista, porque eu era menor de idade e não tinha habilitação.

Com os meus onze anos ganhei um cavalo de presente de aniversário do meu pai. Todos os fins de semana, eu e os meus amigos saímos para passear de cavalo, e farra, uma vida tranqüila com pais atenciosos e dedicados e exemplares, sempre colocando eu e a minha irmã no caminho certo. Mas eu só queria saber de farra. Era uma criança com tudo na mão, mas só puxava para o lado errado. A minha irmã, contudo, sempre era focada nos estudos. Formou-se em pedagogia. Aos 17 anos ela já estagiava em uma escola municipal da cidade, aos 18 anos já estava dando aula e estava contratada pela prefeitura. Aos 19 anos fez o concurso público da prefeitura e passou em segundo lugar. Ficou afetiva enquanto eu estava ainda estudando.

Durante o dia eu estava na escola e de noite na balada. Esta era a minha rotina. Aos meus 16 anos, arrumei o meu primeiro emprego. Foi numa casa de rações que se chama “Mirando Agropecuária”. Era um emprego bom porque não precisava pegar transporte para me deslocar da minha casa para o trabalho, sim, morava em frente à loja de rações. Eu fiquei alegre por ter o meu trabalho e não precisar depender do dinheiro dos meus pais, e também por poder desfrutar daquilo que eu estava ganhando. Infelizmente o meu pai não gostou e foi até a loja. Sem eu saber ele falou com o dono, Fabio Miranda. O meu pai alegou que eu era muito novo e também ainda estava estudando. Mas Fabio respondeu que sabia disso, mas que não era um problema para ele. Disse que sabia de toda responsabilidade comigo e que não precisava preocupar-se, pois eu estava em um bom lugar, pelo menos eu ganharia o meu dinheiro e não estaria na rua andando com pessoas erradas. Expus que nem todo tempo teremos os nossos pais para cuidar de nós. O meu pai aceitou e me permitiu de trabalhar na loja. Fiquei contente, e logo modifiquei a minha rotina: Trabalhei durante o dia, de segunda à sexta-feira, das sete horas da manhã às cinco e meia da tarde, nos domingos das sete horas até meio-dia. À noite ia para a escola. Ao largar como sempre ia para a balada, balada e mais balada. Nos dias de férias da escola, quando a bagaceira era maior, só tinha hora de começar, mas para terminar, só Deus quem sabia. Quando a loja fechava, eu e Fabio Miranda íamos para balada, e às vezes até durante do horário do trabalho. George, o outro menino que trabalhava comigo, não ia para estas nossas festas. Ele era mais caseiro, só curtia festas quando era época, como Carnaval, São João, a festa da padroeira da cidade, que é a Nossa Senhora da Soledade, Natal e fim de ano. Porém eu e Fabio saímos todas as noites. Nas sextas-feiras à noite, a noiva de Fabio vinha do Recife para passar o fim de semana com ele, e Fábio dizia que estava triste. Quando eu perguntava por que, ele respondia gracejando:

— Hoje nem vou tomar umas! — Ele aproveitava do sábado para ir comigo buscar ração e abastecer a loja, mas ele não me acompanhava para ajudar e sim para tomar umas cervejas.

Isto sempre foi assim até hoje. Quando fiz os meus 17 anos eu queria saber de nada, o que queria era apenas curtir a vida.

No final de 2003 o meu pai ficou doente. Eu, a minha mãe e os meus dois irmãos o levaram a um hospital no Recife. Chegando lá ele ficou internado. Retornei para casa sem ele, e a minha mãe ficou junto com ele junto com os meus outros irmãos. Passei a virada de ano só com a minha irmã e sem os nossos pais, no quintal da nossa casa, pedindo a Deus muitos anos de vida para os nossos pais e que nada de ruim acontecesse com eles.

No dia 6 de janeiro a minha sobrinha que estava no Recife acordou, olhou para o meu irmão e disse:

— Pai, sonhei com o vovô e ele que ia embora descansar e que ninguém se preocupasse, pois ele ia estar bem. — Todos se acordaram e ficaram naquela agonia, enquanto eu e a minha irmã estávamos em casa sem saber de nada ainda. Quando a minha irmã acordou, ela me chamou para receber o dinheiro da aposentadoria do nosso pai. Partimos para Carpina. Chegando ao banco, a minha irmã colocou o cartão no caixa. O dinheiro foi liberado pelo caixa e o peguei. Ao terminar de conferir, a minha irmã olhou para mim e falou:

— Este é o último dinheiro que recebi com paiinho vivo. — Eu reclamei com ela:

— Você está doida! — Mas naquele momento o nosso pai já estava morto. Os meus parentes que estavam no Recife avisaram esta notícia triste à sogra da minha irmã, Dona Fátima, e esta, junto com Emerson, o noivo da minha irmã, procuraram uma forma de nos contar. Resolveram contar de uma vez. Ao chegar de Carpina, eu e a minha irmã paramos na casa de Dona Fátima, mas mesmo sabendo da morte do meu pai eles não contaram nada à gente. Emerson que era baterista de uma banda de forró falou para a minha irmã que ia buscá-la em casa para comprar duas peças de instrumento em Limoeiro. Voltamos para casa onde tudo estava tranqüilo. Almoçamos e depois a minha irmã se arrumou e esperou Emerson chegar. Deitou-se no sofá. Eu estava sentado no chão, escorado no sofá, quando chegou Emerson, junto com as duas irmãs, o pai e a mãe dele, e Isabelle, filha de Elias. A minha irmã ficou sorrindo por ver a família toda para ir comprar duas peças de bateria, mas eu percebi algo estranho e foi raciocinar o porquê daquele povo todo para um simples motivo. Quando Dona Fátima entrou, olhou para a minha irmã e falou:

— Minha filha, chegou a hora. Não tem como fazer nada: O seu pai faleceu! — Aquilo foi uma notícia que até hoje eu fico lembrando. A minha irmã aos choros eu sem pensar, sem saber o que fazer. Peguei o meu carro e sai para encontrar-me com a minha mãe. Quando Dona Fátima nos dara a notícia, o corpo do meu pai já estava quase chegando em casa. A minha mãe veio na frente com o meu sobrinho Leozinho. Ao dobrar uma rua, dei de frente com eles, e voltei para casa. Deixei a minha mãe em casa e fui para Limoeiro para pegar o meu tio. Por eu ser menor de idade, fui á casa de um amigo o meu que era habilitado, e fomos juntos para Limoeiro. Cheguei na casa do meu tio, e voltei para casa. Viram todos os meus irmãos e a minha família e amigos. Quando o corpo do meu pai chegou, eu e os meus irmãos enfeitamos o caixão do meu pai com flores, e veio a parte ruim, a chora de enterro. No cemitério fizemos todos os procedimentos do funeral, aí então perdi uma parte de mim. Perdi alguém importante da minha vida, um pai amigo companheiro, uma pessoa no qual eu podia contar em qualquer momento.

No dia seguinte, passando tempo para ver se cicatrizava a ferida do destino, voltei à loja de rações, retornei aos estudos, mas para eu tentar recuperar-me de tudo aquilo que tinha passado com o meu pai. Os meus amigos me levaram para passear, pra que eu tentasse esfriar a cabeça. Voltei para as baladas. Eu já não queria nada mais com a vida, e com a morte do meu pai, a minha cabeça virou. Fiz os meus 18 anos, a idade que o meu pai estava esperando eu fazer para tirar a minha habilitação. Mas infelizmente não deu certo. Fiz 19 anos, e as noitadas de festa aumentaram cada vez mais. Chegou 2006. Desocupei a casa onde morava porque fiz uma casa de festa para mim. Coloquei uma faixa na entrada da casa divulgando o nome da casa, (BBS BIG BROTHER SELMINHO). Cada dia tinha umas horas de festa, que tinham hora de começo e fim segundo os horários da escola. Pois o pessoal que iam tinham horário de voltar

para casa. Até quatro evangélicas iam, uma das irmãs crente bebia qualquer tipo de bebida. Ao terminar a festa, às dez horas, eu levava o pessoal para o colégio, pegava o nosso material escolar, e voltava para a rua. Chegando à praça, esperava o restante da minha equipe, da bagaceira. Só tinha hora de começar, terminar era em qualquer hora. Mas não durou muito tempo, pois um vizinho meu incomodou-se com aquelas festas. Ele falou para a cunhada dele:

— Vou tomar uma providência. Esta festa vai acabar de um jeito ou de outro. — Ele estava certo, conseguiu: No dia 4 de Setembro de 2006 eu e quatro amigos meus fomos presos, acusados por assalto à mão armada. A polícia nos levou para a delegacia. A vítima que era o meu vizinho estava lá sem saber o que dizer. Sempre vinha com uma história diferente, e nós lá dentro de uma cela, como se fossemos animais ferozes. A polícia não encontrou nada com nenhum de nós, sem prova, só o vizinho dizendo que achava que fomos nós. O delegado acusou-nos de assalto qualificado a mão armada (artigo 157 do código penal), de tentativa de homicídio (artigo 121) e formação de quadrilha (artigo 288).

Foi aí que acabou com o resto da minha vida de cidadão. A justiça me fez bandido. Chegando o dia da nossa audiência, a vítima e os nossos advogados começaram a audiência. A juíza, Doutora Maria do Carmo de Moraes Neto, juíza da segunda vara da Comarca de Carpina PE, dá início e pergunta a vítima, o Senhor Josimar, como foi que aconteceu. E ele contou a versão dele. A juíza perguntou:

— Foram esses meninos que o assaltaram? — Ele respondeu:

— Doutora, parece que foram esses meninos, mas não tenho certeza que foram eles. — Antes dele falar isto, ele tinha dito que conheceu um pela voz e outro quando tirou do seu braço um relógio de ouro. A juíza perguntou:

— Só um tocar de mão, você conheceu como? — Ele disse:

— É que ele freqüenta a minha casa. — Quando a juíza fez a pergunta se ele tinha certeza que tínhamos sido nós, ele disse que não tinha certeza. A vítima apresentou três versões diferentes: Falou que o assalto acontecera perto da casa dele, e por último perto da minha casa, mas a pesar de todas essas histórias a juíza nos sentenciou a sete anos e seis meses de cadeia. Quando o vizinho viu que aquilo se agravou, ele tentou resolver, fazendo uma declaração que em momento algum citou o meu nome e que eu tinha sido uma vítima igual a ele, mas esta declaração não foi suficiente. O pessoal do comércio, os meus vizinhos e amigos da escola fizeram baixos assinados, pedindo a minha liberdade. Eu era primário, sem antecedente criminal, mas a justiça não me deu nenhuma chance, condenando-me sem prova, a pesar da minha prova em mão, a declaração feita pela vítima confirmando a minha inocência a justiça com toda prova que não foi eu que pratiquei o crime a justiça me condenou a sete anos e seis meses de cadeia.

Passei um ano e sete meses preso em regime fechado. No dia 25 de Março de 2008, com cinco meses de atraso, fui para o regime semi-aberto, onde eu devia ficar um ano. Tirei dois anos e oito meses. Em 20 de Setembro de 2010 fui para Itamaracá, na antiga PAZ, com a minha cadeia tirada. Passei mais oito meses em regime fechado. No dia 5 de Maio de 2011 ganhei a minha liberdade condicional. Dentro do tempo que passei no regime semi-aberto, eu voltei a trabalhar na loja de rações, voltei também a estudar. Terminei o meu primeiro ano do ensino médio. Em 2009 e 2010 não consegui voltar a estudar porque só tinha vagas no horário da noite, e a noite eu tinha que estar na cadeia. Pedi ao juiz que me libertasse para eu ir estudar e quando largasse eu voltasse para a cadeia, mas não deixou, o meu pedido foi negado. Mas eu com a minha cabeça erguida fui sempre caminhando em frente. Ganhei a minha liberdade condicional numa quinta-feira. A alegria foi grande – não para mim, mas sim para a minha mãe Dona Zefinha, a minha família e amigos, amigos verdadeiros, não aqueles que dizem que são teus amigos, mas na hora que você precisar deles te dão as costas.

Eu já fui vítima e ainda sou vítima destes amigos. Até 2006, antes de eu ser preso, eu tinha muito amigos, nunca ficava só. Às vezes queria sair só, mas parecia que eles me achavam por nada. Eu gostava de locais reservados, os bares que eu frequentava eram aqueles que ficavam localizados nos sítios. Os meus amigos iam aos locais onde eu andava e me

encontravam. Mas no dia que fui preso foram os primeiros a me criticar. Há aquelas pessoas que mal falam com você, e você mal fala com elas, e eles lhe dão mais atenção que aqueles que estão ao seu lado. Muitos não estão ao seu lado por gostar ou porque te consideram como uns irmãos como dizem, mas estão perto de você e interessados no que você tem. Testar o seu amigo é fácil: Entre numa situação ruim da sua vida, e você vai ver que de fato vai ficar ao seu lado. Imagine que você tem um carro ou uma moto, chega um fim de semana. Diga para o seu amigo:

— Hoje não vou sair. — Ele vai te perguntar:

— Por que? — Você vai responder:

— Estou sem dinheiro para colocar combustível e para pagar as bebidas. — Ele vai olhar e dizer:

— Beleza, eu vou ali, já volto. — O amigo verdadeiro que não tem olho grande para as coisas que você vai dizer:

— Não tem problema, vamos. — Um amigo verdadeiro não é aquele que tira as pedras do seu caminho, mas sim é aquele que te ajuda a caminhar sobre elas.

Cheguei em casa na quinta-feira, e no dia seguinte fui até a loja de rações. Fabio me deu um aperto de mão e falou:

— Pensei que não ia sair mais dali. — e perguntei se posso voltar a trabalhar na loja. Ele responde:

— Não, porque o movimento da loja está fraco. Mas é bom você arranjar um trabalho fichado. — Então eu falei:

— Fiche a minha carteira! — Ele falou que não podia. Levei na educação e na esportiva, e disse:

— Se aparecer alguma coisa, me avise, ok? — Ele falou:

— Pode deixar. — Sai triste, com o coração partido, não pelo fato de ter sido negado um emprego, mas pelo fato de ter sido renegado por preconceito, e também por não receber ajuda na hora que precisei. Ajudara ele muito, fazia tudo aquilo que estava ao meu alcance, mas quando eu precisei, virou as costas para mim. E fui embora. Chegando à praça em um moto-taxi de um amigo meu, alguns amigos que já passaram por presídio vieram na minha direção com aquela alegria, fazendo uma recepção de boas vindas. Fiquei surpreso.

— Estás fazendo o que? — perguntaram.

— Estou procurando o que fazer.

— Não se preocupe! Vem trabalhar aqui!

— Mas estou sem moto.

— Eu já disse: Fica despreocupado!

No sábado, dia 7 de Maio de 2011, foi o meu aniversário. Fui para Recife com a minha irmã para passear, depois voltamos para casa. Na segunda-feira fui procurar vaga na escola. Encontrei uma, mas tive que ir a uma escola pegar a transferência. A segunda-feira seguinte era o meu primeiro dia de aula. Ao entrar na sala, todos ficaram me olhando porque alguns sabiam que eu estava preso e tinham me soltado, mas foi tranquilo. Alguns minutos depois o meu celular tocou. Era um menino do moto-taxi. Atendi e perguntei o que era. Ele falou:

— Eu deixei uma jaqueta do moto-taxi para você.

Na terça-feira à noite, quando estava no colégio, ele ligou de novo:

— Vem aqui na moto-taxi! — Eu pedi licença à professora e fui. Quando cheguei lá, ele tinha locado uma moto para eu trabalhar. Peguei a moto e voltei para a escola. No outro dia fui para o moto-taxi. Fiquei alegre por ter achado um emprego.

Passei uns dois meses no moto-taxi, mas o lucro era pouco para mim, porque o domingo era dia de pagar o aluguel da moto, da jaqueta e do ponto: total setenta Reais por semana. Percebi que estava mais gastando que ganhando. Conversei com a minha mãe sobre o assunto. Pedi a ela para tirar uma moto para mim. Expliquei assim:

— Eu pago o aluguel da moto, eu pago hoje e já devo na mesma hora, e nunca vai ser a minha.

Ela concordou comigo. Fui com ela na loja de moto, mas por conta de um empréstimo recente que ela tinha feito o vendedor não aprovou, pediu os meus dados. Passei para ele na sexta-feira. Ele ligou para mim e disse que o meu cadastro foi aprovado. Na quarta-feira a minha moto foi liberada. Fui buscá-la, e as coisas foram melhorando para mim. Comecei a divulgar o meu número de celular. Assim consegui pegar uma boa clientela. Tinha várias viagens certas durante o dia, e a tarde buscava crianças para o colégio. Estava com uma renda mensal de 600 a 900 Reais. Dei entrada na minha habilitação. No dia 2 de Dezembro de 2011 peguei a minha habilitação. Eu que tinha começado com as coisas dos outros já estava com os meus próprios objetivos. O dono do ponto me financiou a jaqueta, e deste jeito fiquei com a minha própria moto, jaqueta e habilitação. Tudo querendo dar certo. Fui levando esta nova rotina. Só uma coisa que estava faltando era resolver o meu vício pelo crack, uma das coisas que eu aprendi dentro da cadeia.

Voltei a estudar, e passei para o terceiro ano do ensino médio. O meu Natal foi uma maravilha, pois passei junto com a minha mãe e a minha família e amigos. A virada de ano também foi boa coisa, depois de passar tanto tempo sofrendo na cadeia. No ano 2012 tentei de buscar o tempo perdido. Vi que o trabalho de moto taxi estava ficando ruim. A concorrência era grande, eram muitos ex-presidiários. O povo dizia que era o ponto dos bandidos, uma revolta minha. Para ajudar não há ninguém, mas para atrapalhar são muitos. Resolvi colocando currículos em lojas comerciais. O último que coloquei foi em uma funerária. Os patrões falaram quase o mesmo:

— Pode deixar que assim que aparecer uma vaga, te chamamos. — Fiquei só esperando alguém ligar, mas nada aconteceu.

Eu sempre encima, batalhando para levantar a minha vida e o meu futuro. Mas outra vez o destino me deu uma rasteira, no dia 28 de Abril de 2012. Faltavam três meses para a minha formatura. Eu estava pilotando com alta velocidade, A 120 quilômetros por hora. A polícia bateu com a viatura na minha moto, e eu caí. Os policiais ainda deram vários tiros em mim. Quem me viu caindo falou:

— Ele está morto. — Mas graças a Deus eu não tive nada grave, só alguns aranhões. Levaram-me para ser atuado em flagrante, depois ao hospital para fazer o corpo de delito. Ao entrar na sala do médico, ele olhou para mim.

— Este é para fazer encaminhamento para a cadeia? — perguntou ao policial. O policial confirmou. O médico olhou para mim.

— Ele não tem nada — falou.

Colocaram-me na viatura, levaram-me para a delegacia e depois para a cadeia pública de Lagoa de Carro PE. Fiquei preso de novo. Esta vez a acusação era tráfico de drogas (artigo 33 do código penal). Estava viciado, mas fiquei preso como traficando. Cheguei todo ensangüentado. No domingo à noite a minha mãe mandou as minhas coisas, roupa, comida e medicamentos. Dois presos que estavam na cela de castigo comigo me ajudaram a fazer os meus curativos, pois eu nem conseguia fechar a mão. Depois de quinze dias, nem parecia que tinha acontecido algo comigo. Quando chegou o dia da minha audiência, pensei que ia sair, mas tudo deu errado. Mais uma vez a justiça não me deu chance alguma. A juíza foi mais uma vez Doutora Maria do Carmo de Moraes Melo. Ela deu início. De todos policiais que participaram da minha prisão só havia dois que testemunharam contra mim. A juíza Doutora Maria do Carmo perguntou a eles:

— Com a pedra de crack que foi pega com ele, tinha alguma pronta para venda? — Ele responde que não. — Tinha gilete, plástico para embalar? — Também não. — Dinheiro? Balança? Outros utensílios necessários para a venda? — Falaram que não. Ela perguntou se tinha alguma coisa que comprovasse ou caracterizava que ele estava traficando. Negaram.

— Ele é de alta periculosidade na sociedade? — continuou perguntando.

— Não. Ele é um menino tranquilo, eu o conheço. Trabalha de moto-taxi.
— Você tinha suspeita, denuncia ou algo parecido? Continuou a juíza.
— Não. — responderam. — Nós nem sonhávamos que ele estava andando com estas coisas. Ela olha para eles e pergunta por que eles tinham me prendido, e eles responderam:
— Ele passou por nós normalmente, mas minutos depois recebemos uma ligação anônima. Voltamos e o abordamos. Achemos duas pedras de crack em posse dele.
Quando chegou a minha vez de falar, a juíza perguntou se as pedras eram as minhas.
— Sim, eu sou viciado. — respondi. — Eu comprava certa quantidade grande para não precisar ir e vir na localidade para comprar de pouquinho e pouquinho.

A audiência estava indo bem. No final a juíza falou:

— Você vai voltar agora. Vou mandar para alegações finais.

E logo chegou o resultado. A minha advogada saiu comigo abraçada e disse que esperava que estivesse tudo para eu sair absolvido. Mas me transformaram de viciado em traficante. A juíza me sentenciou para seis anos de cadeia em regime fechado. A justiça não quis saber se eu era viciado ou traficante, me condenaram logo e tiraram outra parte da minha vida. As pessoas da cidade me viam com outros olhos, como bandido. Falaram que eu era o patrão dos traficantes, o chefe da cidade. Cada um disse alguma coisa, até a polícia tentou de eliminar-me da sociedade. Eles tinham andado pela cidade em um carro descaracterizado, esperando um vacilo meu e uma boa oportunidade para me matar. Pergunto-me o porquê desta perseguição, desta raiva, o que foi que eu fiz com essas pessoas. Por que eles querem ver-me preso ou morto? Mas tenho Deus comigo, e ele está sempre me protegendo.

Durante o Natal fiquei muito triste. Pensei na festa do ano passado quando estava na minha casa, e me vi aqui neste inferno. Chegou o fim de ano, ainda aqui neste lugar, mas graças a Deus estou com saúde, estou bem. O dia 6 de Janeiro era domingo e dia de visita. A minha mãe junto com a minha esposa. Thálita a minha esposa conheci na cadeia de Lagoa do Carro, o irmão dela estava preso na mesma cela que eu estava, ele me apresentou e daí fomos conversando, no dia 9 de dezembro de 2012 dia do aniversário dela ficamos juntos e demos início ao nosso namoro até hoje, veio me visitar as duas sempre alegre e contente, a minha mãe uma companheira, a pessoa da qual eu podia e posso dizer que é uma verdadeira amiga que tenho e na qual confio. Nunca me abandonou e sempre estava comigo na hora boa e ruim da minha vida. A minha esposa também, mas mãe sempre está em primeiro lugar. Nos dias de visita a minha mãe sempre estava ali na fila, era sempre uma das primeiras.

Neste dia, 6 de Janeiro de 2013, ela olhou para mim.

— Você sabe que data é esta? — disse.

— Sim. — respondi. — Hoje faz nove anos que paiinho faleceu.

Quando a visita terminou, ela me deu um abraço forte e um beijo.

— Falou meu filho! — disse ela. — Te cuida, fica com Deus! — e foi embora.

Passou a segunda-feira. Na terça-feira, dia 8 de Janeiro de 2013, quando o dia amanheceu, eu estava tranquilo, mas senti que algo ruim estava para acontecer.

A minha mãe acordou alegre como sempre. De manhã recebeu a televisão que mandara para ela de presente. Ela ficou contente. Para o almoço ela pegou o prato e colocou um pouco de feijão, macarrão, carne e come. Ao terminar ela comeu três mangas espada. Às cinco horas da tarde a minha irmã largou do colégio e foi com ela até a padaria para comprar pão. Na frente da padaria ela passou mal. A minha irmã chamou um taxi, e levou-a ao hospital. O médico a examinou, passou um medicamento e mandou-a para casa. Quando ela chegou em casa, ela colocou toda a manga para fora, e com minutos depois ela começou a passar mal. A minha irmã levou-a de novo ao hospital. O mesmo médico atendeu ela, lhe deu um soro e aplicou uma dose de "Diazepan" na veia dela, junto com o soro. A minha mãe nunca tomara este tipo de medicamento. Quando terminou de tomar o remédio, o médico deu alta e mandou a minha mãe para casa de novo. A minha irmã, o meu irmão, a minha esposa, o meu sobrinho não

concordaram com esta decisão e pediram ao médico de deixá-la passar a noite no hospital. Mas o médico respondeu:

— Pode ir, isto é normal, não é nada grave.

Os meus parentes levaram a minha mãe para casa.

— Estou bem — falou ela ao chegar — Vou dormir um pouco por conta do efeito do medicamento.

Com alguns minutos a minha esposa foi até o quarto dela e percebeu que a minha mãe estava sem conseguir respirar e ficando roxa. Levaram-na de volta ao hospital, mas foi tarde. Ela já tinha falecido. O médico tentou a reanimar, ela voltou, mas não conseguiu, e chegou á óbito.

Era quase 10 horas da noite. Eu estava na cela, um menino estava sentado perto da grade.

— Chegaram uma esposa e algum preso daqui. — falou. Ao terminar de falar, o chaveiro me chamou. Fui ver quem era, e vi a minha esposa com um aspecto triste. Chegou perto de mim e contou o que tinha acontecido. Fiquei desesperado, preso, sem poder ir perto da minha mãe.

A minha mãe estivera com uma dor por um alimento que lhe fez mal, e o médico falou que não era nada grave. Segundo o laudo médico, a causa da morte foi “infecção alimentar e parada cardíaca”. na minha opinião a minha mãe faleceu por erro médico. Quantas pessoas também já foram vítimas desses profissionais!

Na quarta-feira foi o enterro, a minha esposa e a minha irmã foram no fórum para pegar uma ordem para eu poder ir ver a minha mãe. Conseguiram, mas o guardião da cadeia me falou que não tinha escolta. Aquilo foi uma resposta que me deixou mais revoltado.

— Não tem escolta para me levar para ver a minha mãe, mas para vim me prender não faltou até carro que não tinha a ver, entrou no meio da prisão.

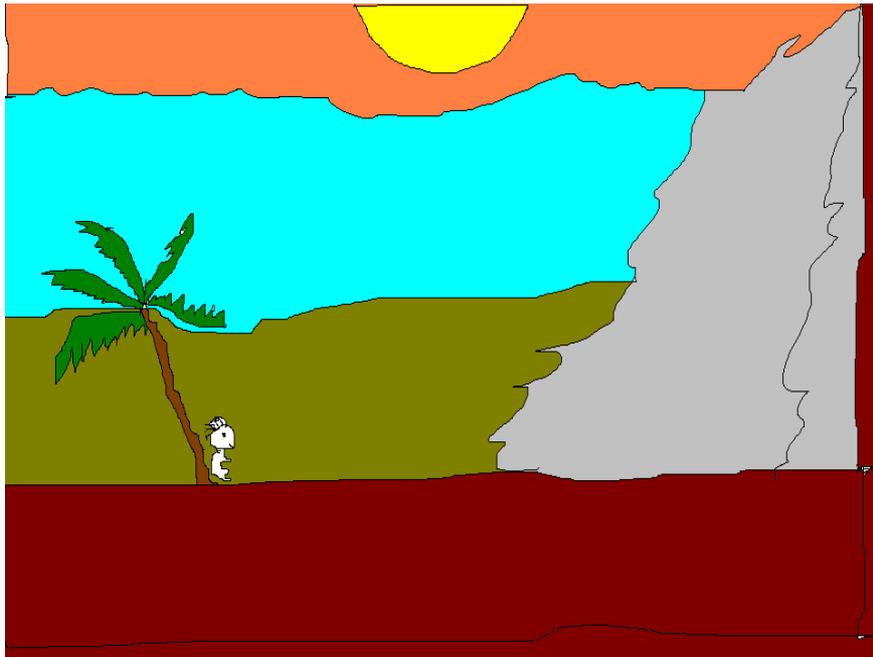
O meu advogado conseguiu uma escolta que me levou até a casa da minha mãe. Quando a vi, fiquei sem palavras. Acompanhei o enterro, depois de tudo voltei para a cadeia.

Daí por diante só sofri atraso na minha vida. No dia 21 de Fevereiro de 2013 fui transferido para Carpina, por engano. Não era para eu ir para Carpina, mas sim para Limoeiro, pois a minha sentença saiu pra eu cumprir a minha pena na penitenciária de Limoeiro e me levaram pra cadeia pública de Carpina. Dezembro de 2012 era para eu estar em Limoeiro na Penitenciária. O dia 16 de Abril de 2013 fui transferido de Carpina para a penitenciária de Limoeiro. Logo depois dei o meu nome para freqüentar a escola. Cada dia eu vou para a escola, passo o dia lá. É bom porque me distraio e aprendo com os professores e até mesmo com os outros alunos. Estou correndo atrás da minha liberdade, atrás do tempo perdido. É difícil ser acusado por algo que não fiz e ser criticado por um e por outro.

Mas a vida é desse jeito: Cheia de altos e baixos. Hoje podemos estar numa maravilha, amanhã podemos estar tristes. Assim é o nosso cotidiano da nossa vida. Por isto lhe recomendo: Deixe quem quiser falar de você, pois por mais certo que você ande, sempre vai ter alguém que vai falar e criticar você por alguma coisa. Só não deixe de correr atrás dos seus objetivos. Pois é com eles que você conseguirá a vencer todos os seus obstáculos que a vida lhe coloca no seu caminho. Quem não gostaria de ter uma nova oportunidade na vida? Quem em alguma situação não pensou em nascer de novo? Jesus disse:

— Eu afirmo ao Senhor que isto é verdade: Ninguém pode entrar no reino de Deus se não nascer da água e do espírito. Quem nasce de pais humanos é um ser de natureza humana. Quem nasce do espírito é um ser de natureza espiritual.

Como eu queria poder voltar no tempo e trazer os tempos novos da minha vida! Como queria ter a minha mãe e o meu pai de volta! Quem perdeu fui eu: Perdi a minha liberdade, a minha mãe. Estou tentando apagar as coisas ruins da minha vida. Fico só com as lembranças e os fatos bons que passei toda a minha vida até a data presente que eu me encontro onde é que eu esteja.



(Ilustração do autor Anselmo, feita na biblioteca da escola)

Eduardo

Tudo começou na minha adolescência. Era uma adolescência normal, até quando me envolvi com novos amigos — amigos esses dos quais eu podia dizer: Esses são os meus verdadeiros amigos na hora da alegria em todas as ocasiões.

Mas as minhas amizades foram ficando cada vez piores quando comecei a usar drogas. Naquele exato momento eu pensei: As drogas vão me fazer feliz para o resto da minha vida. Foi no decorrer do tempo que percebi que isso era uma ilusão. Começaram os conflitos com as pessoas das quais eu pensava que fossem os meus verdadeiros amigos.

Daí para frente, a situação piorou. Eu também parei de refletir e pensei que as mulheres e o dinheiro iriam superar todas as ilusões. Mas tudo continuou.

Certo dia, eu ouvi falar de um homem que dava um jeito ou tinha uma solução. Tentei ter certeza se era verdade e se ele poderia dar um jeito nisso tudo. Conversei com este evangélico. Quando este servo do Senhor falou sobre Deus e deu o seu testemunho sobre Jesus e as maravilhas que ele tinha feito na sua vida, foi neste exato momento que eu decidi aceitar a Deus. Tive a maior certeza que sem Deus o homem não é nada.

João

Chamo-me João e nasci no ano 1987 em Campina Grande, no interior da Paraíba. Sou filho de Alfredo e Ruth, o quarto dos sete filhos do casal. A minha família na época era humilde e bastante conturbada devido ao álcool. O meu pai, apesar de ser um homem rude e ignorante, era um homem muito trabalhador. Não deixava o alimento faltar para a sua esposa e os seus filhos. O maior defeito dele era a bebida alcoólica. Tinha o hábito de ingeri-la com frequência, e quando estava sob o efeito do álcool, costumava brigar e agredir a sua esposa na frente de nós, os seus filhos pequenos.

Em busca de uma vida melhor

Quando completei quatro anos de idade, a minha família decidiu ir em busca de uma vida melhor na cidade de São Paulo, local onde a minha família já havia morado antes do meu nascimento. Chegando na capital paulista, encontramos-nos com outros membros da minha família que nos aguardavam com muita alegria. Juntos, partimos para onde seria a nossa nova morada. Era um barraco de madeira em uma das favelas da grande metrópole. Depois de alguns dias, o meu pai conseguiu arrumar um bom emprego como segurança em um bairro nobre da cidade. Apesar de estarmos morando em uma favela, vivíamos razoavelmente bem.

Comecei a estudar aos sete anos de idade, sempre esforçado. Demonstrava grande interesse em aprender. Destacava-me entre os alunos mais avançados da turma.

Meu pai, o foragido

As brigas dos meus pais eram frequentes. A minha mãe sempre levava a pior. Um dia, ao retornar do trabalho, o meu pai avistou um homem fumando maconha em frente da nossa casa. O meu pai reprimiu o homem, falou que possuía crianças pequenas em casa e não queria que ele fumasse ali. O homem, sem dizer uma única palavra, retirou-se. Alguns dias depois, ao voltar do trabalho, o meu pai se deparou com o mesmo homem fumando maconha em frente da nossa casa. Não pensou duas vezes, sacou a pistola que sempre carregava consigo e efetuou alguns disparos, levando o homem a óbito instantaneamente.

Eu e os meus irmãos estávamos dentro de casa. Ao ouvir os barulhos dos tiros, saímos para ver o que havia acontecido. Ao nos darmos conta do que realmente aconteceu, ficamos bastante assustados, pois éramos apenas crianças e não sabíamos o que viria a acontecer.

Depois de cometer o homicídio, o meu pai passou a viver foragido. A minha mãe não quis mais acompanhá-lo. Isso era o fim de vinte anos de casamento conturbado.

Ruth Guerreira

A minha mãe continuou a viver no mesmo local comigo e os meus seis irmãos. Agora a responsabilidade de criar-nos ficou só para ela. Que batalha, todos os dias em busca de alimentos para nós!

Com muita dificuldade os dias foram passando, e com a ajuda de um tio conseguimos mudar-nos para um bairro melhor; deixamos a favela para trás. Na época possuí treze anos de idade. Eu era um bom menino e ótimo estudante. Consegui um emprego de office-boy. Trabalhava meio período em um dos bairros mais ricos de São Paulo, no bairro dos "Jardins". Trabalhava durante o dia e estudava de noite, e tudo estava correndo bem na minha vida...

Único amor

Até me apaixonar por uma linda garota de aproximadamente a mesma idade, que morava próximo a minha casa. Ela chamava-se Danny. Eu fazia tudo para ser notado por ela, mas ela não dava bola para mim. Todos os dias, quando era hora de Danny voltar da escola para a casa dela, eu tomava banho, trocava de roupas e ia de encontro a ela, só para ter o

prazer de cruzar com ela na rua. Mas Danny parecia não perceber o grande amor que eu sentia por ela, um amor puro e verdadeiro.

Com muita insistência e com a ajuda de uma tia de Danny consegui namorar com o meu grande amor. A minha alegria estava completa. Nunca havia sentido tamanha alegria em toda a minha vida.

Após alguns dias de grande alegria ao lado da minha amada, já fantasiava vários planos para a minha vida. Mas o destino cruel e traiçoeiro não permitiu que os meus planos viessem a se realizar. Uma tragédia envolveu dois membros da minha família e deixou todos muito abalados. Todos decidiram voltar para Campina Grande.

Como eu era menor de idade, tive que ir junto com a minha família. Nascera na Paraíba, mas foi em São Paulo que cresci, conheci o meu amor, e era lá também onde ela estava. Com o passar dos dias, semanas e meses, só aumentava a minha aflição. Como o corpo precisa do coração para viver, eu precisava de Danny para o meu coração continuar a bater. Nunca falara com a minha mãe e os meus parentes sobre os meus sentimentos, sobre as coisas que eu sentia e pensava. Por causa disso sofria calado. Pensava: Tenho de voltar para lá de qualquer forma.

O caminho do mal

Em Campina Grande conheci um grande traficante, que era amigo de um dos meus primos. Um dia, ao caminhar pela cidade, ele me foi apresentado, e o meu primo disse que eu havia chegado recentemente de São Paulo. Daquele dia em diante comecei a frequentar diversos locais com o mesmo. Depois de alguns dias ele fez uma proposta, a de eu buscar em São Paulo uma quantidade de droga. Em troca receberia um bom valor em dinheiro pelo transporte. Não me dei conta em que mundo estava preste a entrar. Aceitei, não pelo dinheiro, mas sim por achar que essa seria a grande oportunidade de ir reencontrar o meu amor.

Sem dizer nada aos meus familiares, viajei para João Pessoa, onde encontrei um rapaz que confeccionou uma carteira de identidade falsa com a minha foto que entregou a mim junto com uma passagem aérea e uma quantia em dinheiro para as despesas.

Embarquei no avião para São Paulo. Chegando lá me encontrei com alguns traficantes. Juntos, fomos para uma pousada, e no dia seguinte fui para o lugar onde a minha amada e algumas colegas estudavam. Ao avistar-me, ela ficou bastante surpresa. De imediato me fez várias perguntas, e eu respondi esclarecendo como conseguirei chegar até ali, e com o que estava envolvido. Falei a verdade para ela. Danny ficou bastante assustada, e a partir daquele dia não demonstrou mais interesse por mim. Depois dessa conversa voltei à pousada, com o coração partido e muito magoado por ela não ter entendido o que eu estava fazendo.

No dia seguinte voltei para o Nordeste, desembarquei na cidade de João Pessoa onde entreguei a droga a um traficante. Em seguida comprei a passagem e voltei para Campina Grande onde morava com a minha mãe e os meus irmãos.

Na cidade reencontrei o amigo traficante que me pagou uma ótima quantia em dinheiro. Anteriormente eu nunca havia pegado uma quantidade daquela para mim, e além do mais de uma forma tão fácil. Isso me deixou muito entusiasmado. Estava plantada a semente da ambição. Quando voltei para casa, encontrei a minha mãe bastante preocupada. Ela quis saber por onde tinha andado e o que havia feito. Menti que tinha ido trabalhar em uma viagem com um amigo caminhoneiro e não tinha dado tempo de avisar, pois o caminhão estava de saída quando fora convidado.

A subida

Mesmo viajando, não deixei a escola de lado, e sempre que estava na cidade não faltava na escola. Sempre fui dedicado aos estudos. Chamava atenção das garotas, estava sempre bem arrumado e com muito dinheiro no bolso.

Muitos outros convites foram feitos. No início aceitei porque queria ver a minha amada, depois já era devido ao bom dinheiro que ganhava e ao luxo e às garotas que o dinheiro proporcionava. Viajei diversas vezes e sempre fazia amizade por onde andava. Consegui adquirir o respeito de todos os traficantes com os quais mantinha contato.

No início viajava da Paraíba para São Paulo e de São Paulo para Sergipe, mas depois também para Minas Gerais, Paraná e Paraguai. Tornei-me conhecido e respeitado. Com o conhecimento que já possuía e o dinheiro que já havia ganhado, comecei a comprar para mim próprio e a vender para traficantes dos estados de Sergipe e Paraíba.

A primeira prisão

Após chegar em São Paulo de uma viagem que fiz ao Paraguai para comprar drogas, me hospedei no hotel onde costumava ficar no centro de São Paulo. Lá um rapaz já me aguardava para fazer o transporte da droga para a capital do Sergipe na manhã seguinte, pois já era início de noite e não encontramos mais transporte naquele horário. Bastante cansado da viagem, tomei banho, jantei e em seguida fui para a cama. Acordei-me tarde da noite com várias batidas na porta. Era a polícia. O rapaz que era dependente químico tinha aberto uma das embalagens, feito um cigarro de maconha e acendido no local. Quando o gerente sentira o cheiro, acionara a polícia.

Ao abrir a porta recebi um forte golpe de um dos policiais, e caí no chão. Enquanto isto, os outros policiais invadiram o quarto de hotel e de imediato avistaram algumas caixas. Ao abrirem, constataram que o conteúdo nelas existente era maconha.

Fui algemado ali mesmo no chão. O rapaz que estava comigo foi algemado também após ser espancado no local. Fomos conduzidos para a delegacia. O rapaz, por ser maior de idade, foi encaminhado para o presídio, e eu, por ser menor de idade, fui encaminhado para o centro de internação provisória da FEBEM.

Com o dinheiro que já possuía contratei um excelente advogado. Alguns dias depois houve a audiência, e o juiz determinou que eu ficasse em liberdade assistida e fosse recambiado para a minha cidade na Paraíba.

E assim foi o que ocorreu. Depois de 15 dias, acompanhado por um agente penitenciário, percorri todo o trajeto até a casa da minha mãe. Após ela assinar alguns papéis com o termo de responsabilidade, o agente voltou para São Paulo.

Depois do susto

Duas semanas depois de ser deixado na casa da sua mãe, eu estava novamente a caminho do Paraguai, e negociando novamente com os traficantes.

Sentia-me poderoso, pois só passei poucos dias preso, e pensava que se fosse preso novamente, sairia com facilidade, pois tinha dinheiro para pagar bons advogados.

Com pouco tempo adquiri carro, moto, adorava o luxo. Quando estava na escola, era o centro das atenções. Estava ganhando um bom dinheiro que gastava com mulheres, festas e bebidas. Em outra viagem estava trazendo drogas e várias balas de fuzil que um colega meu havia me encomendadas. Consegui comprar estas mercadorias facilmente no Paraguai.

Fui preso outra vez em uma blitz da polícia rodoviária federal entre os estados de Sergipe e Alagoas, na cidade de Própria. Fui levado para a sede da polícia federal na capital Aracaju, e depois de ouvido, fui encaminhado para o centro de internamento provisório. Desta vez gastei praticamente tudo que havia ganhado com um bom advogado que fez um acordo com o juiz, para que eu pagasse o equivalente a doze salários mínimos para a construção de um poço artesiano no município. Dois meses e quinze dias depois, eu estava novamente em liberdade. Voltei para a Paraíba quase sem dinheiro. O que sobrou não dava para cobrir as despesas para uma viagem ao Paraguai e comprar drogas.

Com tudo que estava acontecendo, não abandonara os estudos. O ano estava chegando ao fim. Consegui fazer algumas provas e passei de ano.

Um vereador que havia sofrido um atentado contra a sua vida me chamou para fazer a sua segurança. Andava pela cidade armado e nem sequer era incomodado pelos policiais da cidade, pois sabiam que eu era um segurança de um vereador muito conhecido na região.

Através desse vereador com o qual trabalhava, conheci outro vereador de outra cidade que fez uma proposta: O vereador pagaria uma alta quantia se eu aceitasse assassinar um grande empresário que era o seu desafeto. Como eu estava precisando de dinheiro para fazer as minhas viagens, aceitei.

Fui algumas vezes à cidade da minha futura vítima para avistá-la e saber o local que ela costumava frequentar. Descobri que a vítima costumava fazer caminhadas todas as manhãs no pátio do posto de gasolina, do qual ela era a proprietária.

Convidei um colega meu para pilotar a moto enquanto fizesse o serviço.

No dia e na hora combinados seguimos para a cidade da vítima. Chegando lá desci da moto, fui de encontro com a vítima e fiz o serviço. Sentei na moto, depois deixamos o local. Já próximo da cidade onde morávamos fomos presos em uma blitz. Na delegacia fomos interrogados, e fui levado para a FUNDAC de João Pessoa, pois ainda não tinha completado 18 anos. O condutor da moto, por se tratar de um maior de idade, foi encaminhado ao presídio.

A fuga e a vida louca

Como já não possuía mais dinheiro, e nem cheguei a receber o dinheiro do serviço que havia feito, tinha que fugir dali. Com quinze dias que estava na FUNDAC consegui convencer os outros menores a fugir.

Planejei a fuga, mas um dos menores revelou isso aos agentes que nos dividiram em seguida em celas diferentes. Ameaçaram os adolescentes que não se deixassem levar pelas minhas ideias. Fiquei bastante indignado com o menino delator, e onde o avistasse iríamos acertar as contas. Planejei outro plano, com trinta dias consegui com que um dos irmãos de um interno colocasse duas serras para dentro. Durante a noite, com a ajuda dos outros adolescentes conseguimos serrar duas barras de ferro. Aproveitamos do fato que todas as manhãs os agentes trocavam de turno. Os agentes se reuniam em uma parte da unidade para conversarem sobre os acontecimentos durante o turno anterior, e enquanto os internos se reuniam, a nossa unidade ficava por um curto período sem vigilância. Foi esse o momento que eu e os adolescentes aproveitamos para fugirem.

Agora eu estava vivendo foragido, fazendo assaltos e cometendo homicídios em troca de dinheiro. Não sentia remorsos ao cometer os homicídios. Ao cometê-los pensava que aquilo deveria realmente acontecer, pois se Deus não quisesse, teria acontecido algo para me impedir. Estava sendo procurado pela polícia federal e civil, era um dos principais suspeitos de terem assassinado um promotor. No período em que estive foragido conheci duas garotas com as quais tive um filho com uma e uma filha com a outra.

Prisão, perda e sofrimento

Eu já tinha 18 anos quando a polícia federal conseguiu localizar-me e prender-me, e me levaram para a sede da polícia federal em João Pessoa, onde me investigaram por três meses. Mas não conseguiram nada que provasse que eu teria sido o autor do homicídio do promotor. E como eu era fugitivo da FUNDAC, me levaram novamente para a FUNDAC, só que desta vez para outra que possuía mais segurança.

Na FUNDAC fiz amizades facilmente. Muitos garotos me admiravam e me respeitavam. Eu sabia que desta vez não seria fácil sair, teria que passar os três anos que é a pena máxima que um adolescente pode passar. Eu tinha dezoito anos, mas o crime pelo qual estava respondendo, tinha sido cometido quando eu ainda era menor de idade. Iria ficar até os 21 anos de idade, se não fugisse dali.

A FUNDAC na qual eu estava possuía mais segurança que a anterior, tinha que planejar uma fuga, pois não pretendia passar três anos naquele lugar. Passei por duas rebeliões na unidade, sem chance nenhuma de fuga.

No dia 26 de julho de 2006 recebi a notícia que o meu pai havia falecido de uma doença no estado de Alagoas. Apesar de ter convivido pouco com o meu pai fiquei muito triste e abatido.

Com quase um ano que estava na unidade consegui planejar um excelente plano de fuga. Convidei alguns garotos em quais confiava, para ajudar-me a colocá-lo em prática. Tudo ocorreu como planejado, e em um local próximo, um colega me aguardava em um carro para dar continuidade à fuga.

Dois meses após a fuga já havia me juntado a um grupo de assaltantes. Em um dos assaltos praticado houve uma perseguição policial. O carro em que o nosso grupo estava, capotou. Descemos do carro, trocando tiros com os policiais, e todos conseguiram fugir em um matagal, menos eu que me feri durante o capotamento.

Fui preso, e me levaram ao presídio da cidade, onde fiquei preso durante dois anos. Lá conheci Ana, uma jovem com a qual tive um filho. Quando saí do presídio fui morar com Ana e o meu filho em uma casa de aluguel. Tinha que dar o sustento da minha família, mas estava sem emprego e a forma que iria conseguir dinheiro era praticando assalto. Liguei para alguns colegas da capital com os quais me reuni. Havia planejado um assalto a um grande comerciante que comprava cargas roubadas e por isso guardava uma alta quantia de dinheiro em casa. Comprei algumas fardas da polícia militar. O nosso grupo iria se passar por fiscal da receita federal e por policiais militares. O nosso grupo viajou para o interior durante a noite para cometer o assalto no outro dia, mas próximo à cidade estava acontecendo uma blitz na qual o veículo em que estávamos, foi abordado. Os policiais militares localizaram os fardamentos no porta-malas do veículo. Todos foram levados para o presídio de Limoeiro, e após um ano, todos foram liberados, menos eu que estou prestes a completar quatro anos de detenção.

Nesse longo período em que estou no presídio houve muitos acontecimentos bons e ruins que vão marcar-me para toda vida, o nascimento da minha filha caçula, por exemplo. Após o nascimento me separei da minha esposa devido às discussões constantes. Um dos meus irmãos foi assassinado por causa de drogas. Dei-me conta no dia-a-dia como o crime é podre, a desunião que existe no meio dele. Também descobri que os amigos são poucos. Muitas pessoas só são amigos nas horas boas, e nas dificuldades, aqueles que diziam serem os seus melhores amigos são os primeiros a abandonar-nos. Compreendi o quanto andei errado durante a minha vida, e me arrependo de todas as maldades que cometi. Agora que estou próximo de sair pretendo recomeçar uma nova vida.

Hoje sinto falta da época em que eu ainda adolescente trabalhava e não possuía maldade no coração.

Compreendi que O TEMPO NÃO VOLTA. O QUE VOLTA É A VONTADE DE VOLTAR NO TEMPO.

Pedro **Infância**

Para que os meus caros leitores não fiquem com dúvida: Estou escrevendo essa autobiografia ainda na cadeia. Não recebo a visita de ninguém. Sou solteiro, sou evangélico há seis anos.

O meu nome é Pedro José de Oliveira Filho. Sou natural do estado da Paraíba, e sou Brasileiro com muito orgulho dos meus pais. O meu pai se chamava Pedro José de Oliveira, o nome da minha mãe é Maria Luiza Elias. Todos eles são naturais do mesmo estado.

Acho que muitas pessoas vão ler a minha história que estou contando aqui, por isso não vou falar nada além da verdade. Nasci como terceiro de dez filhos e me criei em um pequeno sítio chamado “Riacho Preto”, distrito de Caiçara. Nasci no dia quinze de Janeiro do ano de 1977. Não tive uma infância descecente e nem especial. Morávamos no sítio, e as feiras na cidade aconteceram nos domingos. Até hoje a feira acontece neste mesmo dia da semana. Há também uma feira em Logradouro que na época era distrito de Caiçara, mas hoje é município.

Lembro-me que quando era criança, o meu pai me levava para a feira de Caiçara, numa distância de 28 quilômetros. Saíamos cedo da manhã caminhando, e caminhávamos até a feira. Chegando lá, ele gostava de tomar uma cachacinha. Ele fazia as compras, e só saía da cidade na parte da tarde, voltava para casa. Saíamos caminhando para o sítio onde morávamos. Ele saía na frente com um saco cheio de comida, e eu atrás com uma bolsa na cabeça. Ele não estava bem, mas mesmo bêbado, ele percebia. Quando eu estava cansado de caminhar pedia para ele parar de caminhar um pouco. A gente se sentava debaixo de um pé de árvores, e enquanto eu descansava, ele dormia. Enquanto ele dormia, eu brincava com as pedrinhas encima do lajeiro, que é uma pedra grande que tem no interior. Eu ficava como vigia até ele se acordar, e meio tonto voltávamos a caminhar novamente. Eu não tinha certeza absoluta do que estava acontecendo com o meu pai, mas na verdade nem ele mesmo sabia por que estava bêbado. Ele também não estava tão bêbado em ponto de não chegar em casa, e também não se esquecia de mim. Andava e de vez em quando chamava pelo meu nome, como se eu fosse um cachorrinho nos pés dele. Eu dizia:

— Painho, estou bem aqui perto do senhor!

Chegávamos à casa só de noite, às vezes com as carnes já cheirando mal. Isso acontecia só nos Domingos, porque o resto da semana era um peixinho pequeno para os dez meninos.

Lembro-me também que, quando o meu pai sentava-se à mesa para comer, ficava a observar que ele ganhava mais carnes do que eu; passava pela minha mente. Pensei para mim que um dia vou ser um dono de casa também, e vou comer como o meu pai. Vou comer o melhor pedaço da galinha. Vou ter a minha casa, uma casa verdadeira, e não uma como aquela tapera velha, onde a gente morava. Vou ter tudo de bom, todas as coisas necessárias. Mas sempre pensei em dividir com quem não tem nada.

Passou o tempo. Antes do meu pai morrer, ele ganhou uma pequena casa da prefeitura, na cidade de Caiçara, e mudamo-nos para lá. Eu tinha uns oito anos quando o meu pai adoeceu. Ele ficou com a barriga inchada, e mamãe o levou para o hospital de Guarabira. Ele ficou internado durante alguns dias, depois voltou para casa. Passaram dois dias, e ele já estava de novo com aquela enorme barriga inchada, era como se fosse cheia de gases, não sei explicar. Esta doença foi o fim dele. Ele parou de alimentar-se sozinho, quem dava comida para ele era a minha mãe. Acho que os médicos o desenganarão. Na época só quem levava o meu pai para o hospital era mãe.

Certo dia, por volta das seis horas da tarde, estávamos todos os dez meninos sentados na beira da cama dele. De repente, ele pediu um pirão à mamãe. Lembro-me como se fosse hoje: De repente, enquanto eu estava falando com ele, chegou uma vizinha, olhou para ele e falou:

— Seu Pedro está morrendo. Bota a vela na mão dele!

Não me lembro mais se chorei ou sorri. Aquele foi o último Adeus que ele nos deu. Quando ele morreu, eu tinha oito anos de idade, e ele 53.

Confesso que os anos seguintes não foram fáceis para mim de sobreviver com aquela vida da mendicância. Estou falando de mendicância porque o meu pai não nos deixou muitas coisas, porque não tinha nada para nos deixar. A minha mãe ficou com dez filhos. O mais velho já estava casado. Quem ajudava mamãe era a minha irmã mais velha que na época já era uma moça. Mas o que ela arrumava não dava para quase nada, porque éramos muitas crianças.

Outra irmã minha tinha o costume de botar ideias na minha cabeça. Certo dia, ela teve a ideia de sairmos para o sítio onde moráramos para pedir esmola, para ajudar mamãe. Pensamos e fizemos. De manhã saímos e passamos o dia todo nos sítios pedindo. Todo mundo dava alguma coisa, como um pouco de farinha, um pouco de arroz, outros davam um pouco de feijão, bom, resumindo, de tudo um pouco. Enquanto andávamos, às vezes dava vontade de comer, mas ao lembrar-nos que tínhamos os nossos irmãos esperando por nós, em casa, não comemos porque a comida era crua. Pois íamos apenas até a beira de um açude para beber água, depois voltamos para a nossa casa onde os nossos irmãos estavam esperando por nós. Ficávamos muito felizes por ver os meus irmãos esperando por nós para comer.

Não foi nada fácil. Enquanto mamãe corria atrás da pensão do meu pai, a gente, eu e a minha irmã Cleide, saíamos de casa de manhã para pedir. Só voltamos à tarde, trazendo alguma coisa para os nossos irmãos mais novos que ficavam em casa esperando por nós.

Tenho muitos irmãos e irmãs, mas sempre tem um que você mais gosta. Mas infelizmente já não posso falar a mesma coisa que falei, quer dizer que me deu vontade de falar para alguém. Se fosse hoje, falava para outra minha irmã que era com certeza Terezinha, e Maria Da luz. Com todos esses esforços, nós não éramos bem cuidados pela nossa mamãe, mas não a culpo até por que não tenho motivo para falar mal da minha própria mamãe. Acho que na época não existiam as preocupações dos pais que existem hoje, mas tenho a convicção de que ela só queria o bem para todos nós. Mas não foi fácil porque sofri muito na minha adolescência.

Certo dia, saí de casa e fui para casa do patrão da minha irmã, que se chama Basto. Se não me engano, cheguei lá na parte da tarde. Fiquei o resto do dia. De noite jantamos juntos, depois fiquei por lá esperando dar a hora de dormir. Todo mundo foi dormir, e eu fiquei acordado. Quando o dono da casa, Basto, foi dormir, ele deixou um relógio encima da estante. Foi neste momento que botei os olhos naquele relógio. Falei para mim: Vou levá-lo porque Basto não o quer mais. Peguei o relógio e botei-o sobre o meu punho. Fui embora para casa. Quando cheguei em casa com o relógio, a minha mãe me perguntou:

— Onde você pegou esse relógio? Não mente! — Falei:

— Peguei-o lá na casa de Basto. — Mamãe me mandou entrar em casa, e em seguida me deu uma pisa tão grande que até hoje não esqueci. Acho injusto: Quem mais apanhava era sempre eu que ajudava tanto mamãe, enquanto nunca vi os outros irmãos, que nunca faziam muitas coisas para ajudar, apanhar como eu. Até hoje não consigo entender o porquê de tanta raiva. Isso só acontecia porque via os outros irmãos fazendo coisas terríveis. Os mais velhos, por exemplo, saíam à noite, falavam para ela que iriam ‘fachear’ (caçar), e ela nunca procurou saber onde estavam de verdade. Eu, portanto, nunca parei de me preocupar com ela e com os meus irmãos menores.

Quando eu era criança, não passavam muitas coisas pela minha mente, mas do que nunca desisti foram dos meus sonhos. Estes são os últimos a morrer. Nunca desista dos seus sonhos! Persista, seja um insistente. Eu nunca vou desistir. E essa foi a minha infância. Não foi nada bom.

Adolescência

A minha juventude também não foi nada fácil, porque aos onze anos de idade já comecei a trabalhar. Saía de casa na segunda-feira encima de uma carroça de trator para trabalhar numa fazenda do distrito de Jacaraú. O meu trabalho era ajuntar madeira. Os homens

cortavam e eu juntava por metro. Não ganhava muito, três ou quatro vezes menos que os homens, mas o que ganhava era suficiente para mamãe comprar a farinha e o feijão para ela comer com os meninos durante da semana. Eu voltava para casa na sexta-feira de noite, passava o sábado e o domingo em casa, e na segunda-feira de madrugada já saía de novo para a fazenda. O que ganhava na época era tão pouco que a gente só comia um pedaço de carne nos Domingos, e o resto da semana era só no puro, além dos casos raros quando mãe ia pescar nos rios e riachos para pegar alguns peixinhos para comer com um bolo de feijão. Mamãe sempre foi uma mulher batalhadora, ela sempre quis o melhor para nós, só que não era do jeito que a gente queria.

Fiquei um bom tempo naquela fazenda trabalhando. No começo só ajudava aos homens a juntar lenha, mas com o tempo trabalhava junto com os homens. O dono do serviço começou a observar o meu trabalho, e numa sexta-feira tive uma surpresa: Quando recebi o meu pagamento, conferi-o, e quase caí de costa. Era o mesmo dinheiro que os homens recebiam. Eu era ainda um pirralho, só tinha doze anos. Agradei a Deus, a partir daquele dia já podia dormir tranquilo porque tinha certeza que os meus irmãos não iriam passar mais por necessidade.

Enquanto eu trabalhava, os meus dois irmãos mais velhos ficavam em casa só atanzando o juízo da minha mamãe. Eles queriam de todo jeito que a minha mamãe vendesse a casinha que pai deixou e na qual a gente estava morando. O que aconteceu? Adivinha! Mamãe teve que vender a casa. Os bons filhos da mamãe a deixaram com os outros meus irmãos pequenos na rua. Ainda hoje é muito chocante para eu lembrar-me dessas cenas, por que é muito forte. A gente tinha obrigação de alugar uma casa na mesma cidade.

Em seguida passei um tempo desempregado, e por isso a preocupação não parou, pois quem se preocupava com a família era eu. Naquele tempo dois dos meus irmãos já eram casados e moravam em casas diferentes na mesma cidade. Trabalhavam todos os dias, mas me deixavam triste porque não colaboravam comigo. Nos dias que não tinha nada para os meus irmãos pequenos comerem, você sabe o que eu fazia? Pegava um saco e saía pelas casas dos vizinhos de mamãe, e pedia alguma coisa para dar para os meus irmãos. E graças a Deus que cada vez que eu saía, arrumava algumas coisinhas como feijão, farinha, arroz, mistura e outras coisas que um mendigo precisa. Arrumava e trazia para casa.

Um dia, quando pedi esmola, me deparei com uma situação que não consigo esquecer. Enquanto caminhava em uma estrada, dei de frente com o carro de um homem que já estava à minha procura. Ele parou na minha frente e falou:

— É você mesmo? Diga que não é verdade! — Falei:

— Sou eu mesmo, Doutor. — Era Doutor Tadeu, o dono da fazenda na qual eu trabalhara. Ele pegou no meu braço, e começamos a conversar. Contei-lhe sobre a minha situação e da minha família, e a primeira coisa que fiz foi pedir um emprego àquele homem. Ele não pensou duas vezes. Falou:

— Vou levar você agora de volta para o seu trabalho. — Entrei no carro daquele homem e fui para a fazenda da onde tinha saído, mas antes fui para casa para deixar o que tinha arrumado. Falei para mamãe:

— Vou voltar agora para trabalhar de volta com Doutor Tadeu.

Eu já tinha treze anos. Foi assim que deixei de pedir esmola, no dia que aquele homem se encontrou comigo. Fiquei um ano com ele. Depois não deu mais para continuar trabalhando com aquele homem porque não tinha casa de moradia na fazenda. Eu disse para ele que só ficava se ele arrumasse uma casa para eu trazer a minha mamãe, mas não tinha, por isso resolvi procurar outro emprego.

Sempre quando trabalhava no sol quente, passavam mil e uma coisas pela minha mente. Eu fazia planos para o meu futuro. Sempre sonhei em ter a minha casa própria, mas até hoje é um sonho que por enquanto parece ser impossível realizar. Mas não desisto dos meus sonhos. Vou conseguir ter a minha casa própria, se Deus quiser, e sei que ele quer. Ainda tem

uma coisa viva dentro de mim que se chama esperança, e essa nunca vai morrer. Até porque dizem que a esperança é a última que morre. Mas dentro de mim nunca vai morrer.

No mesmo ano fui trabalhar em outra fazenda, a de João Pedro, em Belém, no mesmo estado da Paraiba. Como eu já sabia tirar leite, fui trabalhar como leiteiro. Levei a minha mamãe e os meus irmãos e alugamos uma casa na favela.

Cícero

Na época, eu tinha dois irmãos que trabalhavam em outro estado e voltavam para casa só de quinze em quinze dias. Certo dia, quando os meus irmãos chegaram do trabalho, trouxeram um amigo deles que se chamava Cícero. Esse abençoado já veio para ficar em casa. Ele ficou morando com a gente. Na época eu gostava dele. Eu e os meus irmãos éramos todos menores de idade. Aquele homem botou na cabeça da minha mamãe dela registrar os meus irmãos pequenos no nome dele. Ela aceitou, e fizeram. Registraram três ou quatro dos meus irmãos pequenos no nome dele. Eu mesmo não consenti porque me lembrava do meu pai verdadeiro. Mas gostei tanto daquele homem que até comecei a chamá-lo de pai. Ele era muito bom, só tinha um problema: a bebida. Fora deste problema ele era um homem bom, respeitador, compreensível, um amor de pessoa, apesar de ele ser um analfabeto. Não existe nenhum bom que não tenha os seus defeitos. Ninguém deste mundo é perfeito, mas só em olhar para ele dava para perceber que não era mal.

Depois de um tempo, ele saiu para o Rio Grande do Norte, onde ele tinha colegas. Lá ele arrumou uma casa para nós. Não demorou muitos dias para ele voltar para Caiçara. Chegou logo com um caminhão para levar a nossa mudança com todos. Fomos para Barra do Cunhaú para tomar conta da casa de um turista, para trabalhar de zelador. Graças a Deus, depois que aquele homem apareceu, as coisas melhoraram cem por cento, por que não me preocupava mais do jeito como antes de conhecê-lo.

Cícero era um homem muito descente, mas no final foi covarde com a minha mamãe e com a gente. Eu era ainda jovem, mas também tinha sentimento com a saída de Cícero de casa. Sofri muito, mas consegui superar toda aquela situação. Novamente mamãe ficou sozinha com os meninos pequenos e eu. Na época um dos meus irmãos assumiu o lugar dele na casa onde nós morávamos, mas antes que fosse demitido, o dono da casa pediu para o meu irmão arrumar outra casa para morar. Junto com um primo dele fez uma cabana de paus e folhas e ficamos lá por um bom tempo.

Certo dia, Cícero saiu para arrumar uma casa. Alguns dias depois ele voltou com um carro para levar-nos para Brejinho, no mesmo estado do Rio Grande do Norte. De verdade não era na cidade mesmo, mas sim um povoado chamado Santa Maria onde fomos morar. Chegamos lá, e ele foi trabalhar numa usina próxima a cidade de Goianinha, no estado do Rio Grande do Norte. Eu fui trabalhar junto com ele, mas duas ou três semanas depois fui mandado embora porque sofri um acidente. Fui mandado embora porque a própria firma alegou que eu não tinha condição de continuar sendo um funcionário da mesma. Cícero ficou e eu fui embora. Não tinha nada mais para fazer, mas nunca gostei de ficar parado. Só me restava uma opção, que era ser vendedor de pão. Felizmente apareceu essa vaga para um pãozeiro em uma determinada panificadora, na mesma cidade. Comecei a vender pão. Não ganhava muitas coisas, mas pelo menos tinha o pão para os meus irmãos pequenos. Passei um bom tempo trabalhando de pãozeiro.

Sempre tinha o sonho de ser motorista. Só que raramente tive oportunidade de aprender dirigir. Nunca desisti. Sempre quando andava a pé e os carros passavam por mim, eu pedía uma carona. Muitas vezes os motoristas me falavam mal, e eu ficava muito triste. Mas sempre fui insistente por alguma coisa que quero. Sou insistente e curioso. Talvez seja por isso que consigo algo que quero. Sempre fui persistente. Talvez seja esse meu problema.

O tempo passou, e chegou o dia que não pude mais trabalhar. O Cícero saiu de casa, e eu fiquei com a minha mamãe e os meus irmãos. Mamãe ficou naquela cidade, e eu voltei para

Barra do Cunhaú para procurar casa, porque lá onde estávamos morando, não dava mais para eu ficar com a minha mãe e os meus irmãos que na época eram menores de idade. De verdade, fui para Vila Flor, cidade vizinha a Barra de Cunhaú. Não passou muito tempo para a mamãe arrumar outro homem. Parece que era uma tentação, esse já era o terceiro, contando com o meu pai, e logo esse veio com a minha mãe e os meus irmãos para Vila Flor e começou a trabalhar em um engenho que ficava próximo à mesma cidade. No dia seguinte ele voltou para buscar a mudança. Ficamos morando no engenho de Vila Flor por algum tempo, e foi lá que conheci a minha primeira mulher.

Dinha

Enquanto eu trabalhava naquele engenho, conheci Pire. Ele era operador da carregadeira daquele engenho, daquelas máquinas que carregavam os caminhões de cana de açúcar. Fez amizade com aquele homem e com a esposa dele. Através dele conheci Dinha, e logo fui morar com ela na casa dos pais. Ela já tinha um filho de outro homem, mas não quis saber dele. Fiquei morando com Dinha.

Tem aquele ditado: Quando a cabeça não pensa, o corpo é que padece. Mas não foi bem assim. Quem padeceu não foi só o meu corpo e sim a minha alma. Como já falei no começo: Eu tinha muita vontade de ser o dono da minha própria casa, mas infelizmente até agora não consegui. No começo tudo era rosa, e não consegui enxergar os espinhos que estavam sobre as rosas. Não foi tão ruim, mas o que eu queria era ela para mim. Ainda hoje é assim: A partir do instante em que você arruma uma mulher, é claro que só é sua, não é de mais ninguém, a não ser que você queira dividir ou ser sócio com alguém, mas as coisas não funcionam assim.

A Dinha era uma mulher que na Vila Flor ninguém mais queria para mais nada. Porque era já uma mulher rejeitada por todos os homens daquela cidade. Aconteceu que logo nos primeiros dias ela ficou logo grávida. Essa foi a melhor parte, porque o que eu mais queria era ser pai, e naquele momento Deus estava realizando o meu sonho de ser pai. Só que no meio daquela alegria toda tinha outra mulher que se apaixonou por mim. O que fiz era o que qualquer homem descarado fazia: Comecei a conversar com Jerusa. Ela quis ficar comigo. O que não sabia era que ela vivia naquela pequena cidade disputando com a Dinha, a mulher com a qual eu estava morando. As duas viviam disputando os homens daquela cidade. Eu não sabia que aquelas duas rivais eram as mesmas que estavam sendo as rejeitadas por todos os homens da cidade. Realmente eu quis ficar com as duas. Se fosse para me escolher, com certeza a Dinha ia ser a escolhida, até porque estava grávida do meu primeiro filho. Eu achava que ela era a mulher certa para ser a mamãe do meu filho. Mesmo assim eu morria de ciúme dela, porque o pai do primeiro filho dela morava na esquina da casa dela.

Morávamos na casa dos pais dela. A gente se dava muito bem com o pai e a mãe dela. A mãe falou para mim:

— Pedro, Dinha nunca vai mudar. Estou falando isso para você porque gosto muito de você. Ela não merece o homem que você é. Gosto muito de você, mas não quero ver você sofrer mais tarde. — Dinha era a filha única de Dona Maria, e do João. Falei:

— Vou pelo menos deixá-la ter esse menino, e depois vou resolver a minha vida, Dona Maria.

Dona Maria era disposta, zelosa, carinhosa, um pouco compreensiva, mas um pouco só. Sei que de tudo ela tinha um pouco. No início, quando fui morar com a filha dela, eu trabalhava no engenho onde mamãe morava. O problema era que não recebíamos em dinheiro. Trabalhávamos a semana e só recebíamos um pedaço de papel que se chamava “vale compra”. Nos finais de semana, os moradores daquele engenho saíam encima de um caminhão para fazer a feira. Por isso saí do emprego.

Certo dia, quando eu estava descarregando um caminhão de terra para aterros das casas que estavam sendo construídas na Barra do Cunhaú, um homem se aproximou de mim e fez o convite para quebrar uma barreira para fazer uma horta para plantar verdura. Aceitei a

oferta daquele homem, e no dia seguinte voltei para casa desse homem. Ele me mostrou o lugar onde era para fazer a horta, e fiquei para fazer a horta daquele homem. Ao terminar este trabalho, ele me perguntou se eu queria ficar trabalhando com ele no restaurante. Falei que não sabia nada de gastronomia. Ele falou:

— Eu ensino o que você quiser aprender. Estou aqui para lhe ensinar. — Falei para mim: Vou tentar! E fiquei ali trabalhando com aquela família por um bom tempo. Aprendi a cozinhar. Trabalhei como garçom e continuei morando na casa do meu sogro. Dinha já tinha ganhado o bebê, que foi o meu primeiro filho que chamei de Cleison.

Alguns meses depois, eu tive uma decepção com Dinha: Quando ela me visitou no restaurante, ela foi ao freezer, pegou um pacote de camarão e saiu. Veio até mim e falou:

— Pedro, eu vou embora. — Falei:

— Vá! — Não sabia de nada. À noite, ao chegar a casa, fui tomar banho. Ao sair do banheiro, me sentei à mesa para jantar. Vi o camarão que ela veio servir-me. Na hora não falei nada, porque a mãe dela sempre gostou de pesca. Sempre ela mandava camarão para mim. Mas depois do jantar perguntei para ela:

— Dinha, você conseguiu aqueles camarões aonde? — Ela, com a cara de uma pessoa descarada, falou:

— Peguei lá no restaurante. — Naquele momento fiquei paralisado e pedi para ela repetir. Ela não pensou duas vezes, respondeu a mesma coisa. Fiquei com muita vergonha, mas no dia seguinte fui ao trabalho atrasado. O meu patrão falou para mim:

— O que aconteceu, Pedro, que você vem chegando essa hora? — Eu estava com muita vergonha daquela situação, mas não tinha como esconder aquela tristeza. Não sabia como falar o que tinha acontecido. Depois de muito tempo o meu patrão me pediu para falar. Depois de muitas exigências do homem tive que falar e contei para ele o caso da minha tristeza. Ele falou:

— Larga de ser bobo, rapaz! Você tem direito. Eu já tinha falado para você: O que você precisa, pode pegar. — Mas não era isso que passava pela minha mente. Nunca gostei de nada errado, e na mesma hora falei:

— Não dá mais para continuar trabalhando com você. Estou com muita vergonha. Se você tiver algum dinheiro aí para me dar que estou indo embora agora.

— Não faça isso comigo, Pedro! — falou o meu patrão, mas não teve outra opção. No mesmo dia, fui embora. Cheguei em casa antes da hora. Ao chegar, Dinha não estava em casa. Ela estava na casa da mãe dela. Fui até lá. Ao chegar à frente da casa da mãe dela, chamei pelo nome dela. A mãe foi quem me atendeu. Ela falou:

— O que aconteceu, Pedro? — Falei:

— Quero falar com Dinha. — De repente ela apareceu atrás de mim.

— Foi o que, Pedro? Por que você está aqui nessa hora? — Falei para ela:

— Vamos para casa que tenho uma conversa muito séria com você. — Voltei montado mesmo na bicicleta, eu na frente, ela atrás. Ao chegar em casa, não discuti com ela não, só fiquei sentado e sem falar nada. Ela começou a me interrogar, perguntando:

— O que foi Pedro? Fala! — Falei:

— Você quer mesmo saber?

— Sim — falou ela, e falei:

— Você acabou com a minha vida. Vou embora amanhã. — Ela falou de novo:

— Todo dia você vai embora.

De verdade eu saía para o serviço e ficava pensando comigo: O que será que ela estava fazendo? Na verdade nunca confiara nela. Muitas vezes eu já tinha ameaçado de ir embora, mas ela não acreditara. Porque eu nunca fui, mas dessa vez foi diferente. Ela pensava que nunca eu iria ter coragem de deixá-la. Na verdade não tinha coragem de deixá-la lá até porque tinha planos e muitos sonhos para construir junto com ela, mas chega o dia na nossa vida que somos obrigados a jogar os nossos sonhos para cima. Não era a minha intenção largar e abandoná-la,

mas o que ela fez para mim era imperdoável eu não perdoei. Não gosto de coisas erradas. Se fosse hoje, com certeza perdoava, mas na época não sabia perdoar. Hoje perdôo a quem me fez mal.

Ela mexeu aonde nunca ninguém tinha mexido, na minha confiança. Quero deixar uma coisa bem clara para que todos consigam entender: Quero que todos os leitores e o mundo todo saibam que sempre tive sonhos, mas todas as vezes que sonho, alguém vem para destruí-los. Mas dessa vez vai ser diferente. Sabe por que? Não tenho mais Dinha para destruir os meus sonhos.

Dinha não acreditou que eu ia sair de casa, mas no dia seguinte, de manhãzinha, peguei a minha bicicleta e sai, sem nada, só com a roupa do corpo. Comecei a pedalar às seis da manhã com destino ao paraíso. Sai de Vila Flor, passei por Canguaretama, passei por Espírito Santo, Pedro Velho, Montanha e Nova Cruz. Essas são as cidades por onde eu passava até chegar à Paraíba. Para encurtar a história: Finalmente cheguei a Caiçara, na casa da minha mãe. Fiquei na casa da minha mamãe por algum tempo. Vivia vegetando porque não sabia mais viver.

Num dia, quando não lembrava mais daquela malvada, de repente Dinha chegou à porta da casa da minha mamãe com o menino no braço e falou:

— Vim deixar o menino com você. Pelo visto você não vai mais voltar para casa não. — Falei para ela:

— Não vou. Mas não já falei para você que não te quero mais? Você não me serve mais para nada. — Ela falou:

— Agora não te sirvo mais não? — Falei:

— Sim, porque tinha me enganado com você. A sua mãe me avisou, mas não dei ouvido a ela. Mas você não veio aqui para tentar me levar de volta para você! — Ela respondeu:

— Não. E quanto ao menino, você vai ficar com ele, não vai?

— Sim. — Mas naquela hora veio na minha mente: Como vou trabalhar e tomar conta do menino? As minhas irmãs ainda estavam em casa com mamãe. De repente a minha irmã mais nova Terezinha chegou e falou:

— Eu tomo conta dele. — Assim eu sabia que o menino estava seguro com as minhas irmãs. Confesso que fiquei muito feliz. A partir daquele dia eu podia dormir em paz. Durante o dia as minhas irmãs cuidavam do menino e a noite era eu, às vezes mamãe vinha trocar o menino quando ela via que eu estava muito cansado. Aliás, ele não dava trabalho nenhum. Eu amava muito o meu filho.

Naquela época eu estava desempregado, mas no dia seguinte, depois que Dinha tinha saído, fui atrás de um emprego. Mas só saí de casa depois que ela foi embora. Pedi a mamãe o dinheiro da passagem para Mari onde morava e trabalhava o meu irmão mais velho como tratorista. Não foi fácil encontrá-lo, mas enfim consegui. Fiquei na casa dele, só ajudando a mulher dele com os meninos. A mulher dele não era uma pessoa ruim não, até que eu me dava com ela.

Fiquei na casa do meu irmão em Mari. Foi lá onde conheci Verônica.

Verônica

Verônica era uma morena dos olhos pardos, cabelos cacheados, de um metro e sessenta e cinco de altura. A minha cunhada era uma amiga dela. No início, Verônica morava com os seus pais na mesma cidade, no mesmo bairro e na mesma rua como eu e o meu irmão. Depois os pais dela resolveram mudar-se para um sítio. A gente se encontrou na rua, e perguntei-a se ela quis namorar comigo. Ela respondeu:

— Você vai ter de falar com a minha mãe e com o meu pai. — Eu falei:

— Tudo bem, eu irei amanhã mesmo falar com eles. — No dia seguinte, cedo da noite, cheguei à casa dela. Na época ela só tinha quatorze anos, e eu era o primeiro namorado dela. Comecei a conversar. Fui logo ao assunto:

— Estou aqui porque estou gostando da sua filha, e quero a permissão de vocês para namorar com ela. Quero uma coisa séria. — Daí vinham as perguntas:

— Você é de onde? O que você faz? Você bebe? Fuma? É viciado em alguma coisa?

Respondi que não tinha vício nenhum. Não demorou muito para os velhos dar a palavra final:

— Sim, mas a hora é essa. — Aceitei todas as condições. No primeiro dia só fui para falar com os pais dela. No dia seguinte voltei para casa dela mais cedo, antes do jantar, já com a intenção de falar com ela para nós fugir. No primeiro dia não tinha falado sobre este assunto porque pensava que ela ia terminar o namoro antes de começar. Eu tinha um medo danado de andar no escuro, mas dessa vez passei a ser um homem corajoso. Fiquei namorando uma semana, e combinamos a fugir. No sábado já fui para carregá-la. Fui logo cedo, acertamos tudo e voltei na hora combinada. Tudo deu certo: Ela já estava no local combinado. Só fui pegar ela e saímos caminhando como se não tivesse acontecido nada. Mas no dia seguinte logo cedo da manhã acordei com a mãe dela na porta, fazendo o maior escândalo. Falei para a mãe dela:

— A senhora quer levar ela de volta? Fique à vontade, pode pegar a sua filha, leve-a de volta. — Ela falou para mim:

— Você está brincando comigo, está? — Falei:

— Não, senhora. Estou falando a verdade. Por mim pode levar a sua filha. Fique à vontade! — Naquele dia foi um bate-boca da mãe de Verônica. Só depois de muito tempo ela resolveu ir embora. Fiquei morando com a filha dela por pouco tempo. Nunca queria arrumar uma mulher só para curtir, mas apesar de Verônica ter sido uma moça, eu senti na responsabilidade de tomar conta dela. Mas tem aquela coisa: A sogra não gosta da nora, ou a nora não gosta da sogra. Esse foi o problema da minha mamãe. Ela não gostou de Verônica, desde a primeira vez em que mamãe a viu, ela não gostou, mas me sentia na obrigação de tomar conta dela, porque ela era a minha mulher. Na época eu era muito ciumento, mas tinha muitos planos para o nosso futuro. Pensava em construir uma família e ter sempre uma vida digna. Nos primeiros meses estávamos tudo bem, muitas pessoas se admiravam com a nossa vida, apesar de eu ser mais velho que ela, mas fomos um casal exemplar, e muita gente tinha inveja da nossa vida. Eu tinha muitos sonhos a serem realizados, mas não consegui: Alguém chegou e destruiu os meus sonhos de ser feliz. Verônica não sabia de nada do que estava acontecendo, mas eu que era um pouco mais velho do que ela percebi alguns perigos que estavam perto de mim, como um tio dela. Mas isso não me desamparou nem me desanimou. O caminho que tínhamos escolhido certamente não era o verdadeiro. Mesmo assim passamos por volta de um ano juntos, mas não deu certo. Discutimos mais e mais. Os motivos eram sempre os mesmos: Eu era ciumento, mas não sabia de certeza mesmo o que queria para mim. Eu gostava muito de Verônica.

O que não sei ainda, o que tenho de aprender ainda é falar sobre o passado. Alguém que quer o meu bem alertou que não posso escrever nada que me prejudique, por isso pretendo não falar sobre tudo. Muitas vezes não funciona assim. As coisas são muito diferentes, longe da realidade.

Conheço a história de um amigo meu de infância que tinha tudo de bom para oferecer a uma mulher, ao contrário de mim. Éramos dois amigos, mas com destinos diferentes. Ele era rico, e eu pobre, ele casou primeiro do que eu, e ficamos um bom tempo sem ver-nos. Um pouco mais tarde me encontrei com ele e perguntei como ele estava. Ele respondeu:

— Pedro, o meu casamento está no fim. — Falei para ele:

— Vou ver o que posso fazer por você. — Mas pensava para mim: Como vou ajudar uma pessoa, se nem posso ajudar a mim mesmo? Tinha outra coisa que estava escondido dentro de mim: Era o dom de ajudar. Descubri isso naquele momento e comecei a procurar na mente um jeito de ajudar àquele amigo. Na época o meu casamento também estava no fim. Uma coisa que não consigo entender era que ele tinha tudo que uma família precisava, ao contrário de mim. Eu não tinha quase nada. O que possuía era uma panela e dois pratos, isso só porque o meu irmão tinha me dado. Ao contrário do meu amigo que tinha tudo, mas não era feliz. A felicidade não se vende em mercados, nem em bares. A felicidade é um dom de Deus. O casamento dele terminou primeiro que meu. Certo dia, ele falou o seguinte para mim:

— Pedro! Tenho muita inveja de você. — Fiquei sem entender nada, e perguntei:

— Por que você está falando assim comigo? — Ele falou novamente:

— Tenho inveja, não é do que você tem, até porque não estou vendo nada em você que possa me fazer falar essas coisas para você. Não te conheço como um homem rico, muito pelo contrário, por fora você não dá demonstração o que está dentro. Quem consegue ver por dentro de nós é só Deus. Mas você é um homem bom. As pessoas que não prestam são as que não te valorizam, mas quem tem coração tem compreensão.

Eu sempre parava para escutar as pessoas, mas nunca tinha parado para escutar o meu próprio sentimento, quer dizer escutar os meus sentimentos. Eu era um homem muito ignorante com as minhas mulheres que arrumava. Enquanto estava dando conselhos para as pessoas, estava esquecendo-me de mim. Mas achava que aquele era o meu destino; tenho um sonho de ser um conselheiro, mas nada acontece por acaso. Se as coisas funcionassem do nosso jeito, era muito bom. Mas nem sempre é assim.

Mas agora vou continuar a minha história com Verônica: Ao contrário do meu amigo que voltou para a sua família e ficou com eles até hoje, eu não fiquei muito tempo com Verônica. Tivemos um filho que chamamos de Jeferson. Depois de passar um ano em Mari, mudamo-nos para Caiçara. Mamãe arrumou uma casa para nós morarmos, nós, quer dizer Verônica e os meus dois filhos Cleison e Jeferson.

Foi nesta casa que nos separamos. Certo dia, a minha mãe me contou que ela tinha visto Verônica maltratar o meu filho Cleison que amo tanto, enquanto eu estava trabalhando. Fiquei muito decepcionado com a mulher. Ao saber do acontecimento não pensei duas vezes. Falei para Verônica:

— Vou deixar você na casa dos seus pais de onde nunca deveria ter tirado você.

Eu não sabia o pior: Que estava sendo traído por ela. Aquela mulher que amava tanto! Não consegui entender o porquê da traição. Apesar de que eu também a fiz sofrer muito. Infelizmente a maioria das mulheres é assim. Não faltava nada para ela, mas acho que eu não era homem suficiente para ela. Agora você vai perguntar: Mas não foi você quem a tirou da casa dos pais? Foi sim, fui o primeiro porque não passei muito tempo namorando com ela. Não sei o que a levou a chegar a esse ponto, mas é assim que funciona. Meu caro leitor, não entenda mal: Estou falando da minha ex-mulher e estou falando que existem muitas semelhantes a ela. E infelizmente é assim. Olhe para os dedos dos seus pés e das suas mãos; já percebeu que não são iguais?

Sei o quanto é difícil falar algo para alguém que não entende. Estou falando de um homem que sofreu muito porque não sabia o quanto é bom e adorável ser amado por alguém. Isso mesmo, eu estou falando de mim e de Verônica. Já estou conseguindo falar sobre este assunto difícil. Tenha mais um pouco de paciência. Estou me esforçando o máximo que posso, estou tentando dar o melhor que posso. Não é fácil fazer o que estou fazendo, mas é o meu sonho de ser um escritor que o mundo todo vai conhecer.

Não vi pessoalmente aquela cena terrível, foi a minha mãe que me contou. Geralmente não acredito em coisas que alguém me fala. Tenho medo de julgar inocentes. Vejo muitas pessoas que têm prazer em condenar os outros. Agora deve passar a pergunta pela sua mente: Por que eu acreditei na minha mãe, se não acredito em coisas que não vejo? Sim, não acredito mesmo, não são todas as coisas, mas não preciso ver para acreditar. Um exemplo: Se alguém fala para você que há uma pessoa querendo matá-lo, com certeza você vai ficar com um pouco de dúvida se essa pessoa é capaz ou não de fazer o que diz.

Assim foi o meu caso: Eu tinha a impressão que estava deitando com uma mulher que estava pretendendo fazer-me o mal. Essa foi a causa de não mais acreditar nela, apesar de ter passado por muitas situações difíceis. Durante o tempo em que vivemos juntos, tinha sempre uma desconfiança dela. O comportamento daquela mulher estava me incomodando, achei melhor deixá-la. Gostei muito dela, mas infelizmente não deu para nós vivermos por muito tempo. Acho que a nossa separação foi a coisa mais importante e bela que Deus tinha feito na minha vida. Mas passei um bom tempo sofrendo, porque ela levou mais um filho meu. Quando a gente se separou, ela queria que eu nem chegasse perto dele. Fiquei tão triste que cheguei ao ponto de visitar uma “mãe de Santo” para ver se conseguia trazê-la de volta para mim, mas

fiquei sem resposta porque não tinha dinheiro para gastar com aquela bruxa. Mesmo assim tentei superar todo aquele sofrimento. Com Cleison, o meu filho mais velho, voltei para casa da minha mãe, e tentei viver a vida do jeito que Deus nos consentiu.

No final de tudo, só mãe é quem nos socorre. Não tenho mais o meu pai, mas graças ao meu Deus por ainda ter a minha mamãe. Ela está velhinha, mas não deixa de ser a minha rainha.

O começo de uma nova vida

Tem um ditado popular que diz que quando o diabo não vem, manda o secretário. Era mesmo assim. Passei um bom tempo só, sem mulher, vivendo na casa da minha mãe com o meu filho Cleison. Mas foi por pouco tempo que eu achava que estava tudo bem.

Certo dia, recebi a notícia que havia uma mulher à minha procura. Fiquei ansioso para saber de que mulher se tratava, da qual os moradores daquela cidade tanto falavam. Eu estava de bem com a minha família e com o meu filho que na época estava com dois anos. Saí à procura dessa mulher misteriosa. Sai caminhando nas ruas da cidade. De repente, dei mesmo de cara com ela. Sabe qual era a abençoada? A mãe do meu filho! Perguntei:

— O que você está fazendo aqui?

— Vim buscar o menino. — Falei para ela:

— Você não vai fazer isto comigo!

— Vou! — respondeu com um sorriso no rosto.

— Estou sim falando a verdade.

— Não faça isso comigo, por favor — repeti. Ela falou novamente:

— Sinto muito, mas vim para levar o menino e nem tente de me impedir de levar o nosso filho! — Eu não tinha nenhuma esperança de voltar para ela, mas ela sim. Fui para um cantinho reservado com ela e perguntei-a se ela tinha outra opção. Sabe a proposta dela? Ela falou assim:

— Se você volta para mim, não levo o menino, e você tem que ficar comigo.

— Negativo! — falei. — Pode levar o menino. Gosto muito dele, até porque é o meu primeiro filho e o amo muito, mas se a sua proposta final é essa ... Não tem outro acordo que podemos fazer? — Ela respondeu:

— Não tem outro acordo. Essa é a última opção. — Falei para aquela mulher que já era a hora dela voltar para lá de onde tinha vindo. Mas ela arregalou os olhos e falou:

— Não estou nem um pouco apressada. Já sabia que você iria ficar sem o seu filho.

No dia seguinte a mulher foi embora, levando mais uma vez um pedaço de mim. Ela se foi, e até a data de hoje não soube mais notícia do meu primeiro filho Cleison.

Mas tenho a esperança de, um dia, encontrar-me com ele e contar a minha história para todos os meus filhos. Vai chegar o dia que vamos nos encontrar. Tenho essa convicção e certeza no meu coração.

Fiquei mais uma vez só, morando com a minha mãe numa casa de aluguel em Caiçara. Comecei a trabalhar como vaqueiro nas fazendas. Sempre onde estava, estava comigo a minha mãe. Depois fui morar na casa do meu irmão e da esposa dele. Dessa vez este malvado morava em Caldas-Brandão. Enquanto o meu irmão saía para trabalhar, fiquei um bom tempo só ajudando a minha cunhada, tomando conta da casa, da minha cunhada e dos meus sobrinhos. Passei um bom tempo sem trabalhar, mas depois de certo tempo consegui arrumar um emprego na mesma firma onde o meu irmão estava trabalhando e morando. Era uma cerâmica de tijolos e lajotas. Comecei carregando carros de tijolos. Aprendi várias coisas, como enfornar tijolos e desenfornar. Tudo o que, mas queria era aprender a dirigir trator, porque era o meu sonho ser motorista ou operador de máquinas pesadas como pá mecânica ou outras máquinas, também de qualquer qualidade de automotores. Mas não deu tempo para eu aprender isso, porque o meu irmão saiu do emprego, ou melhor: Ele foi despedido da firma e voltou para Mari. Eu fiquei em Caldas-Brandão. Foi lá que conheci Branca.

Branca

Conheci Maria José no ano 2003. Ela tem o apelido de Branca. Quem me apresentou-a era a minha madrinha que chamo até hoje de Madrinha Socorro. Na primeira vez que nos conhecemos, já fomos dormir juntos. Lembro-me como se fosse hoje. Pensei comigo: Essa será a minha última mulher. Branca era uma mulher evangélica. Ela tinha só uma menina. Ela falou:

— Se você quer morar mesmo comigo, tem que aceitar a menina. — Não pensei muito para responder:

—Tudo bem — respondi para ela. — Você pode ter até mais de um filho. — Na época eu era evangélico também e morava numa casa de aluguel. No mesmo dia em que fomos morar juntos, ela já ficou grávida da minha filha Vitória. Não custou muito para ser despedido da firma onde estava trabalhando, e fiquei sem emprego. Mas logo chegou um homem para chamar-me para plantar cana de açúcar em Sapé, que é uma cidade que fica a onze quilômetros de Mari e 16 quilômetros de Caldas-Brandão. Todos os dias eu saía de Caldas-Brandão para trabalhar em Sapé. Depois de pouco tempo, o dono da usina, Doutor João, arrumou outro serviço para mim. Tratava-se de tomar conta de vacas numa fazenda nas zonas rurais de Sapé. Quando cheguei a casa, informei Branca sobre este novo emprego. Primeiro ela não gostou, mas depois consegui convencê-la de aceitar o emprego. Viemos morar na fazenda do Doutor João. A minha família era pequena naquela época, só eu, a minha mulher e a filha dela que se chama Amanda. Eu gostava dessa menina, e ela me chamava até de papai.

Sempre quando pensava que estava tudo bem, tinha que aparecer uma pessoa para querer me atrasar. Parece que isto era o meu destino. Sempre estava insistente, mas não tinha jeito.

Esta vez era o administrador da fazenda, Machado, uma pessoa malvada. Ele ficava muito no meu pé, e comecei a desgostar dele. Falei com Branca que iria sair deste emprego, ou melhor, entregar o serviço. Ela me perguntou:

— E a gente vai para onde?

— Deus proverá! — falei. — Fique tranqüila. Nós não vamos voltar para casa do seu pai. Vou arrumar outro emprego para mim. — Ela me perguntou:

— Onde e como? Agora não está nada bom! — Falei para ela:

— Não se preocupe! Deus vai dar-nos outro emprego! — Branca me fez a pergunta:

— Será que vamos viver assim, sem ter um cantinho para nós criar os nossos filhos? — Já tinha Amanda, e estávamos esperando a minha filha que é o amor da minha vida.

Sáimos da fazenda de Doutor João, e fui trabalhar durante pouco tempo na fazenda vizinha cujo dono se chamava de Aparício. Foi lá que conheci a família do seu Deda, a esposa dele, Dona Gilda, e os dois filhos deles. O nome da menina era Germana, mas não me lembro mais do nome do menino. Seu Deda era uma pessoa boa. Também não passei muito tempo trabalhando na fazenda desse homem. Não me lembro mais quanto tempo fiquei no serviço dele, mas foi pouco.

Entreguei o emprego, e saímos da fazenda para voltar para casa do meu sogro, em Caldas-Brandão. Foi o tempo que a mulher descansou. Eu não tinha emprego. Comecei a pescar. Passava a noite toda pescando, e chegava de manhã em casa com três ou quatro quilos de peixes. Separamos uma parte dos peixes para comer e vendemos a outra parte para ter dinheiro para comprar o leite da minha filha recém-nascida.

Certo dia, eu estava em casa quando de repente uma caminhonete parou em frente da casa onde eu morava com a minha mulher e as meninas. Aquele homem perguntou:

— O que faço para falar com tal de Pedro? — Respondi:

— Na cidade tem muito Pedro. Do jeito que você está falando não vai ter como o senhor encontrá-lo ou saber qual esse Pedro que tanto procura. Diga-me pelo menos o que ele faz, em que ele trabalha. — Foi na hora que ele falou:

— É vaqueiro, esse Pedro do qual estou à procura. — Foi na mesma hora que respondi:

— Sou eu, meu senhor. O que o senhor deseja? — Ele falou:

— Estou te procurando porque tenho informação de que você é um bom vaqueiro. Estou precisando de um homem como você. — Falei com a mulher:

— Você está disposta a começar uma nova aventura comigo? — Ela falou:

— Sim, estou. Com você, onde você for e estiver, estou com você!

E voltamos novamente para a cidade de Sapé, e comecei a trabalhar com aquele homem. Ele era um ex-professor e já estava velho. A mulher dele era uma pessoa boa, ele também no começo era um homem bom, mas o tempo foi passando, e a velhice do homem veio cada vez chegando. Ele não tinha muita paciência, era um pouco nervoso. Se fosse pela mulher dele, acho que ainda hoje estava naquele emprego. Mas não demorou muito tempo para nós discutir a primeira vez. Falei para ele:

— Não vou mais trabalhar com o senhor. Por favor, se tiver condições, leve a minha família de volta para lá onde o senhor tinha pegado. — Mas ele não fez o que pedi:

— Não, você não vai embora, não. — Só falou isso e voltou. No dia seguinte, ele voltou para buscar-me e me pediu desculpas. Voltei a trabalhar novamente. Estava morando na casa dele, e por isso me achava na obrigação de fazer o serviço dele. Fiquei por um bom tempo, depois entreguei o serviço. Fiquei mais uma vez desempregado, e voltamos para Caldas-Brandão para morar mais uma vez na casa do sogro. Daí começou o aperreio. Fiquei sem emprego. O que fazia para arrumar um trocado para sobreviver até arrumar outro emprego era uma pescaria uma ou duas vezes por semana. Na casa do meu sogro tinha quinze pessoas e só trabalhava o velho para dar de comer àquela família tão grande. Eu sempre lhe ajudava no que podia até arrumar um serviço, mas ele não gostou muito.

Depois arrumei um serviço em Mari. Tratava-se de limpar rosas nos rosados. Saía de casa às quatro horas da manhã, montado em uma bicicleta, podia estar chovendo ou não, tinha que sair para o serviço.

Todo mundo tem o seu sonho de ter uma vida melhor, como, por exemplo, sair do lixão para trabalhar em uma lanchonete ou em outro serviço melhor. Eu também tenho os meus sonhos vivendo dentro de mim, tenho fé no meu Deus que, um dia, vou dar para os meus filhos a vida que não tive nunca. Tenho os meus projetos de, um dia, fazer uma casa de abrigos para abrigar crianças que vivem nas ruas, enfim ajudar todos os mendigos, as pessoas que não têm condições financeiras. O meu objetivo é esse. Através desse livro, com certeza vou conseguir achar alguém para ajudar-me. O meu sonho é ser um cidadão de respeito e ser mais um daqueles que, um dia, estavam no mundo do pecado, das drogas, dos vícios, e não vou querer mais ver tanta desgraça. Tenho um sonho e vou realizá-lo no nome de Deus. Quero estar com os mendigos, quero chorar com os que choram, até porque a minha vida toda foi só de lágrimas e sofrimento e muita decepção. Por essa razão estou tentando dar o melhor de mim, quero ao meu lado pessoas de respeito, pessoas consideradas pela sociedade, ao contrário de mim. Vou fazer de tudo para ver se consigo conquistar voltar à sociedade. Estou escrevendo esta pequena autobiografia, mas não foi ideia minha. Tenho pessoas que sempre estão ao meu lado, querendo saber o que eu quero, o que penso, sobre o meu futuro. Estou esquecido pela minha mulher, mas não estou esquecido por todos. Meus caros leitores! Estou escrevendo dentro de uma das penitenciárias do estado do Pernambuco. Fui desprezado pela mãe dos meus filhos quando não estava preso ainda.

No mundo em que vivemos, todas as coisas estão funcionando de maneira muito rápida. Antigamente era muito problemático separar-se, tinha aquela coisa do divórcio. Hoje não, as pessoas se conhecem, e elas já vão morar juntas, essa foi a minha perdição. Conhecia as mulheres, e já íamos morar juntos, mas o que sempre pensei foi que um dia ia casar. Pensava que Branca seria a pessoa certa, nunca passava pela minha cabeça de me separar dela, e tinha muito ciúme dela, mas alguma coisa já estava para acontecer, uma coisa muito ruim.

E aconteceu: Certo dia, eu saí de casa para o colégio que ficava pegado com a casa onde eu morava. Dois dias antes, Branca tinha discutido comigo, só nesse mesmo dia, quando cheguei em casa e abri a porta, não vi a menina na rede da sala onde ela tinha o costume de dormir. Como nada sabia, ainda não fiquei preocupado, porque de vez em quando Branca saía e levava os meninos com ela. Nesse dia foi a última vez, mas não sabia ainda. Fui à casa da vizinha e perguntei:

— Dona Fátima, a senhora sabe dizer para onde foi Branca? — Aquela vizinha falou que não sabia, mas dava para ver que ela estava mentindo. Não insisti no assunto e deixei o dia amanhecer. Logo quando amanheceu o dia, saí à procura dos meus filhos, já sabendo que Branca foi embora para sempre. Mas quem sabe, talvez ela tivesse deixado um dos meninos comigo.

Eu sempre desconfiara de Branca porque tinha uma madrinha dela que morava bem perto da casa da mãe dela em Caldas-Brandão. Aquela senhora não gostava de mim, nem eu dela. Esse era o motivo dos nossos problemas. Aquela madrinha era a tia do ex-marido de Branca. Tenho certeza que era eu quem estava sendo traído.

Foi naquela dita noite que todos os sonhos estavam mais uma vez sendo levado de água abaixo, os sonhos de ver os meus filhos crescer, sonhos de compartilhar com eles tudo e dar a educação, ver eles cada um crescendo juntos comigo, fazer as festas de aniversário, algo que nunca tive, mas eu tenho ainda a esperança de encontrá-los. Essa é a última esperança que vai morrer dentro de mim, e foi a coisa que até aqui não consegui esquecer. Foi o sofrimento que passei por causa daquela mulher, mas estou pronto para perdoá-la.

Na verdade não sou tão santinho assim também, reconheço que fui o culpado de muitas coisas que aconteceram durante o tempo em que vivemos juntos. Ela não era uma pessoa ruim, muito pelo contrário, era uma mulher boa, trabalhadeira, muito limpa, não sabia negar nada para ninguém, não sabia dizer “não”. Até hoje, apesar do que ela fez comigo, não sei guardar rancor dela. Não tenho raiva dela, porque estou falando da mãe dos meus filhos. Não posso negar que até hoje sinto alguma coisa por aquela mulher. Não nego para ninguém que ainda gosto dela, mas não tenho esperança nenhuma de voltar a morar com ela. Foi muito difícil para mim superar a perda da minha família. De verdade nunca tive, como já falei. Antes de conhecer Branca, já tinha dois filhos de duas mulheres que não viviam comigo. As mães não davam nenhum dos meninos. Por poucas vezes as mães liberavam para eu ver os meninos. Eu sempre estava só, sem nenhum filho. Com Branca tinha mais um filho e uma filha. Essa última era a que eu mais amava. Amava muito a filha que Branca tirou de mim. E agora estou sem nenhum filho. Não tenho nem notícias dos meus filhos. Não os culpo, porque tenho culpa também.

Por um lado foi bom para mim, porque todos esses sofrimentos em que passei tiveram uma finalidade, finalidade essa que se não tivesse passado por tudo aquilo, não tinha conseguido ser o que sou hoje. É como aquele ditado popular: A gente só aprende apanhando. Apanhei muito durante a vida toda, muito mesmo, mas estou aqui firme e forte para outra vida, vida essa que Deus já me deu.

Essa foi a vida que tive com Branca. Não sinto mais coragem de olhar na face de Branca. Não se trata de estar com raiva dela. O que quero é me desviar dela, quer dizer tento o máximo desviar-me dela, não encontrar-me mais com aquela mulher. Como um velho ditado diz: Seguro morreu de velho. Foram esses os meus dias com Branca.

Não esqueço o dia em que voltei naquela cidade para ver os meninos. Branca me humilhou tanto, mas tanto mesmo que não sabia mais onde pôr a cabeça de tanta vergonha. Tem outro ditado popular que diz: “Quem tem vergonha não faz o meu desejo.” Naquele dia a minha sensação era que o chão estava se abrindo e eu estava descendo de chão abaixo, mas só foi uma sensação.

Ainda hoje tenho o sonho de ser respeitado por todos os povos, independente de raça, cor, religião etc. E nós que vivemos nesse mundo, estamos sujeito a qualquer coisa, como, por exemplo, estar decepcionados, ser humilhados, ser criticados, enfim, estamos sempre a qualquer momento sujeito a algo parecido.

Fiquei na casa da minha mãe que morava em Mari naquela época. Depois ela voltou para Caiçara, mas eu fiquei em Mari. Na época eu estava morando em uma das casas que o prefeito tinha feito. Depois que me separei da minha mulher, ela voltou com a menina para Caldas-Brandão, e eu fiquei sozinho na casa em Mari.

Na época não tinha empregos na cidade. Conheci um homem por nome de Micio. Ele tinha algumas motos de aluguel. Fui conversar com ele, na certeza de arrumar uma das motos que ele tinha. Primeiro não consegui, quer dizer, na primeira tentativa não foi possível, mas não fiquei desesperado. Eu sempre tinha paciência para esperar por alguma coisa que queria.

Aquele homem deu-me uma esperança de que eu ia arrumar uma moto para trabalhar. No dia seguinte voltei logo cedo à casa de Micio e falei mais uma vez com ele. Perguntei:

— E aí, já posso começar a trabalhar? —Ele falou:

— Sim, está aí a moto. Já pode ir para a praça.

Naquele dia fiquei muito feliz e disse para mim mesmo: Agora posso ver os meus filhos! No mesmo dia já fui para casa da mãe de Branca. Não cheguei na porta, fiquei de longe e pedi para uma pessoa chamar a menina Vitória e o menino Eduardo. O menino não se dava bem comigo, mas a menina gostava muito de mim e eu dela, não só da menina, mas de todos os meus filhos.

Continuei morando na casa que ela me deixou, e fiquei trabalhando. Não ganhava muito, quer dizer quase nada, mas o que ganhava dava muito bem para sobreviver.

Tem um cabo da polícia de lá mesmo, de Mari, e o sogro dele é o meu compadre e padrinho da minha filha. Ele se chama Xavier. Falei com ele para conseguir uma das motos. Ele falou:

— Agora mesmo não tem moto parada, mas assim que aparecer uma, falo para você. — Mas ele viu que não fiquei nada satisfeito. Por isso foi falar com a mulher, e eu fiquei esperando. Quando ele voltou, ele disse:

— Tenho uma moto ali, parece que está só esperando por você.

Fiquei muito alegre porque agora estava com outra moto para o meu trabalho. Voltei para a praça e continuei trabalhando, esta vez com a moto de Xavier. Era muito melhor que a outra. Até mesmo a moto era melhor que a de Micio. Xavier era muito mais compreensivo, tinha consciência e sabia dar-se comigo. Eu me dei muito bem com ele. Tinha a mulher dele que por vez era filha do compadre. Fiquei um bom tempo trabalhando com aquele cabo da polícia militar, carregando os meus passageiros.

Não tinha e não tenho preconceito com a polícia. Muito pelo contrário: É a polícia que nos dá segurança e à nossa família e a toda a sociedade. Estou falando essas coisas como se eu botasse a polícia no meio, porque estou preso. Estou escrevendo essa autobiografia dentro da cadeia e vejo os preconceitos da parte dos reeducandos. Isso não quer dizer que são todos os detentos, mas alguns que têm preconceito, têm raiva, não gostam da polícia. É um preconceito.

Lourdes

Não custou muito para eu conhecer outra mulher que por vez essa era um pouco mais velha do que eu. Olha, ela era muito mais velha, trinta anos mais velha. Não consegui enxergar o que ela ia fazer com a minha vida. O nome - faço questão de falar o nome daquela malvada - era Lourdes. O problema era que ela era muito ciumenta. No mesmo dia fui para casa dela. De repente deparei-me com duas netas daquela mulher. A mãe das meninas não vivia com elas, e quero dizer que a partir daquele dia a minha vida não foi mais a mesma como antes. Fiquei morando com ela por pouco tempo. Na época não possuía nada, quer dizer até hoje não possuo nada, mas aprendi muito com ela. Era uma mulher batalhadora, ela cuidava bem de mim. Eu gostava muito dela, mas não sabia agradecer o que ela fazia por mim. A causa da nossa separação era o ciúme dela. Durante o tempo em que vivemos juntos foi muito bom. O que consegui enquanto estávamos juntos era muito bom. Durante o tempo em que vivera com as outras mulheres eu não tinha nada. Durante o tempo que passei com ela consegui comprar um fusca 75 motor mil e seiscentos. Mas não demorou muito para me separar. Durante o tempo que fiquei com ela, morávamos em Mari. Foi lá que a encontrei. Tinha algumas coisas nela que não gostava nada. Ela fumava e bebia, gostava muito de festa.

Não entreguei a moto, mas continuei trabalhando com ela. Certo dia, Lourdes falou para mim:

— Pedro! Vou comprar uma moto para você. — Fiquei muito feliz com a atitude dela, pensava que gostava mesmo de mim, e eu não estava enganado não, de jeito nenhum. A coroa gostava mesmo de mim.

Depois de alguns tempos saímos de Mari e fomos morar em Caiçara, junto da minha mãe. Não custou muito para a mãe das meninas levarem uma das meninas. Ficamos só com uma.

Já em Caiçara, Lourdes tinha a ideia de alugar um prédio para abrimos um bar. Não achei mal a ideia dela. Começamos a trabalhar naquele pequeno bar, e não era nada ruim, muito pelo contrário, era bom. Mas mesmo assim não parei de trabalhar de motoqueiro.

Depois de um tempo voltamos para Sapé, também no mesmo estado da Paraíba. Fui trabalhar como vaqueiro com certo fazendeiro. Não tínhamos casa própria, mas nunca fiquei desamparado. Quando não tinha serviço para trabalhar, sempre arrumava alguma coisa para fazer. Lourdes era pensionista, era viúva, e por isso recebia um salário mínimo. Isso dava para pagar o aluguel e fazer mais alguma coisa. Além disso, ela era uma mulher que sabia fazer mais algumas coisas. Não sei o certo. Todo aquele sofrimento ajudou-me a adquirir conhecimento, e apesar de todos aqueles tormentos em que passei, consegui conquistar algumas coisas. Aprendi coisas das quais antes não tinha noção. Fiquei morando com ela por pouco tempo.

A gente se separou, mas eu continuei ficando por perto dela.

Não sabia mais o que fazer. Achava que era um catimbó, porque não consegui morar muito tempo com uma mulher.

Depois de um tempo eu soube que Lourdes tinha ido embora de Sapé para o estado de Pernambuco. Como nunca tinha vindo a este estado, não sabia onde ficava a cidade onde ela estava. Falei para a minha mãe que iria ao Pernambuco. Ela falou:

— Não vá mais atrás daquela mulher, porque ela vai findar botar você na cadeia.

Não levei aquela conversa muito a sério, mas isso foi a minha perdição. Eu achava que ela gostava de mim. Menti para mãe que tinham arrumado um emprego e que ia voltar a duas ou três semanas, só que não era essa a verdade. Saí naquele dia e pedi a benção da minha mãe. Fui atrás de Lourdes. Logo que cheguei na cidade de Itambé, arrumei um emprego de servente de pedreiro. Aprendi a profissão. Foi muito bom. Recebia o pagamento de quinze em quinze dias. Quando voltei à casa da minha mãe, cheguei já trazendo comigo um aparelho de som e uma TV. Essa foi a última vez que entrei na casa da minha mãe. Depois voltei para a cidade onde estava trabalhando como ajudante de pedreiro.

Mas não me separei logo. Ficamos morando em Itambé por pouco tempo. Continuei morando com ela, mesmo assim intrigado com ela, mas não tinha coragem de me separar. Mas chegou um tempo em que não consegui mais suportar. Durante o tempo em que morei com a velha, ela era muito ciumenta, mas eu tinha culpa, quer dizer dava motivo para ela ficar com ciúmes de mim. Morava com nós uma neta dela, mas ainda o problema não era esse, era que não só com ela, mas também com todas as outras mulheres. Sempre tive culpa. Não quero culpar ninguém dos meus erros que cometi no passado. Por mim, eu não falava mais nesse assunto. Mas estou fazendo uma autobiografia e estou contando a minha história.

Cadeia

Certo dia, 14 de outubro do ano de 2008, quando eu estava pintando a fachada de uma casa, de repente ouvi uma voz de homem. Deparei-me com dois homens falando comigo. Um deles falou e se identificou como o delegado daquela cidade, e pediu para que eu o acompanhasse até a delegacia da mesma cidade. Não pensei duas vezes. Logo descii da escada e acompanhei o delegado e fui dar o meu depoimento. Não sabia o que estava acontecendo. Falei para mim: não devo nada. Vou ficar tranquilo. Só que não me lembrava que a velha com a qual eu estava já fazia dois ou três meses que não falava comigo. Fui informado que estava sendo acusado de ter estuprado a neta daquela mulher. Por vez não foi bem assim a história, mas infelizmente é a justiça que é falha. Peguei uma sentença de vinte e quatro anos em regime fechado.

Aprendi como a nossa vida é toda cheia de surpresas. Quero deixar uma coisa bem esclarecida: Ainda estou preso. Eu me sinto inocente, mas para a justiça sou culpado. Como se não bastasse eu estar preso! Tenho a consciência do que nunca cometi crime nenhum, principalmente não cometi esse que estou pagando. Mas não vou perder a vontade de viver por causa de um crime que não cometi. Muito pelo contrário, estou preso quase há seis anos. Sei que foi um erro da justiça, mas não quero criticar ninguém. Para mim foi muito bom que aquelas pessoas levantaram aquela calúnia contra mim. Acho que se não fosse aquela calúnia, não tinha tido a ideia de escrever essa autobiografia e mais coisas que aprendi dentro da cadeia.

Estou preso duas vezes, porque estou preso na cadeia e numa cadeira de roda, desde o dia 14 de outubro do ano de 2008. O acidente ou a causa de estar preso a uma cadeira de rodas foi uma pisa que levei no mesmo dia que fui preso. Apanhei muito na minha chegada à cadeia, mas não culpo nem a polícia nem os juizes, nem os presos que dividem um espaço de dez metros quadrados comigo. Até hoje não tenho visita da minha própria família. Estou terminando os meus estudos, concluindo o ensino médio, graças a Deus. E estou bem perto de sair da cadeia. Não quero parar por aqui. Vou escrever muito mais do que essa pequena autobiografia.

Foi na cadeia que aprendi muitas coisas. Primeiro logo que cheguei nesta penitenciária, alguém chegou para mim e deu-me a ideia de fazer a minha matrícula para estudar. No começo achei esta ideia muito chata, e falei o seguinte para a pessoa:

— Não vou fazer matrícula nenhuma porque não aprendo mais nada. — Mas eu não sabia, não tinha nem ideia o que estava perdendo. Sem pensar muito resolvi fazer a matrícula e fui estudar. No começo achava uma coisa chata, pensava comigo: Já estou ficando velho e sei que não aprendo nada mesmo. Só que estava totalmente errado. Aprendi que a gente só da para ruim quando queremos. Comecei a estudar. Não era nada fácil no início porque na cadeia tudo é difícil, mas consegui e fui para o colégio. Pensava que não iria conseguir a fazer mais nada, porque já tinha passado muitos anos na escola e não tinha aprendido nada. Tinha estudado até a quarta e quinta série, mas mesmo assim não sabia de quase nada. Comecei a estudar, fazendo o telecurso do ensino fundamental. Passei na primeira fase, fiz a segunda fase no ano seguinte e passei. Não acreditava no que estava acontecendo. As minhas professoras eram muito exigentes, acho que era a causa de eu estar onde estou hoje. Primeiro agradeço a Deus e depois a minha ida para esta cadeia. Fui para esta cadeia principalmente para descobrir o meu talento, quem realmente eu sou.

Muitos falam que a cadeia é um lugar ruim, é aonde a mãe vê o seu filho e não pode levá-lo com ela. No domingo é dia de visita, aonde vai pai, mãe e irmãos, no sábado, só as mulheres que vão visitar os esposos.

Mas muitos que têm as suas esposas ficam conversando com elas, trocando ideias, falando do mundo da rua. Sempre é conversa diferente das que você ouve durante a semana. Para quem tem a sua visita é muito bom, mas quem não tem, fica na solidão. Solidão sempre foi uma coisa que nunca deixei aproximar-se de mim. Eu sou um dos milhares de milhares que vivem sem ter visita de ninguém. Mas nunca fui me drogar ou procurar consolo em um cigarro de maconha nem de droga nenhuma, graças a Deus. Tudo que vejo não é do meu endereço, não chega nem perto, por que não tem nada a ver comigo, não me meto mais quando alguma coisa que vejo que vai me atingir. Não fico calado de jeito nenhum. Tem muitos homens bons e que gostam de fazer favor, ajudar o seu próximo, mas tem uns que só pensam em fazer o mal, mesmo dentro da cadeia. Tem muitos que são excluídos da sociedade por não fazer nada de bom, mas falo com convicção que os que querem mudar de vida, eles mudam porque o homem quando quer ser bom ele é. Somos nós que construímos os nossos sonhos. A minha vida na cadeia não é nada bom. Tem aquele ditado: Não pode acontecer algo bom sem que antes acontecesse algo ruim.

Mas estou superando os meus problemas, graças a Deus, apesar de estar numa cadeira de roda, por causa de um acidente que aconteceu logo quando cai na cadeia. Mas comecei a estudar, conhecer muitas pessoas boas, como as minhas três primeiras professoras que foram elas Leyla Lopes, Marilene, e a minha professora amiga, mãe, a minha rainha, que é professora Ângela Maria. Ela sim era e sempre vai ser a minha mãe, ela sempre vai ter um lugar no meu

coração. Tem a diretora professora Ceíça, a nossa adjunta, professora Maria Jacilene de Oliveira. Sou grato a todas essas pessoas. E ainda tem alguém que me incentivou muito e me deu a maior força, o meu amigo e irmão professor de Inglês, O.K.

Passei muito tempo preso, mas foi de lá, daquela cadeia, que saiu esse novo homem que hoje sou, escrevendo essa pequena autobiografia. Tudo isso é fruto da cadeia. Quero aqui concluir, agradecendo a Deus primeiramente, depois a minha professora Ângela Maria, mais uma vez a diretora Professora Ceíça, e sem esquecer a minha querida e linda adjunta Maria Jacilene de Oliveira, e ao meu amado professor de Inglês, O.K.

Quero concluir agradecendo a Deus e a todos que me incentivaram a fazer esta autobiografia. Espero que todos que irão ler gostem. Peço desculpa pelos erros. Quero dizer que foi feita com muito amor e carinho. Gastei muito tempo para concluir este trabalho, mas já está concluído, essa é a minha verdadeira autobiografia. Obrigado pela atenção.

Não esqueça que junto tenho outro trabalho que se chama:

Liberdade

Mas ainda falando da cadeia: Não são essas coisas de que o povo fala, não é ruim para os que querem fazer ela ruim, mas não só na cadeia, em todos os lugares por que quem faz o lugar ruim somos nós mesmos, porque o nosso destino, somos nós que trazemos, não tem lugar ruim na cadeia. Passei alguns anos lá dentro. Não foi bom. Também não achei tão ruim. Assim como ouvia falar não é um lugar de pessoa que vive de bem com todo mundo como de cidadão de bem, mas confesso que o tempo em que passei aqui dentro não foi nada fácil, porque não tinha visita nenhuma nem de mãe nem de filhos nem de irmãos. Isso tudo, eu tenho, mas só vim saber quem era a minha verdadeira família quando cheguei aqui: Eram os meus próprios companheiros que estavam comigo durante tanto tempo. A cadeia paga a comida três vezes ao dia, disso não posso reclamar. Sei que não é do jeito que queremos, mas tem aquele ditado: Quem quer comer bom não apronta para vir para a cadeia. Nem todo mundo é perfeito, quer dizer todos nós somos falhos, e foi assim que tirei a cadeia: estudando e fazendo artesanato. Aprendi a fazer bolas, e tudo isso me ajuda, e como me ajudou! Tirei a cadeia e hoje estou contando a minha história, ao contrário de muitos que passaram por lá comigo. Hoje muitos estão mortos, e outros estão presos novamente porque saíram da cadeia e não foram procurar um trabalho para trabalhar. Se todos pensassem como eu, não existiam tantas desgraças, tantas mortes, muitos homicídios, porque no mundo em que vivemos nos últimos anos, não me sinto bem em falar em certas coisas como comentários como esse: Na cadeia tem muitas pessoas boas, como a direção da cadeia, como o diretor, o vice-diretor, os agentes. Os chaveiros são homens que estão tentando tirar a sua cadeia e voltar para a sua família e para a sociedade porque lá dentro existe, infelizmente ainda existe, preconceito. Não falo da parte da justiça. Ela foi criada para ser cumprida, ser feita. Quem erra, tem que pagar de um jeito ou de outro. Tem que pagar na cadeia. Durante o tempo que estou preso passei por muitos momentos difíceis, mas também foi aonde aprendi um bocadinho de coisas como terminar os meus estudos. Era uma coisa que nunca passou pela minha mente, a de terminar os meus estudos. Com o incentivo das minhas professoras não posso falar que o que não consegui aprender, foi falta de atenção da minha parte.

Mas da parte das minhas professoras não posso culpar nem a direção da cadeia, nem o promotor nem o juiz nem as assistentes sociais, nem a psicólogas, nem a guarda do presídio. Não posso culpar ninguém, de jeito nenhum, muito pelo contrário: Agradeço por tudo pelos dias, pelos momentos ruins, pelos livramentos que Deus me deu durante os tempos em que passei lá dentro, pela força que muitos me deram.

Há uma pessoa muito especial para mim que é a minha professora Ângela Maria, e todas as outras professoras que admiro muito. Aquelas mulheres queridas e corajosas e junto a outra pessoa que tem me incentivado muito também para que eu viesse fazer esse trabalho que é o meu irmão e amigo O.K.

Este é o meu primeiro trabalho. Espero que todos os leitores que vão ler gostem para que venham me incentivar a fazer muitos outros melhores do que esse. Tenho ainda três crônicas no livro que a classe do ensino médio da Escola Estadual Paulo Freire de Limoeiro no estado de Pernambuco fez.

Não posso me esquecer do dia em que cheguei à cadeia. Achava que era o meu fim. Mas de verdade era o contrário: Foi o começo de tudo que tinha sonhado. Não me lembro quantos tempos já fazia que eu sonhasse. No começo não foi nada fácil. Mas o tempo foi passando, e fui me acostumando com o sistema. Não sabia o que era a cadeia, mas não custou muito para me acostumar com o novo mundo na cadeia. Foi lá onde aprendi quase tudo. Tudo que sei hoje é resultado da cadeia. Acho que se eu não tivesse a oportunidade de passar pela cadeia, não tinha aprendido tudo que sei hoje. Aqui dentro começou a minha nova vida. Por que uma nova vida? Porque foi aqui que tive a oportunidade de concluir os meus estudos, graças a Deus. Eu sou um daqueles que está aqui dentro ainda à espera da sua liberdade. Não achei a cadeia ruim não, até porque volto a falar: Foi na cadeia que saí com o meu diploma na mão. Hoje me sinto honrando e privilegiado. A cadeia não é tão ruim assim quanto às pessoas que nunca passaram por ela. Põem-se falando mal de uma coisa que não sabem e ficam só de falar da vida e de coisas que não tem nem ideia do que é, ou melhor: Só vivem de falar da vida dos outros. Eu sinceramente não concordo com esse tipo de comportamento. Na cadeia passei por muitos momentos difíceis. Aqui estou passando só por um processo de tempo, sou muito bem cuidado pelos outros reeducandos. Todos me respeitam e me tratam muito bem. Tenho passado noites sem dormir com a convicção de um dia sair de dentro desse lugar.

Na cadeia, quando vejo chegar os finais de semanas e tempos de festas como Natal, final de ano, eu vejo todos os outros detentos com as suas famílias e fico em uma tristeza danada. Mas o que me sustenta é a vontade de rever os meus filhos e irmãos, as minhas irmãs e a minha mãe. Disso tenho certeza que vai acontecer no dia e na hora certa. Já estou pronto para voltar à sociedade. Sei que ainda tem gente esperando por mim.

O dia-a-dia na cadeia não é nada fácil. Na segunda-feira me acordo às seis da manhã, me levanto da cama e vou até o banheiro para escovar os dentes e esperar a bóia que chega ao pavilhão. Logo em seguida tomo o café da manhã e saio às oito da manhã para a escola. Só volto às cinco horas da tarde. Logo no começo era muito difícil para sair para a escola, mas o tempo foi passando e fui me adaptando à escola com os reeducandos, com as professoras. Essas mulheres são a razão e o resultado da minha alegria e dos meus esforços e da minha garantia para o meu futuro. Devo muito às professoras dessa escola que é a Escola Paulo Freire. Devo muito a essas pessoas maravilhosas que acreditaram em mim e todos que sabiam que eu era capaz de chegar e que tinha capacidade de fazer. Não tenho que reclamar de nada.

A minha mãe mora no estado da Paraíba. Ela não tem condição financeira para visitar-me aqui dentro. Como já falei, só estou esperando o dia de sair desse lugar. Sou bem cuidado por todos os agentes da cadeia. O atual diretor da unidade é um homem sábio e compreensivo, de consciência para escutar todos que o procuram. Foram na gestão dele que concluí os meus estudos. Estamos no dia 20 de Dezembro de 2013, sexta-feira. Cheguei nessa cadeia no dia cinco de Março do ano de 2008.

Já vivi muitos dias de aflição, como presenciar muitas injustiças da parte dos reeducandos que trabalham com a polícia. Não concordo com esse tipo de comportamento até porque não somos animais para viver apanhando, nem da polícia nem de outro reeducando, até porque os direitos são iguais. Também não concordo com a violência nenhuma da parte de ninguém. Hoje me sinto bem quando me encontro com alguém da direção do presídio, como os agentes, as assistentes sociais, as enfermeiras, como a irmã Sandra que tive a honra de tê-la como madrinha da minha formatura no dia 18 de Dezembro de 2013.

No pavilhão onde estou morando, não é nada bom. Cadeia nenhuma não presta, mas às vezes é a gente quem faz o lugar ruim ou bom. Eu, na forma de pensar, acho que quem faz um

lugar bom somos nós. Onde estou morando, todos são tranqüilos, mas no meio desses tranqüilos sempre tem um ou dois que querem ser mais do que os outros.

Durante esses anos que estou aqui vi coisas que nunca pensei que existissem. Na cadeia presenciei coisas absurdas, como muitas cenas de tortura, como eu mesmo sou uma prova viva dessas cenas. No ano 2008 mesmo, ao chegar nessa unidade prisional, fui recebido às pontas pés. Apanhei muito de um agente que, graças a Deus, hoje não se encontra mais nesta unidade. Ao falar o meu artigo, o porquê estava sendo preso, aquele homem tirou um sapato que carregava no pé, e daí aquele malvado me bateu tanto, mas tanto mesmo que fiquei irreconhecível. No dia seguinte, quem me viu não me conhecia. Mas agradeço todos os dias ao meu Deus pelos livramentos que ele tem me dado aqui nesse lugar. Mas depois que os tempos foram passando, fui me acostumando. Vivo sem visita de parentes nem amigos. Isso tudo eu tenho lá fora. Mas fazer o quê, se as coisas funcionam desse jeito? Todos os meus familiares me abandonaram na cadeia. Não sei mais de notícia de nenhum parente meu, mas eu sou grato a Deus por tudo que ele tem feito por mim durante todos esses anos. Apesar de estar nesse deserto, não tem faltado o meu alimento nem as minhas vestes, nem a minha saúde, apesar de estar ainda preso a uma cadeira de roda. Mas eu sei que em breve me libertarei dessa cadeira e da cadeia, vou sair desse lugar. Em breve estou voltando para a minha terra de origem, e tenho fé no meu Deus que nunca mais vou voltar para esse lugar abençoado. Tenho passado por muitos dias de tristeza, mas em meio das tristezas tive muitos dias de alegria. Quero aqui confirmar uma coisa para todos os meus queridos leitores que tudo que tenho feito é resultado de todos os meus esforços aqui dentro da cadeia. Eu não sei. Se alguém não estivesse inventado aquela calúnia de mim para que eu estivesse vindo parar aqui, eu não tinha tido a ideia de fazer essa autobiografia. Por que essa ideia surgiu primeiramente da minha professora e depois de um amigo e irmão que conheço lá do outro lado do mundo. Ele é um Suíço. Graças a Deus por ele ter colocado aquele homem no meu caminho porque foi através dele que consegui fazer esse trabalho. E não só foi isso não. Aprendi muito com ele. É um exemplo na minha vida porque se não fosse ele, talvez não estivesse existindo, ou eu não tinha tido a ideia de fazer esse trabalho. Aprendi muito com aquele homem. É muito paciente com tudo que faz. É um profissional em tudo que faz, e foi na cadeia que aprendi tudo que sei hoje. Tudo é resultado da cadeia, porque lá tem homens e mulheres capacitados e profissionais em tudo que faz. Nunca mais vou esquecer-me da minha primeira formatura que não deixa de ser um resultado da cadeia. Às vezes fico me perguntando se for uma realidade ou não. Acho que estou vivendo uma fantasia. Às vezes não acredito que estou mesmo aqui vivendo essa realidade ou é só um passa-tempo. Mas não é passa-tempo porque se fosse um passa-tempo eu acho que já tinha passado, mas não estou mesmo vivendo uma realidade. Não estou disposto, não quero jogar fora nada do que eu aprendi, ou desperdiçar essa oportunidade que estou com ela nas mãos.

É muito difícil você viver em uma prisão, em uma cadeia sem ter nada. Quando chega o dia de domingo, eu olho para os meus irmãos de celas terem as suas visitas, e ninguém vem visitar-me. Mas mesmo assim fico feliz porque, depois que a visita acabava, os que a família vinha sempre me davam alguma coisa para mim como produto de higiene, como pasta de dentes e um sabão para lavar as minhas roupas. Eu ganhava alguns biscoitos para lanche na parte da tarde. E sempre foi assim. O que via que não me interessava. Não pegava porque não era o meu. Só pego em algo que me interesse. Eu não pego porque não me interessa. Sempre fui assim: Só quero o que é o meu. Nada dos outros não quero saber porque não me interessa. Acho que esse é o motivo de me sentir tão importante. Tenho orgulho de ser a pessoa que sou hoje. Fui transformado. Passei por uma verdadeira transformação aqui dentro da cadeia, como na parte da educação: Foi o que aprendi. Isso vai servir só para mim. Outra pessoa não vai fazer uso do que eu aprendi, só vai servir para mim e para mais ninguém. Mais fico me perguntando como um homem pode aprender tantas coisas ao mesmo tempo. É isso mesmo, estou falando de mim mesmo. Porque antes eu não tinha mente para aprender nada, muitas das vezes cheguei a falar para as minhas professoras que não tinha condição nenhuma para aprender

nada mais na vida, mas através dos incentivos daquelas mulheres e homens desse colégio pude perceber que eu era sim capaz de qualquer coisa que quisesse, eu consegui. Aprendi a viver com a solidão, com o desprezo, com a falta de carinho. Como acho que já dá para perceber que sempre fui um menino, sem ter um brinquedo para brincar o que toda a criança pode ter. Nunca tive nada na vida. Não pretendo mais falar essas coisas, mas até porque já estou falando desde o começo. Já falei e não pretendo mais falar no que já está falado. O que interessa agora é a continuação da história. Essa sim é importante para esse trabalho. Esperei muito tempo para que viesse acontecer esse trabalho. A nossa vida é mesmo assim: toda cheia de surpresas. Sou hoje um evangélico pela misericórdia do Senhor Jesus Cristo de Nazaré. Sou um homem temente ao meu Deus, estou tentando dar o melhor para Deus. Tenho aprendido muito com o povo do Senhor, porque só o Senhor é Deus. Estou concluindo esse maravilhoso trabalho, que vai ficar marcado na minha vida para sempre. Tenha a certeza que esse é só o começo de muitos trabalhos que vem por aí. Quero que todos saibam que não vou nunca mais desistir dos meus sonhos. Aqui vai um conselho para todos aqueles que acham que não são capazes de conseguir os seus objetivos: Quero que saibam que nós somos sim capazes de qualquer coisa. O homem é o resultado do que ele mesmo constrói. Mas pretendo ser um dos maiores, dos que já lutaram pela sobrevivência. Não quero deixar os senhores e senhoras confusos porque sei que tem palavras que deixam a gente confusa mesmo. Estou falando da cadeia. Esse o meu trabalho está sendo feito dentro da cadeia, isso mesmo, estou ainda preso como desde o começo estou preso, mas ainda há esperança para mim. Tenho fé em Deus que esse trabalho que estou fazendo vai ser um exemplo para toda a minha família porque ainda não sou nem quem. Mas um dia, sei que vou ser. Hoje me sinto abandonado por todos aqueles que dizem ser a minha família. Mas realmente sou. Aqui dentro sabemos verdadeiramente quem é a nossa verdadeira família. E isso eu conquistei dentro da cadeia. No começo do ano atual em que estamos, eu pensei que não iria nunca mais para a minha casa. Mas através da minha conduta, ou seja do meu comportamento dentro da cadeia e devida a minha remição estou só esperando a hora de sair da cadeia para ser na sociedade novamente um cidadão, eu e todos que estão na mesma situação como eu. Sinto o desejo, quer dizer, não é bem um desejo, mas é um sonho que Deus me ajude a ser mais um daqueles que tem o desejo de ajudar às pessoas. Sei que tem muitos esperando por um sorriso ou talvez por um gesto, por uma palavra de conforto ou talvez um abraço. Sei que hoje existem homens e crianças que vivem em situação pior do que a nossa que vivemos aqui dentro da cadeia. Sei que lá fora tem pessoas que muitas vezes procuram um pão para dar aos seus filhos e não têm. Vejo aqui mesmo na cadeia muitas farturas de comidas e muitos desperdiçando. Muitas vezes falo que não é para fazermos isso porque não é bom que façam essas coisas. Sei que há pessoas sem um teto para morar. Também sei que ainda há muitos jovens que estão vivendo sós por viver. As qualidades de vida é uma verdadeira vergonha. Estão aí em vésperas da Copa do Mundo, e os poderosos estão se preocupando mais com campos de futebol e estão esquecendo os nossos irmãos e irmãs que estão nas ruas das grandes cidades do país. Acho isso um absurdo da parte dos que dizem ser os nossos governantes, como os presidentes e deputados e governadores. São eles que são os responsáveis ter muitas coisas que tem acontecido nesse período de gestação. Aqui vai a minha opinião: Sei que não sou ninguém, sou apenas um reeducando que está tentando pagar um crime que não cometi. Mas graças a Deus, já estou terminando a pagar. E ao terminar de pagar tudo que a justiça acha que estou devendo, vou sair de cabeça erguida e tentar reconstruir uma nova vida, uma nova família e procurar recursos para começar os meus projetos, projetos esses que tenho postos dentro de mim. Conto com a ajuda de todos aqueles que têm mais condições financeiras, mais do que eu, que não tenho condições de fazer nada sozinho. Preciso de muitas ajudas porque o que eu quero é ter uma instituição para dependentes químicos. Vou precisar da ajuda primeiramente de Deus, e depois das autoridades constituídas pelo próprio Deus. Muitos acham que onde estão hoje é o resultado deles mesmo, mas se não fosse por Deus, não existiam presidentes, prefeitos, vereadores, governadores dos estados nem coisa alguma neste

mundo. Principalmente no nosso país que se chama Brasil, eu sei que lá fora tem muitas pessoas esperando por mim e por vocês.

Quero aqui chamar atenção de todos os meus amigos e irmãos. Quero aqui chamar a atenção dos pastores e diáconos, dos presbíteros e evangelistas, principalmente do meu pastor e da sua querida e amada esposa que eu admiro muito os seus ensinamentos. Não a conheço, mas através das zonas sonoras do rádio que são os veículos de comunicação, tenho aprendido muito com a irmã Judite Alves. Durante esses anos a rede Brasil tem sido o meu meio de informação, a minha companheira de todos os dias. Sou evangélico desde 1991. Até aqui não tenho falado muito da minha religião. Sou evangélico pela misericórdia de Deus. Não me arrependo nunca de ter aceitado Jesus como o meu salvador. Durante esse tempo tenho aprendido muito da parte do senhor Jesus Cristo, deixei muitas coisas que para mim era impossível deixar, mas para Deus nada é impossível. É por essa razão que sou muito feliz com o meu Deus. É por ele que estou aqui. Não tem causas impossíveis para o meu Deus. O que eu tenho tentado durante esses anos é levar a palavra de Deus. Tenho pedido a Deus sabedoria e conhecimentos para fazer a sua obra com reverência e respeito, porque tudo que é de Deus tem que ser com caráter e responsabilidade. Não quero fazer a obra do Senhor sem ter a orientação do próprio Deus e do seu divino espírito santo. Tenho aprendido muito com o meu Deus, sei que não sou digno de tanto amor que o meu Deus tem por mim, mas o que eu mais quero nessa vida é ser reconhecido por Deus. Tenho a convicção que sempre vou ser isso. Não só eu, mas todos os que têm sofrido pela obra do Senhor Jesus Cristo. Não se compara o sofrimento que o nosso Senhor e Salvador Jesus passou por todos nós aqui nesse mundo. Fico às vezes me perguntando por que os homens estão amando mais as trevas que a luz. Não sei o porquê. Todos estão vendo os desastres, os terremotos, os furacões e maremotos e os homens ainda não pararam para escutar a voz de Deus. Ele próprio falou que quando tudo isso estiver acontecendo é só o começo do fim. Jesus veio a esse mundo com o objetivo de salvar os que estavam perdidos. Antes de morrer o próprio Jesus prometeu que iria, mas ele ia voltar para levar os escolhidos. Para onde ele estiver, estejam vós também, e no santo evangelho, segundo São João, capítulo primeiro, versículo 14, está escrito: "E o verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua Glória, como a Glória do unigênito do Pai, cheio de Graça e de virtude." Mas com todas essas realidades os homens não estão nem aí para Jesus. O que vimos também nos dias atuais são muitas idolatrias e muitas coisas que não agradam a Deus. Tem várias palavras na bíblia falando dos filhos do diabo. Pode ser uma frase ou várias frases com esse nome. O leitor pode estar se perguntando por que essas frases em uma autobiografia. Não é só a autobiografia. É preciso que eu tenha que falar de algo ruim também até porque a vida não é só de rosas. As rosas têm espinhos. Vejam um dos exemplos nos livros dos atos dos apóstolos. O capítulo 13, versículo 10 diz o seguinte: "Ó filho do diabo, cheio de todo o engano e de toda a malícia, inimigo de toda a justiça, não cessarás de perturbar os retos caminhos do Senhor? Eis aí, pois, agora contra ti a mão do Senhor; e ficarás cego, sem ver o sol por algum tempo. E, no mesmo instante, a escuridão e as trevas caíram sobre ele, e andando à roda, buscava a quem o guiava pela mão. Então o procônsul, vendo o que havia acontecido, creu, maravilhando da doutrina do Senhor."

Do presídio para o mundo. Autor: Pedro José de Oliveira Filho, paraibano.

Pedro

O nascimento do menino Pedro José Soares de 1974, nascido em Vitória de Santo Antão, Pernambuco. Vamos ouvir o testemunho: — Nasci de uma família pobre, trabalhador de agricultura. O meu pai se chamava Damião José Soares, a minha mãe Severina Maria do Carmo. Apesar de que não os conhecesse durante a minha adolescência, porque a minha mãe me abandonou no berço da maternidade. Quando ela chegou em casa, a minha avó perguntou:

— Cadê o menino? — Ela respondeu:

— Eu o deixei no berço da maternidade, não o quero. — A minha avó imediatamente foi à maternidade e me trouxe para casa. Infelizmente, com trinta dias a minha avó faleceu. Criei-me com o avô porque os meus pais não me quiseram. Mas o meu avô era dependente de bebida alcoólica. Toda vez que se embriagava, caía e dormia no mato, e eu ficava ao lado dele, entre chuvas e serenos até as horas que ele se recuperasse. Não me alimentava direito, me alimentando com papa de água e pirão de águas frias. Esse sofrimento foi até aos sete anos.

Aos sete anos fui para a rua e passei a viver outra vida de sofrimentos, entre fomes, mal dormidos, onde conheci alguns amigos de rua. Conheci a cola e várias outras drogas. Um dia, não suportando mais, pedi a Deus que ele me levasse ou a morte viesse me buscar. Não suportava mais tantos sofrimentos.

Aos 16 anos conheci um homem que me convidou a morar na sua casa. Muito feliz, imaginava que o meu sofrimento tinha chegado ao fim. Mas aos contrários, aumentou muito mais. Fui obrigado fazer pequenos delitos para sobreviver naquela casa. Aumentando os meus sofrimentos, o ódio e a revolta, eu fiz uma promessa ao mestre das trevas, conhecido por “Pai da Mentira”. Dando o meu sangue, consentido que enricasse para mostrar a família, sem eles eu conseguia sobreviver. Mas foi tudo aos contrários. Passei a ficar violento, não podia ver ninguém feliz que o meu desejo era destruir a felicidade, porque nunca fui feliz. Ao final de anos, o ódio e a revolta me consumiam muito mais quando via outras pessoas bem vestidas ao lado das famílias. Observação: Todo o meu ódio e a minha revolta se tornaram um abismo na minha vida.

Acabei colocando a minha vida várias vezes à morte. Fui levado aos matos, passei executado, mas Deus estava comigo toda vez, e eu não sabia. O rei das trevas me falava que ele me livrava da morte. Inocente, não sentia vontade de parar, e mudei o próprio nome para ser chamado de “Destruidor”.

Mas um dia eu fui destruir a casa de um povo de Deus. Durante cinco horas que tentava destruir aquela família, não consegui, porque Deus estava com eles. Desistindo voltei para casa. Às quatro horas da manhã, ouvi uma voz que disse:

— Levante-se e vá naquela casa onde você esteve ontem que eu tenho um recado para lhe dar. — Chegando na casa às seis horas da manhã, pedindo um copo com água, a mulher, muito feliz, sorridente, foi buscar a água. Sorrindo colocou na minha mão o copo com água e disse:

— Ontem vieram destruir a mim e ao meu marido, mas sou uma mulher de Deus. O meu marido também é homem de Deus, e a minha casa é de Deus, porque servimos ao Senhor. Mas lhe digo: Quem mexe com o povo de Deus, ou morre ou enlouquece ou se muda de lugar ou se converte a Deus. Pode ir embora que o seu recado está dado.

Assustado, deixei o copo cair no chão e vim embora. Não parava de pensar no que tinha ouvido daquela mulher. Às quatro horas da tarde as autoridades que são constituídas por Deus invadiram a minha casa, me levaram para a delegacia da cidade, onde começou o maior sofrimento. Depois de adulto, pela primeira vez eu conheci o mal que tinha plantado. Comecei a provar o amargo da maldade. Várias noites foram programadas para tirar a minha vida. A primeira noite, caindo eu de joelho na cela, falei pela primeira vez:

— Deus, se tu verdadeiramente és o Deus daquela mulher, que livrou ela da minha mão mais o marido dela, me livra da mão desses perversos. Não deixe tirar a minha vida. Eu te aceito

como Deus e o único Salvador da minha vida. Eu te prometo, enquanto vida eu tiver, não faço mal algum a ninguém mais. Só faço o bem.

E fui impedido de ser executado pelo poder de Deus. Todos planos foram desmanchados. Onze dias depois, o delegado daquela delegacia ordenou que me levasse ao presídio Professor Aníbal Bruno, porque a minha morte já estava encomendada. Queria ver quem ia impedir desta vez! Quando estava pronto para entrar na viatura, o telefone tocou, e atendendo um comissário, a juíza daquela cidade falou:

— Se encontra um preso chamado por Pedro José Soares?

Respondendo o comissário:

— Sim. Está sendo levado neste momento ao presídio Professor Aníbal Bruno. — E disse ela:

— Negativo. Leve ele à comarca da cidade e ninguém tire ele de lá sem a minha autorização.

Em chegar na comarca, foram contratados alguns detentos para tirar a minha vida. Mais uma vez foi impedido. Duas horas depois, chegou a juíza da cidade, reuniu todos os detentos, e Deus falou na boca dela: Ninguém se comprometa de tocar neste homem, porque ele é o meu.

A continuação deste testemunho, veremos depois.

Rogério

Este sou eu! A minha mãe conheceu o meu pai, como, eu não sei! Sei que ela não se preveniu, logo ficou grávida do meu irmão com apenas quinze anos. Nessa idade ela já era empregada doméstica. O meu irmão, a família do meu pai o pegou para criá-lo. O meu pai, nas suas idas e vindas à procura da minha mãe, mais uma vez a engravidou, dessa vez de mim. A família do meu pai, não acreditando que eu fosse filho dele, me rejeitou. A minha mãe tinha que trabalhar; como a família do meu pai me rejeitou, a minha mãe teve que me deixar com uma mulher que tomava conta de crianças. Foi aí que a minha história começou!

Essa mulher foi o meu pior pesadelo. A minha mãe só tinha folga de quinze em quinze dias. Quando ela vinha ver-me, trazia o meu alimento para os quinze dias seguintes, mas a mulher, ao invés de alimentar-me como devia me alimentava com papa de farinha. Quando defecasse, me deixava o dia todo sujo, muitas vezes eu mesmo comia as próprias fezes. Era espancado pela mesma como se fosse pessoa adulta.

Mais aí o sofrimento maior estava por vir: Essa mulher tinha um filho que se interessou por a minha mãe. O homem se mostrou bom moço, não mostrou o seu lado violento e ignorante. A minha mãe o ignorava, mas ele foi insistente até que conseguiu ficar com ela, lhe prometendo dar-me o seu sobrenome e atenção de pai. Casou-se com a minha mãe. Antes de ela casar-se com ele, conheceu outro rapaz. Como sempre não se preveniu, acabou ficar grávida novamente. Esta vez era uma menina! A minha irmã, como eu, ficou aos cuidados da mesma mulher que cuidava de mim, pois o rapaz no qual a minha mãe se envolveu não assumiu a criança. Mesmo assim, o filho da mulher insistiu em casar-se com ela. Ele alugou uma casa com três cômodos e fomos pra lá, eu, a minha mãe e o rapaz. A mulher quis ficar com a minha irmã.

O homem me deu o seu sobrenome, mas não cumpriu o seu papel de pai comigo. Ele queria muito o seu próprio filho homem! Ao invés de dar atenção de pai, ele me ignorava. Todo ano nascia uma menina. Finalmente tinha cinco filhas com a minha mãe. Em uma casa com três cômodos a nossa situação era difícil. A minha mãe teve que deixar o trabalho para poder cuidar de todos nós. Quando ele chegava do trabalho, estava bêbado e violento. Por qualquer motivo me batia, a mim e a minha mãe.

Quando completei seis anos, a minha mãe me matriculou numa escola com o nome de “Funabem”. Muitos se perguntavam se era a “FEBEM”! Mais não era isso. Era um lugar onde eu me sentia à vontade, sem medo, pois em casa eu vivia constantemente com medo e traumatizado. Sabia que ia apanhar sem motivo, bastava ele chegar bêbado!

Quando completei nove anos, o meu padrasto conseguiu um terreno em outro bairro com um político, e mudamo-nos para lá. Junto com o seu pai ele construiu uma casa de taipa com quatro cômodos. Quando nos mudamos para lá, a minha mãe estava grávida da minha irmã caçula, que era a sexta filha dele. A casa só estava coberta pela metade. Quando chegou a noite, a chuva disse “to aqui”. Ficamos todos em um só lado e passamos a noite praticamente acordados. No dia seguinte, ele, a minha mãe e eu saímos atrás de latas e papelão para cobrir a outra parte da casa.

Poucos dias mais tarde, a minha irmã caçula nasceu. Quando a minha mãe terminou o seu resguardo, ela voltou a trabalhar, e eu por ser o mais velho das crianças cuidava da casa e das minhas irmãs. Com apenas nove anos eu já cozinhava e fazia os serviços domésticos da casa. Mesmo assim eu não agradava a ele, pois toda noite ele chegava bêbado e violento, querendo comer o que ele não colocava em casa. Muitas vezes a minha mãe saía chorando, pois não tinha deixado nada para comermos. Eu saía nos lixos atrás de vidros e ferros. Às vezes encontrava cobre que vendia no ferro velho. Com o dinheiro comprava um pacote de macarrão ou um quilo de arroz e ovos e cozinhava para almoçarmos. Se eu não conseguisse nada, comíamos só à noite quando a minha mãe chegasse com restos do jantar de onde ela trabalhava. Muitas vezes, mas muitas vezes mesmo, eu ficava tremendo quando o homem que aprendi a chamar de pai chegava em casa, pois sabia que ia apanhar e ver a minha mãe ser

espancada. Ele era bem empregado e ganhava bem, mais passamos muitas dificuldades, pois ele nunca chegava em casa com qualquer dinheiro para ajudar a minha mãe. Ao contrário! Ele queria comer o que não colocou. E já sabe? Sobrava agressão para mim e para a minha mãe. Eu sempre dizia para mim: “Quando crescer, eu o mato.” Você pode perguntar-se: Por que a minha mãe não o deixava? Mas ela ia para onde com sete filhos, se ela já tinha sido abandonada aos doze anos na cozinha dos outros? A mãe dela já tinha falecido, ela não conheceu o pai dela, e irmãos estavam espalhados, ela não sabia por onde. Ela suportou todo sofrimento por todos nós. Muitas vezes, quando eu estava num canto, todo machucado, pois eu tinha sido espancado por ele, a minha mãe falava:

— Meu filho! Um dia, isso vai passar! — Fui crescendo com revolta no coração e com instinto de homicídio, pois cresci com pensamento em matá-lo.

O tempo passou, e aos meus dezoito anos comecei a trabalhar de carteira assinada, pois não fiquei no quartel. Era muito magro e não tinha fisionomia para fazer o serviço militar.

No dia 23 de Junho de 1989, quando eu estava lavando o carro da empresa na qual eu trabalhava, a minha irmã veio correndo e gritando:

— Gel! Gel! Corre! Pai está quebrando tudo lá em casa! — Nessa altura ele já tinha dado um soco no rosto dela. Fui correndo. Ao chegar em casa, vi que ele, exaltado, já tinha quebrado as únicas coisas que tínhamos de valor. Era um televisor preto e branco e uma geladeira já bem velha. Eu pedi para que ele se acalmasse, mas ao invés de fazer isso, ele correu para pegar uma faca e ameaçar a minha mãe. Eu peguei uma foice que ele tinha guardado em baixo da cama. Quando ele foi em direção da minha mãe, eu atravessei na frente e consegui pegá-lo pelo pescoço. Quando ataquei-lo com a foice, primeiramente DEUS e em segundo lugar o vizinho seguraram o meu braço. Mesmo assim continuei lhe segurando pelo pescoço e lhe falei:

— Este é o ultimo dia que você toca um dedo na minha mãe! Se você tocar na minha mãe, eu lhe mato. — Ele ficou sem ação e baixou a cabeça. O soltei, e ele foi até o quarto, trocou de roupa e saiu. Foi para casa da sua mãe. Isso aconteceu no final de semana, precisamente num sábado.

Na segunda-feira seguinte ele apareceu no local do meu trabalho querendo conversar comigo. Pediu-me desculpas e perguntou se ele podia voltar para casa. Falei-lhe que por mim tudo bem, mais não dependia de mim, mas sim da minha mãe. Seria ela quem ia decidir se queria viver com ele ou não. Quando ele chegou em casa, conversamos nós três, ele pediu desculpas à minha mãe e falou que não aconteceria mais. A minha mãe falou que ele podia ficar se quisesse, mais com uma condição: ele em um quarto e ela em outro. Assim foi feito. Ela não quis vida conjugal com ele e mais ninguém.

Neste mesmo período eu encontrei a moça que seria a mãe dos meus filhos. Eu estava com uns amigos, vendo uma apresentação de quadrilha junina em um bairro próximo, e lá estava ela! Começamos nós olhar. Ela já sabia quem ela estava paquerando, mas eu não me recordava dela. Desliguei-me um pouco dela e fui para um bar próximo. Peguei duas fichas de sinuca. Poucos minutos depois, ela apareceu com a sua amiga. Mesmo assim ficamos nos olhares. Antes do final da apresentação, eu e os meus amigos decidimos ir embora. Quando já estávamos na avenida, veio ela com as suas amigas. Estavam bem ofegantes, pois, quando ela me viu ir embora, saiu correndo com as amigas para não perder-me de vista. Quando ela passou por mim, cantei uma canção que, sem saber, combinava com nós dois. A canção era assim:

Eu me lembro de você mesmo sem te conhecer, posso te contar qual é o seu nome, e até adivinhar teu pensamento. É assim que tem que ser. Não adianta se esconder, está em teu olhar, em teu estilo pra quer tentar mudar...

E assim ela passou, e quando chegou em certa distância, olhou para trás. Foi neste momento que a chamei. Caminhamos na direção de um ao outro. Falei:

— Eu te conheço de algum lugar. — E ela:

— Sim. Estudamos no mesmo colégio. Você fez o papel de pai, assinando no lugar dele quando fui renovar a minha matrícula, depois não nos vimos mais.

Ali não aconteceu nada, mas marcamos para nos ver no dia seguinte. Assim eu fui ao encontro dela. Chegando ao local marcado, ela não tinha chegado. Uma amiga dela veio até mim e falou que ela já estava por vir. Pouco tempo depois ela chegou e estava mais linda que no dia anterior. Mais a coisa não funcionou como queríamos que fosse, pois eu não estava legal. Poucos dias atrás tinha acontecido aquele incidente com o meu pai e a minha mãe. Eu só consegui desabafar para ela. Ela ficou o tempo todo me dando força, dizendo que isso era uma fase que ia passar. Começamos a namorar no dia 29 de Julho de 1989, justamente numa festa de colégio, não aquele no qual estudamos juntos, mas foi em um colégio. Começamos a dançar, e aí a beijei. Essa noite foi maravilhosa. Continuamos o nosso namoro até o dia de hoje.

Em 1990 perdi o meu emprego. Passei mais de dois anos desempregado, e em 1992 consegui um emprego de vendedor em uma loja no centro da cidade. Antes desse emprego resolvemos morar juntos, isto aconteceu em 1991. Alugamos um quarto com um cômodo, que só cabia uma cama, mais não tínhamos cama; a minha sogra nos deu um tapete que só cabia a minha mulher, dois pratos, dois talheres, a nossa jarra era um balde de cinco litros e o nosso fogão era uma lata de leite “Ninho” com álcool. Mais DEUS, qué maravilhoso, me deu mais uma oportunidade de trabalho. No ano seguinte comecei a trabalhar de vendedor. Com o meu primeiro salário aluguei uma casa com três cômodos, e com o segundo salário comprei uma cama baú. Assim nos organizamos. No dia nove de Março de 1993 nos casamos no civil. No mês de Novembro do mesmo ano fiquei doente. Passei um mês e onze dias internado, antes de saber que era uma tuberculose. A minha mulher estava grávida e não sabíamos. Passei seis meses me tratando sem interrupção. Fiquei bom até hoje. Não fiquei com nenhuma sequela. Depois da cura uma bênção: A minha filha nasceu em Junho de 1994, a melhor coisa que me aconteceu.

Em 1995 fiquei desempregado novamente. Foi aí que comecei a minha vida de segurança de mercadinho, farmácia, clubes etc. Quando você faz um bom trabalho no setor onde você faz a segurança, você começa a ser indicado para outros comerciantes, aí vem a má fama, que você faz acontecer; talvez você nunca tirou a vida de ninguém, mas as pessoas te consideram como matador ou algo parecido. Eu passava um tempo de segurança e voltava a trabalhar em outras áreas, de carteira assinada, pois como segurança. Era sempre informal. Mas de 2004 até 2009 trabalhei só como segurança. Se eu trabalhei em outros serviços, foi pouco tempo. Foi nesse período que as coisas aconteceram de maneira descontrolada. Conheci pessoas que não pensavam duas vezes para resolver os problemas que aparecessem. Por me envolver com pessoas assim, me encontro hoje condenado a 19 anos de reclusão. Já estou preso a quatro anos e meio. Hoje vejo o quanto perdi por não ter ouvido a minha mãe e a minha esposa. As coisas mais importantes para mim é a minha família! Hoje estão faltando a minha mãe e o meu irmão, pessoas que se foram nesse período que estou preso. Perdi o crescimento dos meus filhos, perdi a minha dignidade e o meu direito de cidadão. Sem mais: Rogério

Edvaldo

Este é o resumo de 32 anos de vida, de Edvaldo Ribeiro de Souza, conhecido por “Irmão Val”. Reflita nesse testemunho, pois ele vai impactar a sua vida. Talvez você esteja pensando que não tem mais solução para a sua vida. Um dia eu também pensei assim, pois quando pensava que não tinha mais solução e que estava tudo acabado, foi exatamente neste momento que Deus mudou a minha vida.

A história da minha vida

Tudo começou quando eu era muito criança. Segundo alguns parentes, como prima, tio e até a minha mãe, o meu pai se aborreceu comigo por eu estar doente e chorar muito, e me jogou dentro de um partido de bananeiras do sítio no qual morávamos. Pior foi que ele não permitiu que a minha mãe fosse me pegar de volta. Mas Deus é misericordioso e enviou a minha prima para me resgatar. Depois fui devolvido para os meus pais.

O tempo foi passando. A minha família nunca foi uma família bem estruturada. Quando eu tinha mais ou menos uns sete anos de idade, os meus pais brigavam muito. Certo dia aconteceu o seguinte: O meu pai tinha saído de casa para a cidade. Quando voltou, eu e Nado, o meu irmão mais velho, estávamos ajudando à madrinha dele carregar pedras para fazer a base da casa dela. A minha mãe estava pescando bem próximo de nós. Quando o meu pai voltou, fomos todos para casa, a minha mãe preparou o jantar e dividiu. Ao todos éramos treze pessoas, onze crianças e os meus pais. Estávamos todos alegres, pois íamos jantar. De repente o meu pai começou a pegar os pratos cheios, derramá-los debaixo da mesa e quebrá-los. Lembro-me que assim começou o desespero de uma vez. Nós crianças não podíamos fazer nada além de chorar e correr desesperados. O meu pai continuou quebrando tudo de modo que não ficou inteira nem a forma de colocar água. Nessa altura já estávamos todos escondidos nas bananeiras e nas casas dos vizinhos. Ele começou a chamar a minha mãe. Ela voltou para casa, e logo ele começou a espancá-la. Nós crianças corremos para socorrê-la. Quando o meu pai percebeu que chegamos perto, ele correu na nossa direção para bater-nos também. Felizmente era uma noite escura, e conseguimos esconder-nos num talhão de cana. Despistamos naquela hora. Aquela noite foi marcada. Fomos até a casa de uma tia nossa no outro engenho, mas os cachorros não nos deixaram aproximar-nos, então dormimos num roçado de inhame. De madrugada eu e o meu irmão pegamos cada um uma sacola de manga, já pensando em levá-las para casa, mas esperamos até sete horas da manhã, a hora do meu pai sair para trabalhar. Quando chegamos em casa, tinha um punho de rede cortado com um nó na ponta de cada fio. Ao todo dava uns trinta nós. Essa era a ferramenta para eu apanhar, e para o meu irmão Nado tinha um galho de manga. Criamos coragem e ficamos para apanhar, pois não tinha outro lugar, éramos ainda crianças. Enfim, o resultado é lógico: Muito pau.

O tempo passou. Mudamo-nos para a cidade. Tínhamos uma casa própria e uma barraca onde vendíamos todo tipo de alimento. Por isso pensamos que a nossa família estava estruturada. Mas logo começou tudo de novo: O meu pai acabou com tudo e mandou mãe embora. Continuamos uma família desestruturada. Ficamos sem a nossa mãe que cuidara de nós. Assim tudo ficou mais difícil para nós.

Mas o tempo passou. Mudamos de casa de novo. O meu pai era viciado em jogos. Cada vez que ele perdia no jogo, era um desespero em casa. Lembro-me que nesta nova casa tínhamos uma barraca como outra onde vendíamos tudo, menos cachaça. E tinha um cassino. A minha irmã Lê tomava conta da barraca, eu do cassino, e ele jogava. Naquela época eu tinha alguns onze anos. Quando ele acabava com o dinheiro que tinha, pegava mais comigo ou com a minha irmã. O jogo acabava quando as pessoas que estavam jogando com ele não queriam jogar mais, pois já tinham ganhado algum dinheiro dele e ficavam rindo dele.

Lembro-me que uma vez o meu pai nos chamou para prestar conta, e lhe demos o dinheiro que tinha sobrado. Ele ficou bravo porque achou que era muito pouco. Eu falei para ele

que era tudo que tinha sobrado. As pessoas riram dele, e eu saí de perto, fui para outra rua, enquanto ele quebrou as plantas que estavam no terraço. Em seguida o meu pai pegou as minhas roupas, colocou-as dentro de uma bolsa de plástico e deixou-os na frente de casa. Muita gente viu isso. Depois ele me chamou. Quando cheguei, ele disse:

— Estão aí as suas roupas, e eu não quero que você pise nem na porta de casa!

Rasguei a bolsa, peguei duas roupas, vesti uma encima da outra e fui embora. Não tinha para onde ir, não tinha onde ficar, e quando a noite chegou, eu estava sozinho na rua, sem mãe, sem casa, abandonado, sem ninguém que me ajudasse. Fiquei com sono e saí para procurar um lugar para dormir. Encontrei um tronco de pé de coco ao lado do muro do cemitério. Resolvi dormir ali. No outro dia encontrei um adolescente chamado Marinaldo que me levou para dormir na casa da mãe dele. Mas ela não gostou dessa ideia, pediu ao seu filho para não me levar mais para lá, pois ela pensava que eu fazia as mesmas coisas que o filho dela fazia. Eu nem sabia o que era. Mas ele fez um convite para mim, o qual era: Roubar galinhas. Visto que eu estava desamparado pelo meu pai, não tinha encontrado outra proposta para conseguir um recurso e também não tinha aprendido como lidar com uma situação como essa, eu aceitei o convite. Praticamos aquele ato. Alguns dias depois encontrei o meu pai. Ele disse:

— Vá para casa, pois você não sabe que não vai conseguir viver assim. — Eu disse a ele:

— Mas foi o senhor que me mandou ir embora!

Voltei para casa, mas já tinha combinado com Marinaldo para na sexta-feira irmos fazer a mesma coisa. No dia marcado ele mentiu ao meu pai que iríamos trabalhar. O meu pai deixou. Pois fomos embora. Esperamos até a noite para fazer a ação, e começamos a praticá-la. Esta vez tudo deu errado, pois fui pego pelo guarda da rua. Este me levou para casa e me entregou ao meu pai que me mandou dormir. Esta vez o meu pai não bateu em mim, mas disse:

— Amanhã logo cedo você vai embora de novo e não é nem para ficar aqui em Condado. Você vai embora procurar a sua mãe.

Deitei-me na cama, tentei de dormir, mas não consegui. De manhã nem quis levantar-me da cama, para não precisar ir embora. Mas o meu pai me chamou e me mandou embora. Fiquei na frente da casa, olhando o jogo de sinuca e esperando Marinaldo voltar. Quando este chegou, ele me deu a metade do dinheiro que tinha ganhado pela venda das galinhas roubadas, e foi embora. Depois chamei um colega para levar-me à usina onde a minha mãe morava. Fiquei lá.

Poucos dias depois o meu pai decidiu sair da casa dele. Ele mandou chamar a minha mãe para ela tomar conta de nós crianças em casa. Ele deixou a casa e a barraca com a gente, mas o meu irmão mais velho Nado não soube administrá-la, e tudo acabou. Fiquei sabendo que Marinaldo morreu assassinado.

Naquela época, eu tinha uns quinze ou dezesseis anos de idade, comecei a namorar com uma jovem da minha idade que já conhecia um bom tempo porque ela morava perto da nossa casa. Ela se chamava Rosa. A mãe dela não aceitava esta relação, mas nos encontrávamos à noite em diversos lugares. Chegamos a um ponto de termos relação sexual. Quando a mãe dela ficou sabendo disso, queria me obrigar a casar com ela, pois eu tinha tirado a virgindade de Rosa. A mãe dela queria alugar uma casa para nós morarmos, mas eu não estava muito interessado em ter a responsabilidade de casamento. Resolvi conversar com a mãe dela, e chegamos a um acordo de ela morar na casa da minha mãe. A minha ideia era que com esta solução, a mãe de Rosa podia dar à sua filha o dinheiro do aluguel economizado.

Nesta época o meu pai arranhou um trabalho na usina “Laranjeira”, e ele me chamou para trabalhar lá também. Fui, pois era uma oportunidade para fugir do relacionamento que tinha com Rosa. No tempo que passei no engenho, me envolvi numa relação muito perigosa, porque a mulher era de outro homem e ficou grávida de mim. Voltei para casa da minha mãe onde Rosa ainda estava esperando por mim. Mas eu não estava satisfeito com este relacionamento. Por isso aproveitei da próxima oportunidade de trabalho, desta vez no estado de Alagoas. Fui

trabalhar com o irmão de Rosa e mais algumas pessoas. De lá não voltava para casa no final da quinzena como os outros trabalhadores, mas mandava recado pelo irmão de Rosa para que ela se esquecesse de mim. Mas chegou o dia que acabou o trabalho, e foi preciso voltar para casa. Nesta altura eu sabia que Rosa já não estava mais me esperando e tinha voltada para casa da mãe dela. Quando cheguei em casa, eu tive contato com ela, marquei um encontro e a espanquei. Hoje reconheço que eu era uma pessoa perversa. Dias depois a mãe dela deu parte de mim. Quase que eu fiquei preso.

Algum tempo depois resolvi colocar novamente uma barraca. Naquela época já era usuário de drogas ilícitas. Certo dia, fui caçar. Não peguei nada, e quando anoiteceu, voltei para casa. Sentei-me à mesa para comer. Na sala estavam a minha mãe e três colegas e mais alguns irmãos pequenos. Quando acabei a minha refeição me levantei para tomar água. Fiquei em pé atrás da cadeira. De repente chegou o meu irmão Nado com dois revólveres nas mãos, brincou com eles apontando para a cabeça de um dos colegas que estavam sentados na mesa. De repente ouvimos um disparo. A minha mãe começou a chorar, quase desmaiou. Por causa do impacto ela tinha percebido que eu tinha sido atingido. Mas eu disse que não tinha sido atingido. Depois percebi que tinha um buraco na minha calça. Falei que só pode ter sido de raspão. Na verdade foi de raspão no osso da minha coxa direita. De repente perdi força, e a minha perna começou a ficar dura. O meu irmão e um colega me levaram ao hospital. Lá foi feita uma ocorrência. Mentimos para não prejudicar o meu irmão, pois tinha sido um acidente. Recebi alta do hospital, mas o projétil ficou alojado.

Algum tempo depois, conheci Josi com a qual eu tive um relacionamento conjugal. Deixei o pequeno comércio, saí da casa da minha mãe e fui morar com esta mulher. A minha perna com o projétil começou a secar e um dos músculos a encolher. Um amigo de Josi me encaminhou ao médico para tirar o projétil. Tirei o projétil e a minha perna voltou ao normal. Convivi com Josi durante algum tempo, mas brigávamos muito, e resolvi acabar o relacionamento. Voltei para casa da minha mãe. Mas Josi não aceitou a separação e ficou atrás de mim. Sabendo que ela odiava lugares de prostituição, comecei a frequentar exatamente estes lugares a ponto de morar em um destes lugares para não ser perseguido por ela. Nessa altura fiz conhecimento de outras mulheres e me envolvi com elas. Uma delas, Joana-d'Arc, era muito brava. Chegou o ponto dela não querer abrir mão de mim. Ela começou a brigar com as outras que também tinham relacionamento comigo. Finalmente Joana-d'Arc me convenceu de morar com ela. Mas ela tinha um espírito que não a deixava viver como uma dona de casa. Ela era pior que Josi. Eu mesmo também tinha o mesmo espírito de prostituição, não conseguia me controlar e ficar com uma só mulher. Por isso resolvi deixar Joana-d'Arc. Nós nos deixamos várias vezes.

Nesta época eu tinha um bar num povoado e um dos motivos de eu querer me separar de Joana-d'Arc era que ela tinha ciúme das mulheres que eu trazia para o estabelecimento. Por isso, as mulheres ficavam com medo e iam embora me dando prejuízo, pois eu investia com viagens para trazê-las. Nós morávamos ao lado do bar. Resolvi mandá-la embora. Ela foi, mas tinha um orelhão na frente do bar ao qual ela ligava e mandava chamar a mulher que tivesse lá no bar, e ameaçava para elas ir embora. Então resolvi passar um tempo com o bar fechado. Voltei para a cidade. Pouco tempo depois Joana-d'Arc me procurou querendo voltar para mim. Chegou na casa da minha mãe, chamou ela, arranjou um carro e foi na casa onde morávamos. Pegou os móveis, trouxe para a cidade e disse que eu tinha que morar com ela. Eu não tinha como fugir desta realidade, pois estava preso por ela, como dizem as escrituras no livro de Eclesiastes, cap. 7, vers. 26: *“Eu achei uma coisa mais amarga do que a morte. A mulher cujo coração são redes e laços e cujas mãos são ataduras: Quem for bom diante de Deus escapará dela, mas o pecador virá a ser preso por ela.”*

Certo dia eu estava em casa e conversei com Joana-d'Arc, dizendo que iria sair de casa e só chegar no outro dia. De verdade eu estava mentindo para ela para ficar com outra mulher, Francineide. Eu tinha um colega que era dono de um dos estabelecimentos. Ele se chamava Eduardo. Alugamos duas motos e saímos nós quatro para beber, cada um com a sua mulher.

Divertimo-nos. Eduardo voltou para o bar dele, e eu fui com Francineide a um motel. Passamos a noite. No dia seguinte o interfone tocou. Quando atendi, era Eduardo, pedindo para eu não devolver a minha moto porque ele já tinha entregado a dele e queria ficar com a minha. Enfim, continuei dormindo mais um pouco. Quando acordei, dirigi-me ao bar do meu colega, levando Francineide na garupa da moto. Quando cheguei na frente do estabelecimento, vi Josi. Ela estava com um revólver na bolsa. Quando me avistou, disse:

— Eu não disse que se eu te pegasse com outra, eu te matava?

Puxou o revólver e disparou na minha direção. Acertou o primeiro tiro em mim, e eu caí. Depois ela deu mais tiros na direção de Francineide, mas não acertou. Ela saiu correndo. Levantei-me e corri. Josi, armada, voltou atrás de mim e deu outro disparo na minha direção. Entrei num beco e ela ficou gritando como uma louca dizendo:

— Onde está o meu marido? — Deu mais um tiro para cima, depois fugiu, mas foi capturada pela polícia. O meu colega me levou ao hospital. De lá fui transferido para outro hospital porque não tinha possibilidade de atendimento no primeiro hospital, pois o caso era muito grave. Quando cheguei no outro hospital, fui atendido. De repente chegaram uns policiais da minha cidade e colocaram algemas em mim. Perguntei para eles:

— Por que estão colocando algemas em mim? Eu sou vítima.

Mas eles responderam:

— Não se preocupe, é para a sua segurança.

Pouco tempo depois eles chegaram novamente perto de mim e disseram:

— Você tem muita sorte, pois tem alguém muito forte falando por você.

Fui transferido para um terceiro hospital, na capital do estado. No caminho pedi muito a Deus que tivesse misericórdia de mim, pois eu pensava que iria morrer. Orei dizendo a Deus que, se ele me perdoasse, eu iria servir a ele, ou seja, eu iria ser crente. Quando cheguei ao hospital, fui operado. Três dias depois já estava de alta. Voltei para casa da minha mãe, mas não cumpri com o que eu tinha prometido a Deus. Ele cumpriu a sua parte, pois não permitiu que eu morresse. Com menos de sete dias eu já estava andando de bicicleta BMX - com uma bolsa com drogas vendendo.

A minha mãe não aceitava que eu fizesse essas coisas. Dizia para mim que eu tinha de parar ou tinha que procurar outro lugar para morar. Pois muitas pessoas foram me procurar lá onde morava, inclusive as mulheres que eu conhecia do bar.

Resolvi ir para o bar do colega, pois lá ficava consumindo e ajudando, aproveitando a ocasião e já ficava com Francineide.

Resolvi abrir novamente o bar que estava fechado, mas na minha responsabilidade do aluguel, pois eu tinha conversado com o dono do prédio para continuar com ele fechado por alguns meses e depois voltaria a comercializar novamente. Nesta época o meu irmão Nado estava preso por ter tirado a vida de uma pessoa. Enfim abri o comércio. Tinha contato por telefone com o meu irmão Nado no presídio. Conheci outros colegas, e um deles, Joca, teve certa intimidade com Nado quando este saiu da prisão ao regime semi-aberto. O meu irmão foi recolhido novamente para o presídio, e de lá começou a comercializar drogas para a rua para algumas pessoas, inclusive para este colega meu, Joca. Certo dia, eu e o Joca estávamos no bar, quando o meu irmão ligou pedindo que Joca fosse buscar um quilo de droga em uma cidade bem distante, e ele aceitou e me chamou. Fui com ele de moto, e o meu irmão tinha pedido a ele de não me dar da droga, mas eu, como estava com algumas dívidas, como aluguel e energia, convenci Joca a dividir a droga comigo. Ele aceitou. Quando embrulhei a droga em papelote para levá-la para uma outra pessoa, fui abordado pelos policiais do GATI. Neste momento Francineide, que estava com duas ou três semanas de gravidez, estava comigo. Fui espancado durante a abordagem, mas não confessei. Conduziram-me para a cidade sendo mais uma vez espancado no caminho, pois era longe da cidade. No momento da abordagem o meu irmão ligou muito para mim, porém os policiais não permitiam que eu atendesse o telefone, pois eles queriam mais informação sobre o assunto. Finalmente resolveram deixar-me atender o celular. A

primeira palavra que eu falei para o meu irmão quando atendi era que eu estava preso. Por isso apanhei mais ainda. Enfim cheguei na delegacia, fui atuado e conduzido para a comarca. Passei na comarca um ano, um mês e sete dias. Durante este período fui conduzido ao fórum várias vezes para audiência, mas nenhuma delas foi realizada. Durante este tempo fiz uma petição a Deus quando os irmãos da igreja foram evangelizar na comarca. O pedido foi que eu iria ser crente se Deus me tirasse da prisão. A partir deste dia comecei a dizer que eu iria embora, quando de repente chegou um alvará para eu ir embora.

Enfim mais uma vez Deus cumpriu com o que eu pedi, mas eu, ao chegar do outro lado, não cumpri com o que eu tinha prometido a Deus. Comecei novamente a frequentar pontos de prostituição. Desta vez no estado da Paraíba, onde um dos meus colegas tinha um ponto. Chegando lá, comecei a projetar junto com ele para irmos para Campina Grande para colocar outro estabelecimento ali. Mas eu tinha recebido uma ordem de comparecer ao fórum e já tinha comparecido duas vezes. Porém não tinha acontecido nenhuma audiência. E mais uma vez estava marcado uma audiência. Um dia antes do dia de nós irmos para Campina Grande, eu fui para a audiência. Quando cheguei no fórum, veio ao coração um sentimento de que eu iria ficar preso. Mas não resolvi fugir. Enfrentei a realidade, mas coloquei o celular dentro do sapato porque já sabia que iria preso, pois o meu coração me dizia isso. Teve audiência, e fui recolhido. Só tinha passado um mês e sete dias na rua. Cheguei na comarca. Comecei a entrar em contato com o Joca. Ele aceitou a minha petição que foi levar maconha para mim, mas na segunda vez ele foi preso. Fomos atuados, fiquei de castigo por trinta dias. No final dos trinta dias fomos a uma audiência e lá pedi à juíza de ela liberar a visita da minha mulher Francineide, pois ela tinha sido solta antes de mim. A juíza liberou, mas o policial que presenciou a liberação impediu a entrada da mulher. Pois eu fiquei muito irritado e comecei a blasfemar o policial e desacatar, chamando-o para brigarmos corporalmente. Mas os outros não permitiram que ele desse uma pisa em mim. Este policial pediu à juíza para eu ser transferido para o presídio. Passei mais um mês de castigo na comarca, e depois do castigo fui transferido para o presídio no qual eu me encontro hoje a cinco anos.

Quando cheguei no presídio, o meu irmão Nado já tinha sido solto. Ele veio uma vez me visitar, mas não entrou para me ver, pois ele temia que alguns dos prisioneiros vissem que eu era o irmão dele, e tentassem fazer algum mal para mim, apesar de que alguns sabiam que eu era o irmão dele. Passaram dois meses, e ele faleceu de um acidente de moto. Depois a minha irmã Lê veio uma vez me visitar, junta com o meu irmão Edson. A partir daí passei mais um tempo sem visita, mas entrava em contato por telefone com quase toda a família, inclusive com o meu pai que me dava algum dinheiro comprando crédito de celular e passando para mim para eu comprar alguns produtos de higiene. Até que fim chegou o momento que eu telefonei para a minha irmã para saber do meu filho Guilherme, pois a minha mãe tinha falado para mim que a minha irmã estava andando com ele na rua. Quando ela atendeu ao telefone, ela falou que Guilherme estava com uma vizinha dela que se chama Josicleide, que eu não conhecia, pois essa pessoa tinha ido morar ao lado de casa depois que eu tinha sido preso. Então eu pedi para ela passar o telefone para esta pessoa. Ela passou, e eu comecei a conversar. Pedi o número de telefone dessa pessoa para conversarmos mais a vontade. Ela me concedeu. Então não perdi tempo. Comecei a mandar mensagens românticas e também a ligar pela madrugada. Mas antes de chamá-la para me visitar, falei com Francineide, a mãe de Guilherme, e perguntei se ela queria vir me visitar, mas ela colocou muitos obstáculos no caminho. Então eu falei para ela que não iria ficar sozinho, iria arranjar outra pessoa para me visitar, pois ela não queria vir. Lembro-me de uma frase que ela falou. Foi mais ou menos assim:

— Pois tu sabes que quando tu ficas com essas mulheres, elas não querem mais te deixar. Quando você sair daí, ela vai ficar atrás de você. — E eu falei:

— Não tem problema. Se você não quer vir me visitar, está mostrando que não me quer mais. — Até que conquistei Josicleide por telefone e consegui trazê-la até a penitenciária para fazer a carteirinha e entrar para me visitar. Ela veio uma primeira vez, e nós nos demos muito

bem. Alguns dias depois - ela tinha vindo algumas três vezes - eu ainda não tinha aceitado a Jesus. Foi neste momento que ela me convenceu que eu precisava de salvação. Enfim resolvi cumprir a promessa que eu tinha feito a Deus. Então aceitei a Jesus.

Comuniquei para Josicleide que eu era evangélico, e desde então comecei a frequentar os cultos. O tempo foi passando, e Deus foi me dando o entendimento da palavra e a cada vez que eu lia a Bíblia, o espírito santo de Deus me dava um entendimento melhor. Eu comecei a perceber que anteriormente eu estava indo de contrário à vontade de Deus. Quando percebi que estava indo de contrário, comecei a dar meia-volta, mudando as minhas atitudes como, por exemplo, a forma de me expressar, a forma de vestir, etc. Deus começou a me abençoar. Comecei a me interessar mais nas atividades que iriam me beneficiar, como estudar e trabalhar.

Givanildo

Nascimento

Nasci numa pequena cidade do estado de Pernambuco como filho de um casal de agricultores simples, humildes e trabalhadores. A riqueza nunca estava ao nosso alcance, mas não tenho o que me queixar. Os meus pais eram daqueles que faziam de tudo para dar-nos o que eles não tinham, e queriam que os seus filhos fossem algo na vida quando crescessem.

A minha mãe e o meu pai sempre nos incentivavam a estudar, mesmo eles sendo quase analfabetos. Nesta época éramos três crianças: Maria a mais velha, Mery a segunda e eu o mais novo. Morávamos num sítio do município de Nazaré da Mata.

Este sítio não era tão próximo à cidade. A nossa mãe nos levava todos os dias ao colégio e ia buscar-nos no horário certo.

Naquela época não havia transporte público que cumprisse as nossas necessidades, então tínhamos que passar por essa humilhação de caminhar alguns quilômetros, passando por lugares muito perigosos. As mulheres do sítio se reuniam em um ponto de referência muito conhecido por todos, que era o campo de futebol. Em seguida saíam em bando para levar os seus filhos à escola. Todas tinham uma rotina doméstica em comum: Se acordavam cedo pela madrugada para fazer o café do seu marido e dos seus filhos e depois organizar os lanches para os seus filhos levarem ao colégio. Enquanto isso, nós crianças tomávamos banho na cacimba ao lado da nossa casa. Em seguida vestíamos a farda do colégio e tomávamos café da manhã. Só assim, a nossa mãe podia levar-nos ao ponto de encontro. Saíamos de cinco horas da manhã em direção ao colégio, todos juntos para evitar que alguns animais nos encontrassem ao caminho e nos atacassem, pois tínhamos que passar por uma vagem chamada 'Vagem das Sucuris'. Ali havia muitas cobras venenosas e uma espécie que causava pavor em qualquer pessoa que a visse, pois era muito grande. Os idosos falavam que ali um tempo atrás um homem com o seu filho passaram nesta vagem. De repente foi atacado por essa cobra. O homem tentou fugir, mas não conseguiu porque estava muito bêbado. Caiu. Quando tentou correr, logo ela se enrolou ao redor dele e começou a espremer o pobre do homem. Depois de quebrar todos os ossos do homem, ela começou a engoli-lo. O seu filho ficou apavorado e saiu em disparada para buscar ajuda, mas quando chegou, o seu pai não estava mais ali. Nem restos mortais dele foram encontrados, só o chapéu restou.

Além dessa vagem tínhamos que passar por lugares próximos a uma mata fechada. Era normal vermos animais que também atacam pessoas que passam perto do seu habitat, como raposas de cachorro, guará etc. Quando chegávamos na estrada principal que levava à cidade, havia outro tipo de preocupação para as nossas mães: Naquela percurso já haviam acontecido diversos crimes. Havia boates perto. De vez em quando ficavam homens de tocaia para se aproveitar e abusar das mulheres que andavam sem companhia. Mesmo assim, com todas essas dificuldades, a minha mãe nunca se quer desanimou, e sempre nos levava ao colégio e ia buscar-nos no horário certo.

Como surgiu uma boa ideia

Uma vez que o meu pai, no serviço, estava conversando com o pai de uma das crianças que fazia o mesmo percurso para ir ao colégio, tive uma boa ideia. Reuniram-se com os outros pais e falaram como era difícil para as suas esposas manter a rotina de dona de casa: Levar as crianças ao colégio a uma distância tão desfavorável e ainda fazer almoço na hora certa era quase impossível. Essa rotina tinha que acabar com alguma solução. E todos os pais juntos decidiram ir à cidade em busca de soluções para a comunidade. As suas esposas ficaram em casa felizes na expectativa com esperanças que as coisas ruins iriam acabar com a ida dos pais à cidade em busca de transporte. Chegando à prefeitura da cidade, os pais perguntaram a secretária:

— Onde está o prefeito?

— Está na reunião com os vereadores e não pode atender ninguém no momento, Senhor, me desculpe. — Então todos murmuraram e disseram que só sairiam dali depois de falar com o prefeito. Imediatamente ela ligou para dizer para ele que dezenas de homens do sítio estavam à sua espera, e só sairiam dali quando fossem atendidos. Então o prefeito veio todo sorridente. Quando viu que eram pessoas dos sítios, perguntou:

— Como posso ajudar, meu povo? — O meu pai tomou a frente e falou sobre a situação que todos estavam passando e como o prefeito poderia ajudar ao seu povo. Pediram um transporte que pudesse trazer os seus filhos ao colégio e levá-los de volta para as suas casas com mais tranquilidade. Todas aquelas palavras de sinceridade e sofrimentos não foram os suficientes para tocar no coração daquele homem. Pois se manteve firme e falou:

— Não há verbas o suficiente para um transporte escolar no momento. Todos vocês tenham um pouco mais de paciência, que logo, logo vou providenciar esse transporte. Enquanto isso, aguardem um pouco mais. Naquele instante todos perceberam que o futuro dos seus filhos estava na atitude que iriam tomar a partir daquele momento.

A solução mora ao lado

Todos voltaram tarde para as suas casas, tristes por não ter conseguido o transporte escolar para os seus filhos. Foram-se às suas residências com aperto profundo no peito. Ao chegarem nas suas casas, alguns logo foram se afogar em bebedeira, outros ficaram em silêncio por algumas horas. O meu pai ficou muito triste e mal conseguiu dormir à noite.

No dia seguinte, ele chamou todos e os incentivou a não desistir dos seus objetivos. Falou que havia ainda uma solução, a de alugar um carro para poder levar as crianças ao colégio. Então o meu pai convidou um daqueles homens a o acompanhá-lo até o sítio vizinho onde morava seu Manoel que tinha uma F-4000. Conversaram com ele sobre a situação pela qual aquelas crianças passavam para poder aprender a ler e a escrever. Contaram sobre o perigo constante que as suas esposas enfrentavam todos os dias: Por mais que se esforçassem, não davam conta das suas tarefas domésticas por a escola estar tão longe. Isso dificultava cada vez mais as tarefas domésticas. Muitas vezes os maridos tinham que fazer o almoço porque as esposas chegavam tarde demais. Saíam para levar as crianças de cinco horas, chegavam ao colégio às seis e meia da manhã, voltavam e chegavam em casa às oito e meia e preparavam o almoço para sair de dez horas. Muitas vezes não dava tempo para prepará-lo. Quando chegavam em casa com as crianças, elas estavam exaustas demais. Muitas vezes ficavam cochilando na mesa na hora do almoço de estar tão cansadas.

Seu Manoel ficou muito comovido com a situação e perguntou como podia ajudar. Então foi feita uma proposta a ele. Fizeram os cálculos e acertaram o ponto de referência, a hora e o preço para ele levar os alunos à escola de carro.

Assim os doze pais de família puderam respirar melhor. As nossas mães tiveram mais tempo para os fazeres domésticos, e o desgaste físico e mental diminuíram 50% desde então. Uma pessoa maior de idade nos acompanhava durante todo o percurso de ida e volta, e as nossas mães ficavam em casa, e quando chegávamos todos com muita fome, o almoço já estava posto na mesa, e a nossa mãe nos recebia com um belo sorriso, acompanhado de um beijo maravilhoso.

Tristeza em dose dupla

Durante algum tempo tudo era na perfeita ordem: as crianças frequentando a escola, as esposas com mais tempo para os fazeres domésticos. Os maridos estavam felizes com o resultado. Quando chegavam cansados do serviço, o almoço estava pronto, e as suas mulheres não estavam tão cansadas como antes. Então resolveram organizar uma festinha com a colaboração de todos para celebrar aquele momento especial que serviu para a melhoria de todos.

Seu Manoel foi o convidado especial, pois foi graças a ele que todos estavam felizes com as suas crianças no colégio.

Naquele sábado, por volta de seis horas da noite, a festinha começou. Para as crianças havia muitos brinquedos e quebra-panelas, para as mulheres comidas e carne de boi em churrasco, e para os homens muita bebida e forró 'Pé-de-Serra'. Depois de algumas horas, as crianças foram postas nas suas camas, e só ficaram os adultos. Durante a noite inteira todo mundo se divertiu, bebeu, comeu. Às três horas da madrugada seu Manoel já estava muito bêbado. À essa hora a sua filha estava dormindo no sofá da sala na nossa casa. Seu Manoel decidiu ir embora para a sua casa. Ele pediu à minha mãe que acordasse a sua filha Ana. A minha mãe teve pena de acordá-la, por isso falou:

— Durma com ela aqui! Quando o dia clarear, ela come algo com o senhor, e segue o seu caminho de estômago cheio. — Ele não quis. Os meus pais insistiram muito, mas ele era muito teimoso. Antes de ir embora ele falou:

— Dormir eu não vou, mais me faça um favor: Deixe Ana dormindo aqui. Mais tarde venho pegá-la.

— Está certo, seu Manoel. — a minha mãe falou. Ele seguiu a caminho da sua casa, mas o destino é traiçoeiro, e em uma das ladeiras a caminho da sua casa ele adormeceu ao volante e acabou despencando num penhasco. Morreu na hora. Essa foi a coisa mais triste que aconteceu no sítio. Todos choraram muito pela perda. Se a filha de Manuel tivesse ida junto com ele, a tragédia teria sido maior.

Com a morte do seu Manoel tivemos que voltar à mesma rotina como antes: Caminhar vários quilômetros para conseguir o nosso objetivo, e as nossas mães começaram o mesmo sofrimento de novo.

Fui morar na cidade

Depois de três meses indo ao colégio passando por tudo de novo, o meu pai pensou muito sobre o assunto e fez uma proposta à nossa mãe, a de morar na cidade. Aquelas palavras foram um sonho a realizar. O meu pai começou a ir à cidade à procura de casas para comprar. Ele encontrou uma no centro da cidade. Dias depois, levou a nossa mãe para ver se ela iria gostar e se cabiam os nossos móveis. Quando ela viu esta casa, aprovou, e em seguida o meu pai ficou encarregado de resolver o acerto do pagamento. Chegando em casa, a nossa mãe deu a notícia a mim e aos meus irmãos. Ficamos um pouco tristes, porque iríamos ficar longe do sítio onde fomos criados. Ali pescávamos, e frutas havia em abundância. Tínhamos o privilégio de escolher se íamos comer macaxeira, inhame ou batata. Mas mesmo assim, o nosso pai achou melhor morar na cidade por causa do nosso estudo. Demorou pouco tempo para o meu pai agilizar a nossa mudança. Num dia de terça-feira, enquanto estávamos no colégio, tivemos uma surpresa: A nossa mãe, sorridente, nos esperava na saída do colégio para levar-nos à nossa nova casa no centro da cidade. Assim ficou melhor para os nossos pais nos educar, e para nós três ficou mais perto para ir ao colégio. Em compensação tudo que gostávamos ficou mais distante...

Depois de um tempo morando na cidade, passamos a ir sozinhos ao colégio. A minha mãe deu uma tarefa a Maria, a minha irmã mais velha: Ela ficou encarregada de levar-nos ao colégio todos os dias e trazer-nos para casa quando a aula acabava. Quando chegávamos em casa, Maria tinha por obrigação contar tudo o que tínhamos feito à nossa mãe, inclusive se havíamos perturbado no colégio, ou não tínhamos feito a tarefa que a professora havia mandado fazer. Essa era a responsabilidade de Maria comigo e Mary.

Ganhei mais irmãos

Com algum tempo morando no centro da cidade de Nazaré, ganhei mais três irmãos: Edvan, Edvaldo e Gilvan, o caçula. Com isso deixei de ser o mais novo, e me tornei o mais velho dos "homens".

Sempre amei a todos por igual, mas com dois me identifico, com Maria a mais velha e Gilvan o caçula. Tive uma infância bela e rica em oportunidades, pois os nossos pais souberam educar-nos de forma humilde e respeitadora. O meu pai era sempre brincalhão e ao mesmo tempo duro nas palavras. Tudo que ele fazia era motivo de risadas para nós todos, exceto para o mais novo de todos, Gilvan.

Naquela época ele era muito novinho e não entendia nada. A nossa mãe, sempre meiga e muito amiga de nós, sempre nos entendia, e estava presente nas nossas brincadeiras. Lembro-me que ela por ser maior que nós, nas brincadeiras de pick-esconde era sempre ela que tinha que procurar-nos todos. Pobrezinha! Depois que nos achava várias vezes, era sempre a mesma coisa: Queríamos mais, e o meu pai ria muito quando ela corria exausta para dentro de casa, e a procurávamos para ela brincar de novo. Agora isso era o dia todo, cinco crianças que não paravam para nada. Ela fazia um esforço danado para achar todos nós rapidamente, mas quando achava um ou dois e ia procurar os restantes, os que ela havia achado se escondiam de novo. A sorte dela era o meu pai que via o que nós fazíamos com ela e resolvia ajudá-la, então pegava os que eram achados e segurava-os pelas mãos para eles não voltar a se esconder. Só assim ela conseguia acabar a brincadeira.

Todo mundo merece um pouco de descanso

Quando a noite se aproximava, a hora de se banhar chegava, era quando a minha mãe nos levava ao banheiro, nos dava um banho daqueles, tirando toda a sujeira acumulada durante todo dia. Vestia-nos com roupas bem limpinhas, e de um por um, penteava os nossos cabelos. Em seguida ia a mesa colocar o nosso jantar. Ela sempre foi um pouco religiosa, e sempre nos incentivava a rezar antes de cada refeição. Às vezes estávamos com muita fome e queríamos comer sem rezar, mas ela não dava chance de isso acontecer. Mesmo estando com muita fome, tínhamos que rezar para poder alimentar-nos.

Depois que todos nós jantávamos, ela recolhia a louça. Enquanto repousávamos, era a vez dela cuidar do nosso irmão mais novo que também precisava da sua atenção especial. Chegando a hora de dormir, éramos postos nas nossas camas, e ela sempre contava histórias até que dormimos. Só após fazer todas essas coisas chegava a hora de a pobrezinha descansar, sabendo que os seus filhos estavam todos bem, e dormindo. Ela também ia dormir em seguida, mas sabendo que no dia seguinte tinha que acordar bem cedo para fazer a comida do meu pai, porque este iria trabalhar para manter a casa. Ela sabia também que tinha de alimentar-se diretamente, para aguentar o pique das crianças. Esse era o dia-a-dia da senhora, a minha mãe que merecia tanto descanso, mais infelizmente era pouco.

Cheguei à segunda série

Quando comecei a crescer no corpo e na mente, foi que a minha mãe soube o quanto eu a amava de verdade. Não era que ela tivesse dúvida, mas nesse caso, alguém falando e elogiando o carinho que o filho tem pela mãe, é tudo de bom. Certo dia, a professora mandou todos nós fazermos um cartaz do dia das mães para simbolizar o amor que sentimos por elas. Ela deu à cada aluno uma rosa desenhada no papel crepom e falou:

— Agora é com vocês; pintem como e escrevam o que quiserem, mas lembrem-se: Coloquem o nome da mãe de cada um abaixo da rosa que estão pintando, porque cada uma vai ser entregue às mães de vocês na data certa. Então comecei a transmitir pintando, o amor que sentia pela minha mãe, e desenhei os meus irmãos todos juntos em círculo, um pegando na mão do outro, mas todos eram em uma única cor. A rosa que simbolizava a minha mãe, pintei-a de todas as cores que havia na caixinha de lápis. Quando percebi que as cores haviam acabado, fiquei triste por um momento. A professora, muito atenciosa, percebeu a minha tristeza, por ter acabado as cores diferentes, e acalentou-me naquele instante dizendo:

— A sua mãe vai gostar do jeito que está. Ficou muito lindo. — Afinal as cores haviam acabado, a professora me acalentado, acabei conformando.

Esse gesto significou para a professora um amor imenso que eu sentia pela minha mãe. Quando chegou o dia das mães, todas foram convidadas a ir ao colégio. Quando chegaram, a diretora, juntamente com as outras professoras, falaram do comportamento de todos os alunos. Que susto que a minha mãe teve ao citarem o meu nome! Por um instante ela pensou: Será que o meu filho é um menino mal educado e não está fazendo as coisas certas? Então começaram a entregar os cartazes. Mas na mão da minha professora ficou o cartaz que eu havia feito. A minha mãe ficou surpresa mais uma vez quando percebeu que todas as mães naquela sala haviam ganhado um cartaz feito pelo seu próprio filho, menos ela. Na mão da professora havia um cartaz sobrando, e a minha mãe imaginou muitas coisas que uma criança sapeca poderia ter feito. Antes que ela pensasse algo mais, foi revelado por que a professora ficou com aquele cartaz. As professoras elogiaram a minha mãe por ela ter sido uma ótima mãe e por saber educar os seus filhos da maneira que deve ser. Ela não aguentou a emoção de ter sido elogiada por causa de mim e chorou como nunca havia chorado de tanta felicidade.

Quando ela chegou em casa, a primeira coisa que ela fez foi mostrar o meu cartaz ao pai, com lágrimas nos olhos, e me chamou e me deu um abraço bem forte e um beijo que jamais esquecerei.

O aniversário

Passando-se um tempo. A minha mãe, juntamente com o meu pai, decidiu fazer uma festinha de aniversário para mim. Eu estava completando nove anos de idade e estava muito ansioso para esse dia chegar, afim de ganhar muito mais presentes que antes. Não perdia tempo. Sempre que podia, perguntava a minha mãe quando ela ia fazer a festa do meu aniversário. A resposta era sempre a mesma, que eu esperasse um pouco mais. Foram passando-se os dias, e não perguntei mais.

Ganhei muitos presentes e fiquei feliz a ponto de quase não dormir de tanta felicidade. A minha mãe falou:

— Filho, se você for um bom menino no colégio, mamãe faz outro melhor que esse, e você vai ganhar muito mais presentes que agora.

Esta conversa me interessou muito. Fiz de tudo para acontecer outra festa. A minha mãe sempre falava:

— Espere mais um pouco, filho!

Aquelas palavras fizeram efeito até certa idade. Fiz tudo que a minha mãe queria de mim. Até já havia escutado ela falar com o meu pai que eu era diferente e mais obediente a ela. Pedi a ele para dar mais atenção a mim. Eu não entendia o que aquelas palavras significavam. Sei apenas que a minha infância foi uma coisa maravilhosa e bem divertida. Chega a dar saudade daqueles tempos quando não me preocupava com nada.

O começo das coisas ruins

O meu pai sempre bebeu, mas pouco. Não sei o motivo que fez ele se embriagar todo final de semana. Os dias foram se passando e ele foi ficando mais impaciente com as coisas, começou a chegar tarde, e se embriagando cada vez mais. A minha mãe percebeu a mudança dele e foi ficando sem paciência até para as nossas brincadeiras. Tinha alguma coisa deixando ela tão fora de si, e eu e os meus irmãos éramos crianças demais para entender essas coisas. E como qualquer outra criança, só brincávamos. Toda vez que a chamávamos para brincar da sua brincadeira preferida, ela não brincava mais conosco e começou a ficar cada vez mais triste. Sem entender o porquê daquela tristeza, íamos brincar sem ela de bola ou de se esconder. Essas eram as brincadeiras que a nossa mãe mais gostava.

Vimos ela andando de um lado pra o outro, falando sozinha. De repente o meu pai chegou aos tombos, completamente embriagado. Quando a minha mãe o viu, ficou muito brava com ele. Começaram a discutir cada vez mais alto. Nós crianças, ao se deparar com aquela

situação, caímos em choros. Nunca havíamos visto os nossos pais daquele jeito a ponto de se agredirem.

Quando o nosso pai viu que estávamos chorando, ele perdeu a paciência e veio bater-nos, mas a nossa mãe interveio na situação e não deixou. Então ele começou a falar coisas horríveis com nós. Acusou a nossa mãe de mimar-nos mais do que era permitido por ele. Aquilo que ouvimos ficou gravado na nossa mente.

A discussão foi se agravando a ponto da vizinhança intervir na situação. Decidiram chamar a minha avó, a mãe do meu pai, para ela vir à nossa casa para aconselhar o nosso pai, porque ele estava sendo uma pessoa má, falando aquelas coisas conosco e com a sua esposa. Quando ela chegou, o nosso pai já estava dormindo, deitado no chão da sala, todo sujo do seu próprio vômito.

Ao ver aquilo, a minha avó não acreditou que o meu pai chegasse a esse ponto. Ela decidiu esperar até ele se acordar. Visto que ia demorar muito para ele acordar-se, ela achou melhor dormir na nossa casa para conversar com o nosso pai no dia seguinte. Ela passou a noite toda conversando com a nossa mãe que esclareceu tudo à minha avó. Quando o meu pai acordou, ele ficou surpreso ao ver a sua mãe ali e rapidamente lhe deu a benção. Foi tomar banho. Quando voltou à sala, perto da sua mãe, ela lhe deu uma bronca que o meu pai ficou sem jeito. O arrependimento bateu nele no mesmo instante, aquele sentimento de culpa fez ele prometer que não iria beber mais.

Promessas

A minha mãe teve esperança do cumprimento das palavras ditas pelo pai, mas o homem é falho. Ao passar um tempo firmando a sua palavra, veio a recaída. Talvez os amigos fossem um dos motivos, os quais o fizeram voltar a beber.

Quando estava com a mente sã, sem efeito de substâncias alcoólicas, ele era um marido e pai excelente, bondoso, e carinhoso demais. Nunca falava nada que afetasse a nossa mãe, a sua esposa e os seus filhos.

Ele achava justo aceitar o convite de ir à festa com os seus amigos, mas em toda festa há bebidas e mulheres. Depois de aceitar o primeiro copo de cerveja, achava que iria se controlar e começava a beber cada vez mais. Ele achava que o que estava fazendo era certo. E mesmo que não fosse, a minha mãe e a nossa avó não iriam descobrir. Foi engano.

Certo dia, ele saiu para uma festa. As horas foram se passando e a bebedeira foi ficando cada vez mais agradável. Enquanto ocorreu a bebedeira, surgiu uma mulher que o admirou. Começaram a conversar, e enquanto a conversa se prolongou, surgiu uma atração física entre os dois.

Em poucos minutos ficaram juntos como se fossem marido e mulher.

Nas festas sempre há pessoas conhecidas, quando se mora em cidade pequena como nossa. Ele devia ter sido um pouco mais discreto para reservar a sua mulher da vergonha e dos comentários do dia seguinte. Nas horas alcoolizadas não há consciência. Vergonha e raciocínio estão longe. O álcool fez com que ele se esquecesse da família. Todos estavam na maior farra e contentes.

Estava se divertindo com mulheres, daquelas que gostam de sugar todo dinheiro do bolso dos homens. Mulheres que não querem saber se são casados ou não. O que importa é o dinheiro que estão carregando. Sabem fingir fazendo o homem acreditar que importa naquele instante é estar na companhia daquela pessoa. Fazem-se de sofredoras e de compreensivas.

Muitas palavras doces e amorosas fizeram o meu pai ficar com aquela mulher, ele um homem que não tinha experiência mundana, apesar de ser um homem vivido, mas nesse mundo nunca se sabe de todas as coisas, e ninguém sabe quem é aquela pessoa sem conviver com ela.

Por coincidência uma vizinha com o marido dela estava bem perto do meu pai naquela festa, e viu toda cena. Ela ficou perplexa com a situação. Como um homem trabalhador tão

dedicado à família faria uma coisa daquelas? Tudo bem, ele estava bêbado, mas nessas horas o álcool é descartado e o que conta de verdade é o que se faz naquela hora.

A noite foi como ele queria. No dia seguinte o meu pai chegou em casa bêbado, com cheiro de mulher e a camisa melada de batom. A minha mãe ficou furiosa com ele e exigiu uma explicação. Ele, ainda bêbado, acabou discutindo com ela, mesmo estando errado. Aquilo para nós não era uma coisa simples de entender. Como todas as crianças, corríamos, nos abraçávamos com as pernas da nossa mãe e ficávamos apavorado com o nosso pai, pois ele estava furioso com a nossa mãe.

Quando ele estava desse jeito, queria nos bater, mas como outras vezes já tinha acontecido a mesma coisa, a nossa mãe mais uma vez não deixou ele nos machucar. Ela também percebeu que não podia conversar com ele naquele estado, porque cada vez ele ficava mais agressivo nas palavras. Então o deixou só em casa, e decidi levar-nos à casa da nossa avó.

A vizinha

Sáimos de casa, a nossa mãe chorando com Gilvan nos braços, e nós a acompanhando. De repente a vizinha gritou alto pelo nome da nossa mãe e pediu que ela a esperasse. Foi o que fizemos. Quando a vizinha chegou perto, ela percebeu que havia lágrimas nos olhos da nossa mãe. Ela perguntou o que tinha acontecido para ela estar arrasada daquele jeito.

Chorando a minha mãe falou o que estava acontecendo, e que o meu pai estava ficando um homem muito ruim com ela e com os seus filhos. Mal ela terminou de falar, a vizinha perguntou se ela guardava segredo. A minha mãe respondeu positivamente. A vizinha pediu que a minha mãe não revelasse ao meu pai que foi ela, quem falou essas coisas. Em seguida falou tudo que havia visto na festa, desde a bebedeira com os amigos até o chamego com uma mulher do mundo da prostituição, e como o meu pai estava feliz com a companhia daquela mulher. Quando a minha mãe ouviu a notícia que a vizinha trouxe, quase deixou cair Gilvan do seu braço. Naquele instante ficou pálida e trêmula, sem saber o que fazer. Ela quis voltar na mesma hora para tomar satisfação com o meu pai. A vizinha viu que se ela fosse naquele estado, as coisas iriam piorar. Por isso aconselhou ela a não ir, mas sim esfriar a cabeça, pensar um pouco mais sobre o assunto e seguir o caminho que ela ia fazer conosco.

Nossa mãe se acalmou um pouco. Fomos à casa da nossa avó. Chegando lá, se derretendo em lágrimas, explicou à mãe do meu pai o que tinha acontecido e como ele estava ficando cada vez mais agressivo conosco. Contou-lhe tudo mesmo, inclusive a noitada que ele passara na festa com outra mulher, e como a bebedeira estava ficando cada vez mais constante no seu dia-a-dia. Terminando de desabafar para a minha avó o que sentia, não aguentou tanta tristeza no seu peito e caiu no choro. Alguns minutos depois, ainda com lágrimas nos olhos, pediu à sua sogra que ficasse um pouco com os seus filhos enquanto ela iria resolver um assunto de uma vez para todas. Saindo da casa da minha avó para resolver os seus problemas, voltou até a nossa casa para tomar satisfação com o meu pai. Quando ela chegou na nossa casa, a situação ficou feia porque os dois estavam muito nervosos para conversar. A minha mãe não escutou as explicações da parte do meu pai, ficou furiosa com ele, e começaram a se agredirem verbalmente. A situação foi piorando tanto que a vizinhança teve que intervir na situação para que não acontecesse algo pior. Eu nunca soube o certo o que aconteceu naquele dia. Muitas pessoas falaram que houve agressão da parte do meu pai. Outros falaram que houve agressão da parte dos dois, e que o motivo principal daquelas agressões teria sido a minha mãe que chegou agredindo ele. Nunca soubemos o certo o que houve de verdade, porque até hoje nunca nenhum dos dois falaram o que aconteceu exatamente.

A gota d'água

Nossa mãe sempre era uma mulher determinada nas suas atitudes, mas um pouco cabeça dura. Quando ela falava alguma coisa, independente do que fosse, era cumprida, e não importavam as consequências que havia de vir, porque raramente ela voltava atrás. Era aquilo e ponto final. Não se falava mais nisso. Dormimos na casa da nossa avó. Depois de toda confusão dos nossos pais, a nossa mãe já tinha decidido o que iria fazer. Mesmo com muito conselho da nossa avó para retornar o casamento, ela, com muita raiva do meu pai, nem quis ouvir as palavras ditas pela minha avó sobre o casamento de vários anos, que a construção de uma família não podia ir de água abaixo por um motivo torpe. A minha avó tentou de várias maneiras fazer a nossa mãe desistir da ideia de separar-se do meu pai. Apelou para o lado emocional dela, falou-lhe que devemos perdoar, mas infelizmente foi em vão. Alguns minutos antes de sairmos da casa da nossa avó chegou o meu pai. Ele estava com uma cara de ressaca. Ele também tentou convencer a minha mãe a não ir embora, dizendo que estava arrependido das coisas que tinha feito. Aquelas palavras talvez não tenham sido as palavras certas para aquele momento. Só sei que não foram o bastante para desfazer a decisão que a minha mãe já havia tomado. Mesmo sofrendo, ela nem quis voltar à nossa casa para pegar as nossas roupas, e não voltou atrás da decisão tomada. Fomos embora de Nazaré em destino à cidade vizinha, onde moravam os pais da minha mãe, ou melhor: os nossos avós maternos. Chegando na casa dos nossos avós, fomos bem recebidos e acolhidos. A minha mãe explicou o motivo da saída repentina da nossa casa, e o porquê de estarmos ali.

O meu avó, um homem respeitado com boa fama de homem de bem, percebeu que estávamos sem bagagem, e quis ir buscar a roupa da sua filha e dos seus netos. Chegando lá, deparou-se com o meu pai sentado no sofá, sozinho, bebendo, pensando no desastre que tinha criado. Ao levantar a cabeça, viu o seu sogro em pé na porta, olhando fixo para ele. O meu pai ficou pálido na hora, e com muita vergonha do meu avô. Esteve sem palavras por alguns instantes. O semblante do meu pai foi se desfazendo aos poucos, ficando cada vez mais triste porque sabia que o seu sogro estava o olhando com um pouco de desprezo. O meu pai tomou um pouco de ânimo e pediu que entrasse pra conversar com ele sobre tudo que havia acontecido.

— Entre, seu Pedro! A casa é sua, e pode ficar à vontade.

— Não vou demorar muito, seu Luiz, só vim pegar a roupa da minha filha e a dos filhos dela, mas já que o senhor pediu para ficar a vontade, vou sentar aqui no sofá porque tenho algo para lhe falar: A minha filha é uma mulher de respeito e uma boa mãe de família. Ela sempre te respeitou como deve, mas ultimamente não foi tratada como se deve tratar uma mulher da qualidade como ela. Você começou a beber, e por um instante esqueceu que a coisa mais importante é a família. As coisas mundanas devem ser acrescentadas na nossa vida do homem não permanentemente, mas um pouco de cada coisa de vez em quando. Ao acrescentar alguns momentos prazerosos na sua vida, deverias ter tido mais cuidado. Mas agora, seu Luiz, eu te pergunto: Ela é realmente o que você falou? Mereceu ter ouvido todas aquelas baboseiras que o senhor falou?

— Não, seu Pedro! O que falei não é verdade. Eu estava bêbado, e falei o que não devia. Até pedi desculpas a ela, mas ela não quis me perdoar, e agora estou nessa situação como o senhor vê. Só vivo pensando na besteira que fiz. Arrependo-me muito, seu Pedro, e vou lhe fazer um pedido: Fale com ela, o senhor que é pai dela. Talvez ela lhe escute melhor do que a mim, porque eu tentei, e ela não voltou atrás da decisão tomada por ela. Como vê, eu gosto muito dela e dos meus filhos, pois é tudo que tenho.

— Vamos esperar um pouco até ela esfriar a cabeça, aí então vou falar com ela e pedir que crie os seus filhos como antes, na companhia do seu marido. Enquanto isso, pare de beber para tentar retornar o seu casamento. Ela vai ficar na outra casa do lado da minha, que construí alguns meses atrás. Vou dar alguns móveis e camas e sustentar ela até o dia que ela decida voltar para a sua casa e ser a sua esposa novamente. Até eu falar com ela sobre o assunto,

você não me apareça lá para não causar algum constrangimento nem para você nem para nós. Pois ela vai ficar bem com os seus filhos e não vai faltar nada para nenhum deles. Agora vamos esperar e torcer para que ela se arrependa e queira voltar, seu Luiz.

— Vou fazer como o senhor me falou: Não vou beber mais a partir de agora, pois o senhor, seu Pedro, é um homem bom e de palavras. Por isso estou um pouco mais tranquilo, sabendo que o senhor sempre cumpre o que fala. Muito obrigado por ser compreensivo comigo num assunto tão delicado como esse.

Então o meu pai entregou tudo o que o meu avô foi buscar e se despediu dele. O meu avô voltou à sua casa na cidade vizinha e fez tudo o que pode para ficarmos morando na casa nova que ele havia construído.

Certeza

Ficamos alguns meses sem estudar, porque a nossa escola era na cidade de Nazaré, e estávamos na cidade vizinha. Não tinha como irmos ao colégio pela distância ser grande. Depois a nossa mãe foi ao nosso colégio em Nazaré e falou com a diretora. Esta mandou as transferências de todos. Só assim retornamos a estudar na cidade natal da minha mãe.

A rotina das nossas vidas estava seguindo normalmente até o meu avô cumprir a promessa que havia feito ao meu pai, para tentar reatar o casamento dos nossos pais. Chamou a minha mãe e conversou com ela. E falou o que achava certo, que todo casal tenham brigas, mais nem por isso se separavam.

Com essas palavras ditas pelo meu avô, ela chorou porque fizeram lembrá-la dos bons momentos com o meu pai. Ainda assim não voltou para trás. Falou ao meu avô que não ia morar com o nosso pai nunca mais e que aquele assunto estava encerrado definitivamente. O meu avô não insistiu no assunto porque sabia que a sua filha tinha o gênio forte. Alguns dias depois ele foi para Nazaré da Mata para dar notícia ao meu pai. Este ficou muito triste sem saber o que falar.

O meu avô falou para o meu pai que mesmo sem estar juntos, ele podia acompanhar o crescimento dos seus filhos nos visitando de vez em quando. A partir daquele instante caiu a ficha dele. Percebeu que a minha mãe não iria voltar atrás do que falara. Então lhe faltou coragem de encarar os fatos e correr atrás dos seus objetivos.

Alguns anos se passaram sem ele nos ver. Fomos nos esquecendo dele por causa da sua ausência. Ao ver e ouvir a nossa mãe sempre chamando o seu pai de pai e a sua mãe de mãe, fomos nos acostumando a chamar o nosso avô de pai como a minha mãe o chamava. Ele substituiu a ausência do meu pai e tornou-se o nosso pai.

Apesar de materialmente nunca nos faltar nada, a minha mãe não estava satisfeita, pois toda despesa era dos nossos avôs maternos. E a nossa mãe achou que estávamos sendo pesados para o bolso dos nossos avôs. Por isso resolveu trabalhar de doméstica para aliviar os custos da casa.

Os seus pais não foram de acordo com a decisão da minha mãe, e tentaram convencê-la a não trabalhar. Mas ela falou que o prazer dela era poder dar o que os seus filhos precisarem ao longo do crescimento deles. Enquanto ela falava essas coisas, o seu rosto resplandecia de alegria.

Depois de muita conversa e explicações aos seus pais, a minha mãe foi trabalhar. Nós crianças ficamos com os nossos avôs. Ela voltava para casa de quinze em quinze dias, passava três dias conosco para matar a saudade, depois voltava a trabalhar no emprego tão desejado por ela.

A minha tia

A minha tia morava em Olinda. De vez em quando vinha visitar os seus pais no interior. Toda vez que vinha, trazia muitos presentes para nós. A minha irmã Maria estava com 17 anos naquela época, uma menina muito trabalhadeira. Os seus pais sempre a elogiavam por ser obediente e dedicada ao trabalho. A minha tia percebeu isso e pensou: Tenho comércios e

nunca dou conta de tudo sozinha. Será que os meus pais deixariam Maria vir comigo morar em Olinda? Assim, enquanto faço os meus deveres nos comércios, ela fica em casa fazendo almoço e cuidando da casa até eu e o meu marido chegarmos do trabalho. Além de ser melhor para ela, vai ganhar o seu salário todo certinho, e vai poder comprar o que quiser com o seu dinheiro. A minha tia disse ao seu pai (que é o meu avô) que gostaria muito se Maria fosse com ela. Pois além de ser da família, era de confiança para ficar na sua casa. A minha tia já havia posto alguém para ficar tomando conta da sua casa, mas essa pessoa tinha furtado alguns dinheiros dela, e por isso ela não quis que a sua casa ficasse na mão de outra pessoa a não ser de Maria.

Os meus avôs perguntaram a Maria se ela queria ir para Olinda para tomar conta da casa da minha tia. Ela respondeu que sim. Os meus avôs pediram que a minha tia perguntasse antes à minha mãe se ela permitisse. No caso afirmativo Maria podia ir com ela.

A minha tia foi embora, prometendo que quando a minha mãe voltasse do trabalho, ela iria falar com ela a respeito do assunto. Dias depois, a minha mãe chegou do trabalho. A minha tia veio, como havia prometido aos meus avôs. Sentaram-se à mesa os meus avôs, a minha mãe e a minha tia. Conversaram sobre Maria e sobre a dificuldade que a minha tia tinha de encontrar alguém responsável e dedicada como Maria. Todos conversaram bastante sobre o assunto. A minha mãe chamou Maria e a perguntou se ela queria ir com a minha tia para tomar conta da casa dela enquanto estiver lá. Mais uma vez Maria afirmou. Em seguida acertaram os detalhes e foram embora para Olinda.

Tudo tem a primeira vez

Quando chegaram em Olinda, a minha tia fez questão de levar a minha irmã à praia, pois ela não tinha visto algo tão lindo como o mar ainda. A felicidade tomou conta dela de uma forma que ela não queria sair da água tão cedo. Por mais que a minha tia a chamasse para ir embora, ela sempre pedia para demorar mais um pouco.

As horas foram se passando, e Maria na água. Quando a minha tia olhou no relógio, tomou um susto. Já eram quatro horas da tarde, e chegaram na parte da manhã. A minha tia chamou Maria mais uma vez. Ela veio, mas não bem satisfeita, e foram juntas à casa da minha tia.

A minha tia mostrou tudo a ela e contou todos os detalhes dos seus comércios e como funcionavam. No dia seguinte, a minha tia foi trabalhar com o seu esposo, pois ele só chegava à noite e era um homem muito ocupado. Maria deu conta dos fazeres domésticos, e a nossa tia ficou muito feliz com o resultado. A minha irmã era uma boa cozinheira e deixava a casa toda em ordem. Daí em diante os negócios foram prosperando cada vez mais.

Alguns meses depois, Maria já sabia de tudo o que a minha tia vendia nos barzinhos da praia. Como já tinha algo dinheiro guardado do seu salário como doméstica, teve uma ideia e foi falar com a minha tia sobre o assunto. Quando a minha tia ouviu o que Maria tinha em mente, ficou admirada de como uma menina tão nova como ela, vivendo no interior, pode ter uma capacidade de inteligência daquela.

A ideia dela era de fazer com o dinheiro dela arrumadinhos e galletos aos finais de semana. Não tinha estes produtos nos barzinhos que a minha tia e o meu tio administravam. A minha tia aceitou vender as comidas que Maria iria fazer, mas todo dinheiro seria guardado para o futuro de Maria. A minha irmã ficou muito feliz e concordou com a minha tia. Então ela começou a fazer os galletos e arrumadinhos. As coisas foram ótimas e rendiam um bom dinheiro. Tudo estava saindo muito bem.

Mas aos poucos Maria foi ficando muito triste. A minha tia percebeu que apesar das coisas estarem saindo como deviam. Maria não tinha amigos e era muito solitária. A tia conversou com o seu esposo. Tiveram pena dela: A minha irmã estava sempre pensativa e com muita saudade de nós. Esse era o motivo da tristeza dela.

Certo dia a minha tia foi ao interior e deixou Maria em Olinda. Ela teve a ideia de levar a minha mãe e os seus filhos para Olinda para visitar Maria e mostrá-los como ela era mais linda e

mais cuidada, com mais dinheiro para ajeitar o cabelo, fazer as unhas e comprar roupas novas. Foi uma surpresa. Ao chegar em Olinda, a minha mãe viu Maria depois de dez meses sem vê-la. E quando a viu, chorou de felicidade, porque ela estava muito mais bonita. Abraçou-a e beijou-a.

Um pouco do passado da minha tia

A minha tia teve dois filhos, um homem e uma mulher. O menino nasceu morto, mas a menina, Mayara, cresceu com saúde e foi ficando cada dia mais inteligente e bonita. Mayara se engraçou muito cedo com um rapaz. Aos quinze anos fugiu de casa e foi morar na casa dele. A minha tia tentou trazê-la de volta, mais não teve êxito. Três anos depois, Mayara juntamente com o seu esposo foi morar em São Paulo. A minha tia ficou muito triste com a partida da sua única filha. Depois da partida de Mayara, a minha tia tentou levar a vida normalmente, mais nunca foi fácil para ela superar a partida da sua filha. Daquele dia em diante, ela e o seu marido se dedicaram ao trabalho. Alguns anos depois, eles haviam construindo um bom patrimônio, só que não conseguiram preencher o vazio que a sua filha deixara. Talvez seja por isso que ela nos tratava de uma maneira tão meiga, tão doce e carinhosa. Todo esse carinho transbordava nela. Sei que ela fez de tudo para que nós nos sentíssemos bem.

Esforço

Chegou o tempo que eu e Maria trabalhamos com o mesmo objetivo na mente, o de conseguir aquilo que nos deixaria muito feliz.

Sei que o dinheiro que Maria juntava era justo e honesto, pois vinha do esforço dela: Cozinhava almoços e galletos para o bar da minha tia.

Isso rendia um bom dinheiro todo final de semana. Sem falar que a freguesia aumentou tanto que eu tive que ajudar ao meu tio no bar. Todo dia Maria preparava tudo e deixava já separado para eu levar de taxi até o bar.

Para mim foi uma experiência, e tanto, pois quando eu chegava, o meu tio me colocava no balcão e falava o que os fregueses queriam. Eu anotava tudo. Para isso ficar mais fácil, numerei todas as mesas para na hora da soma não me confundir com outras, como o meu tio já havia feito.

Ele não teve chance de estudar como eu. Começou a trabalhar muito cedo, ou melhor: quando criança. Na época quando ele era criança, o trabalho forçado era importante, e ao estudo não se dava a importância merecida. Por isso ele não sabia ler nem escrever e muito menos somar.

Foi nessa hora que eu fiquei como responsável de anotar tudo o que entrava e tudo que saía daquele bar.

Eu agi um pouco de má fé porque o fiz acreditar que não estava entrando certa quantidade de dinheiro.

O meu agir foi o seguinte: Como eu sabia escrever e somar contas, fiquei na responsabilidade de passar o troco de todos os fregueses e ordenar as mesas que ficavam só para aluguel.

O começo fiz as coisas corretas e fui honesto com ele, mas à medida que foram passando os dias, aprendi a ser desonesto. Comecei a ter algumas amizades influentes no meu comportamento. Desviei cada vez mais dinheiro para o meu bolso. Cheguei a ganhar o dobro que a minha irmã Maria que fazia almoços e trabalhando de doméstica com salário digno.

Coloquei cada vez mais dinheiro na nossa caixinha. Depois de seis meses, tínhamos um bom dinheiro. A nossa tia achou estranha de com seis meses termos dinheiro para comprar um terreno naquele local, pois ganhávamos pouco. Na região tinha terrenos a venda, mais eram muito caros.

Ela começou a perceber algo errado comigo. Toda noite quando eu vinha do colégio, ficava num local chamado 'Praieira'. Era lá onde muita gente errada se encontrava e se divertia à vontade.

Aquele local era um ponto de referência para quem estava procurando alguma diversão. Foi aí que a minha tia percebeu que os meus olhos estavam vermelhos quando foi me buscar com a minha irmã naquele lugar.

Jogo aberto

Como a minha tia já tinha percebido que eu estava ficando muito rebelde e que todo dinheiro da compra do terreno estava meio estranho, ela me perguntou tudo várias vezes. Eu fiz a minha parte: Neguei tudo a toda hora. Passaram alguns meses. Eu continuei na mesma rotina, desviando dinheiro do bar e envolvido com pessoas erradas. Fui me aprofundando mais e mais.

Com mais seis meses, a soma do nosso dinheiro surpreendeu a nossa tia de novo. Agora ela sabia que algo estava errado na nossa economia. Estávamos com o dinheiro de todo o material de construção, além do dinheiro para pagar o pedreiro que ia levantar a nossa casinha.

E assim foi. Construimos a nossa casa em um ano de economia, apesar de ter sido desse modo um pouco desonesto. Mas foi ali que nós dois tivemos um mesmo pensamento e uma mesma determinação para conseguir com o esforço aquilo que estava no nosso coração.

Depois de construir a nossa casa, conheci uma menina que começou a fazer parte da minha vida. Ela tinha 17 anos. Eu era mais novo na época, tinha quinze anos de idade. Ela era usuária de drogas e já fazia tempo que estava consumindo drogas. Ela era mais vivida que eu e me incentivou a me envolver com consumidores de entorpecentes de todo tipo, à medida que fui conhecendo as pessoas que ela me apresentava. Também fui ficando mais esperto. Conheci lugares novos na companhia dela, até ter a ideia de investir dinheiro em drogas.

Aquilo foi um bom negócio. No começo eu vendia drogas durante a noite, mas ao passar poucas semanas, eu já era patrão, é assim que esse submundo é: As coisas vão depressa demais.

Como a minha namorada era filha de um policial corrupto, ela sabia muitas coisas sobre como aquele negócio funcionava. Seguindo a instrução dela, as coisas foram bem. Ela sempre estava um passo à frente de mim nesse ramo.

À medida que os dias se foram passando, o meu nome se espalhou pelas periferias de Olinda. Eu estava desenganado das verdadeiras realidades, dinheiro e mulheres. Um bom nome no crime custa caro.

Aconteceu numa sexta-feira. Eu, ela e algumas pessoas que me forneciam, com as suas esposas, estávamos todos felizes por tudo estar correndo bem nos negócios. Comemoramos aquele primeiro encontro entre nós, pois eu antes só os conhecera através de outra pessoa que o representava nos nossos negócios, e quando as ideias rolavam, o nome deles era o que vinha a tona. Todos nós já muito felizes por esses motivos, bebíamos num bar chamado 'Bar da Gaia'. De repente, vários tiros foram disparados na nossa direção. Várias pessoas foram atingidas naquela noite, inclusive a minha namorada. Ela levou um tiro no pescoço que quase atingiu a coluna. Eu fui atingido nas costas por um tiro. A mulher de um deles foi morta com um tiro na cabeça.

Aquilo foi uma tragédia que mudou a minha vida. O pai da minha namorada quis descobrir de todo preço quem tinha sido, mas não conseguiu. Ele a impediu de me ver, fazendo ela viajar para São Paulo.

Eu e os meus sócios juramos vingança. Comecei a investigar o fato e investir um pouco mais em armas automáticas. Algum tempo depois soubemos quem tinha sido e o porquê.

O motivo era inveja e olho grande que tinha feito aquelas pessoas fazerem aquilo. Então nos encontramos para bolar o plano da nossa vingança. Passamos o dia planejando aqueles assassinatos. Quando chegou a hora de realizar, foi um sucesso o êxito do crime. Mas todo crime tem falha, e essa falha me obrigou a fazer isso várias vezes. Cada vez que tirava um problema do meu caminho, apareciam três ou quatro problemas a mais por causa do primeiro. Assim os problemas foram crescendo cada vez, e a cidade de Olinda começou a ficar pequena para mim.

O meu nome foi ficando conhecido no mundo do crime. A minha família quis tirar-me de Olinda para o interior, porque eu estava exagerando nas coisas erradas. Deixei de estudar e de trabalhar no bar. Comecei a traficar drogas e me envolver com homens perigosos, alguns tão temidos que quando eu falava no nome deles, a minha família se benzia.

Finalmente conseguiram me tirar de Olinda, mas foi por poucos dias, depois voltei, mas dessa vez para a casa que havia construído com Maria. A essa altura, eu já tinha um bom dinheiro guardado. Comecei a mobiliar a casa para ficar morando nela. Maria quis morar na casa também e saiu da casa da minha tia. Ela trabalhava durante o dia. À noite ia ao colégio e dormia na nossa casa.

Maior irado

Depois daqueles acontecimentos que tiraram a vida de uma mulher do meu sócio, as coisas só pioraram. Juntei muitos inimigos, mas não sabia. Por um ato de vingança, os inimigos se multiplicaram. Até os corruptos queriam a sua fatia do bolo.

Certo dia, eu estava indo para casa. De repente, na esquina da minha casa, por volta de sete horas da noite, vi um carro de vidro fumê parado na esquina de casa. Fiquei em dúvida se prosseguia ou voltava. Em poucos segundos tomei a decisão e segui em frente. Quando cheguei perto do carro, passei por traz de um pilar em construção de um mercado. Foi quando coloquei a arma na mão e dei o golpe. De repente, quatro policiais armados apontaram as suas armas na minha direção, dando ordem de prisão. Tentei reagir na hora, dando alguns tiros para trás e correndo, mas não tive muito sucesso. Eles atiraram várias vezes contra mim. Foi a minha sorte que o pilar era de concreto e aço, se não fosse, eu já era finado.

Aqueles tiros todos foram disparados na minha direção. Eu tinha sorte que só um único tiro me atingiu, batendo na minha coxa. No mesmo instante caí, com a arma na mão. Comecei a me arrastar para fugir, mas eles vieram atrás de mim e me viram no chão e sangrando. Mandaram-me largar a arma. Em seguida me colocaram dentro do carro e foram em direção a um lugar pouco habitado. Chegando lá, me chantagearam com ameaças de morte. Eu conhecia um deles que estava encapuzado: Era o meu ex-sogro.

Depois de exigir dinheiro para deixar-me ir embora, me levaram sangrando para a minha casa. Chegando lá, lhes mostrei onde estava todo dinheiro. De repente achei que eles iriam me deixar em casa mesmo, pois eu já estava ali. Mas não me deixaram em casa. Depois de levar 1'800 Reais, me jogaram num mangue, eu sem poder andar, com um tiro na coxa.

Arrastei-me por horas até chegar em uma casa de palha que os pescadores tiveram feito para guardar as coisas pertencentes à eles e para beber e comemorar a pescaria.

Olhei de longe e vi algo se mexendo dentro da casa de palha. Então gritei várias vezes pedindo socorro.

Por sorte tinha um homem, um daqueles que bebem todos os dias e todo mundo chama-o de Zé Pinguinha. Esse homem, ainda bêbado, me viu na situação que eu estava. Ele me ajudou a caminhar um pouco até a casa, em seguida foi buscar ajuda.

Alguns minutos depois ele voltou, acompanhado por mais dois homens e um carro. Levaram-me ao hospital.

Fiquei muito grato com Zé Pinguinha. Quando saí do hospital, lhe ajudei dando uma boa grana a ele e aos dois homens que com ele estavam.

Então eu reconheci que tinha que sair um pouco daquele lugar.

A minha irmã alugou uma casa em outro bairro e me levou para lá. Eu não queria ir para o interior.

Quando recuperei os movimentos da perna e pude andar sem dificuldade, tentei viver a minha vida normalmente como antes, entregando a porcaria para alguém e esse alguém distribuía em big-big para outras pessoas. Nos finais de semana eu ia buscar o dinheiro com o meu sócio.

Insistência no erro

Tudo voltou a correr bem, mas a magoa no meu peito não cessou. Por mais que eu tentasse, não conseguia esquecer que alguém, por inveja e olho grande, tentou tirar a minha vida e acabou tirando a vida de uma pessoa tão legal, tão meiga com futuro brilhante pela frente.

Estava com uma magoa profunda no coração, pois até as autoridades que deviam mostrar caráter com a sociedade quando se trata de coisas erradas estavam envolvidas. São aqueles que fazem parte dos grupos dos abutres que esperam até que a presa morra para comer os seus pedaços. Tentaram tirar a minha vida e me roubaram, e esqueceram que quem faz aqui, aqui mesmo paga.

Os corruptos passaram a me procurar por causa das cobranças que eu e os meus sócios havíamos feitos. O motivo principal era a fatia de bolo que eles queriam, como naquela vez quando me jogaram no mangue para morrer depois de ter levado quase dois mil reais da minha casa.

Acharam que toda vez que me pegassem, iriam levar a melhor. Por isso o meu sócio começou a buscar informações sobre os envolvidos, até conseguir toda informação necessária. Assim que eu podia, aparecia na minha quebrada. Eu não sei como, mas assim que eu aparecia, eles começavam a dar ronda com alguns policiais militares justamente no setor onde eu me encontrava. Aquilo me deixava com muito medo, e buscava sempre sair às pressas.

Passei muitos meses fugindo dos corruptos porque sabia que no começo era dinheiro, depois a minha vida. Estaria em jogo com eles. Eles nunca conseguiram me pegar. Eu estava pertinho deles, só que em bairro diferente. Eles sempre achavam que eu ainda estava morando com a minha irmã. Ficaram vários dias de tocaia, mas era em vão.

Aquilo os deixou com mais raiva de mim. O tempo se passava, e eu ficava cada vez mais de olho neles e negociando do jeito de antes. O meu ex-sogro era a cabeça do grupo. Decidiram armar tocaias pelos bairros à minha procura. Todos os dias, eles armavam tocaias em pontos estratégicos do bairro, e quando eles encontravam algum viciado, o torturavam pedindo sempre informações sobre mim. Naquele tempo muita gente foi humilhada sem ter nada a ver comigo. Muita gente e muitos pais de família apanharam para dizer onde eu estava morando. Quando uma pessoa era abordada nos pontos estratégicos do bairro, perguntavam por mim. Quando aquela pessoa dizia que não sabia de nada ou não me conhecia, ela apanhava muito até eles acreditar que estava falando a verdade. Não importava para eles se fosse pai de família ou não. O que importava era o dinheiro que eles queriam ganhar me extorquindo. Pegaram a minha irmã e a levaram para a delegacia. Chegando lá, colocaram muita pressão nela, até falaram que ela era cúmplice e apoiava tudo, dando cobertura a mim. Falaram que ela iria ficar presa por isso. Fizeram muito medo a ela. Até a minha tia falou em processar todos por fazerem aquilo com uma pessoa inocente e trabalhadeira. A minha irmã ficou apavorada, se derretendo em lágrimas, mas não falou onde eu estava morando. Em seguida foi liberada.

Quase enlouqueci

Depois daquilo percebi que as coisas estavam piorando para mim em termo de sossego. Por isso me encontrei com pessoas que me apoiavam independentemente do que estava acontecendo. Os meus sócios predestinados a resolver tudo de uma forma cruel me incentivavam, mas no fundo do meu coração eu só queria viver em paz e voltar a ter sossego. Resolvi passar alguns dias no interior e só voltar quando a poeira baixasse. Nos primeiros dias tudo estava indo bem, até acontecer um imprevisto: Os corruptos foram no beco onde estavam alguns dos meus colegas, e chegaram atirando em todos, pensando que eu estava lá, e foi aquela troca de tiros. No final, quando cessaram os tiros, um dos abutres tinha sido baleado no pescoço, e a caminho do hospital faleceu. Morreu na mesma hora, sem direito a socorro, um dos nossos. Foi baleado e morreu.

Então as coisas ficaram piores. Todos no bairro achavam que eu estava no meio e que tinha sido baleado também. Alguns diziam que tentei fugir correndo para a praia e me afogando.

No dia seguinte muita gente foi à beira da praia para ver se viam o meu corpo. Então o bairro no qual eu e os meus colegas morávamos ficou minado de polícia, inclusive os bairros vizinhos.

A minha irmã juntamente com a minha tia foram ao interior contar a mim o que estava acontecendo, e aconselhavam a não voltar para Olinda. Dessa vez segui o conselho da minha família e não voltei. Fiquei no interior. Enquanto eu estava lá, as coisas foram se agravando: Os policiais fizeram várias operações depois da morte de um deles no bairro e prenderam quase todos. Os que não foram presos e resistiram à prisão foram mortos.

Perdi vários colegas e sócios, mas fiquei firme e não voltei para Olinda. A minha família fez de tudo para eu voltar a estudar, pois eu já havia parado há vários anos. O estudo é uma forma de voltar a se reintegrar à sociedade. Fazendo-o eu ocuparia a minha mente com alguma coisa. Todo esse esforço valeu a pena. Eu comecei a estudar. Meses depois apareceu um serviço que o meu tio arranjou para mim. Então fiquei trabalhando de dia e estudando de noite por muito tempo.

Depois de vários meses estudando e trabalhando, todos acharam que eu já estava recuperado, mas infelizmente aconteceu de eu me envolver em uma briga e acabei muito machucado. Quis me vingar daquelas pessoas que me bateram.

Dias depois peguei a arma que estava guardada há muitos meses e fui atrás das pessoas responsáveis. Quando encontrei um deles, disparei várias vezes contra ele que acabou falecendo. Aquilo foi a gota d'água. Fugi nas pressas porque muita gente tinha visto o que eu tinha feito. A minha família me manteve em outra casa da minha família.

Prisão feita

No dia da minha prisão eu percebi algo errado, mas a minha teimosia me levou à cadeia. Naquela noite algo me dizia que não era para eu sair da casa onde eu estava. Eu achava que depois de alguns dias tudo estava normal e a turma já tinha esquecido aquele feito. Enganei-me por pensar assim, acostumado a fazer coisas erradas na cidade grande e depois de alguns dias mostrar a cara na rua e as pessoas nem tocavam no assunto e nem denunciavam.

Fui fazer isso no interior. Bateu a saudade de ver a minha família, e fui ver. Cheguei numa quarta-feira de dez horas da noite na casa da minha mãe. Na quinta-feira, por volta das quatro horas da tarde, mesmo na hora de voltar, a polícia daquele lugar me prendeu dentro da casa da minha mãe. Foi uma choradeira imensa da minha família. Muitas pessoas acharam bom e ficaram satisfeitas por a justiça ter sido feita.

À princípio eu não acreditava que aquilo estava acontecendo comigo, sendo preso dentro da casa da minha mãe, mas ao caminho da delegacia, ouvindo o que os policiais falavam, foi ali que comecei a acreditar que iria para a cadeia. Eles zombavam de mim à toda hora, me batiam, em seguida riam do meu sofrimento. Eu fiquei com esperança de tudo se resolver e eu voltar para casa.

Infelizmente quando chegamos na delegacia, era impossível eu voltar para a minha casa. Apresentaram dois mandados de prisão contra mim, e um desses dois mandados era justamente por causada morte de um dos abutres de Olinda. Eu não estava lá quando os mesmos trocaram tiros com os meus colegas e sócios.

Espancaram-me muito, depois me mandaram ao presídio de Igarassu. Cheguei lá, e foi a mesma recepção: Muito pau e banho de água fria para esconder os hematomas. Passei três meses em Igarassu, depois fui transferido para a comarca de Lagoa do Carro. Também a mesma recepção. Na comarca passei onze meses. Foi lá onde comecei a ir para a audiência. Depois fui transferido para Limoeiro, e lá não foi diferente na chegada.

Na cadeia comecei a fazer amizade com pessoas que estavam no sofrimento há muito tempo. No dia-a-dia me falavam das coisas que atrasam um homem, e falavam também como conviver no meio de todo tipo de gente.

Fui aprendendo a ter 'jogo de cintura' (aprendi a como resolver e evitar os problemas que surgem no dia a dia) para se desviar dos problemas.

Pouco a pouco fui convivendo com pessoas ótimas, apesar do meu convívio no pavilhão ser meio agressivo com as pessoas que me tiravam.

Aprofundei-me nas drogas. Antes eu só tinha usado maconha, depois todo tipo de substâncias que dava uma brisa. Para satisfazer a vontade de viver drogado, por isso fazia coisas erradas e muitas vezes arrumava problemas.

Quando se arruma um problema na cadeia, geralmente vem a hora da cobrança. A população pergunta a você se você se garante. Se você responde que sim, todos os moradores ficam de plateia. Você e a pessoa do problema vão para a quadra para tirar as diferenças, e ninguém vai interferir em nada. Nessas horas, se você se deixa levar pelo ódio, vai se atrasar, ferindo aquela pessoa de morte, e se isso acontece, é só lamento.

Se você disser que não se garante, todo o mundo vai desacreditar de você, e aquele respeito que você tem vai acabar, porque a partir dali você será um 'comédia'. Por isso, as 'pessoas que vêm nas caminhadas' (que vem cumprindo vários anos de prisão) são respeitadas pelo seu B.O, e por ser mais entendidas que os outros 'marinheiros de primeira viagem' (pessoas que estão presas pela primeira vez), dificilmente essas pessoas vivem brigando e arrumando problemas, e quando aparece alguns, são logo resolvidos.

Uma coisa leva à outra

Durante dois anos aprendi muitas coisas, ruins e boas.

As coisas boas são: Na cadeia existem amigos mais chegados que irmãos. Neste lugar ruim de viver encontramos pessoas que, quando gostam de você, enfrentam os riscos para lhe tirar dos problemas e conflitos, e nos momentos mais difíceis estão ao seu lado. Amizade verdadeira neste lugar você encontra quando se está sem nada. Ai você vê quem realmente é o seu amigo.

As coisas ruins são: Todos os problemas arrumados dentro dos pavilhões são estes: no jogo de bola, de baralho, de dominó, espaço no varal de roupa, etc. Quando alguém vai estender alguma roupa, e chegado lá encontra um varal vazio, essa pessoa coloca a roupa. Quando o dono do varal vê que tem roupa estendida no varal e não é a dele, pega tudo e joga no chão. O dono da roupa jogada vai tomar satisfação, e aí começa a confusão. Outras pessoas se envolvem. Quando menos se espera, uns estão querendo destruir os outros. São esses os motivos banais, porque devemos ter jogo de cintura, para evitar coisas piores.

Comigo aconteceu algo parecido, mas o motivo foi cinza de cigarro. Em cada cela tem cinco camas: Três delas são embaixo e duas ficam em cima. Certo dia, por volta das oito horas da noite, estava eu na minha cama, lendo a Bíblia. A minha cama era uma das três de baixo. Encima estava um colega de cela que era muito mal educado. Ele fumava cigarro e sempre jogava a cinza para baixo porque não estava com o seu cinzeiro. Toda vez a cinza caía justamente encima de mim. Eu o avisei, mas ele continuava a jogar cinza, achando que eu estava mentindo e que a cinza não estava caindo dentro do barraco.

Chegou uma hora que faltou paciência. Parei de ler para tomar satisfação. Foi aquela discussão. O comparsa dele se envolveu e ficou discutindo comigo também, outras pessoas da cela viram tudo e deram razão a mim. Eles não quiseram saber e fizeram coisas que não deviam. Então peguei um barrote e comecei a dar barrotada em um deles, e uma dessas barrotas pegou na mão de um detento que estava separando a confusão. O chaveiro ouviu o barulho na cela, e foi lá ver o que era. Quando ele chegou, tinha um com a cabeça sangrando e um corte grande, o outro com a mão inchada e todo mundo agitado. Aquele que estava sangrando pediu socorro ao chaveiro que não demorou e chamou os agentes.

Os agentes vieram muito zangados. Numa hora daquelas, a única coisa que não devemos fazer é incomodar. Quando isso acontece, não fica nada bom.

Em meio da confusão, o comparsa que estava sangrando passou mal. Ele sofria de problemas no coração e de outros problemas do sistema nervoso. Ele caiu e ficou se retorcendo. O chaveiro abriu a cela e o tirou para socorrer. Quando o ferido chegou no corredor, em vez de

ser socorrido às pressas, passou por uma série de tortura, levando vários tiros de borracha e 'coronhadas' nas costas e na cabeça. Ele não aguentou e desmaiou. Os policiais saíram, puxando-o pelo pé até chegar na enfermaria. Depois voltaram, tiraram todos os detentos da cela e perguntaram quem foi o responsável por aquela confusão. Eu me assumi, dizendo que fui eu. Na base de tiros de borracha levaram-me para a cela de castigo.

No dia seguinte, a população ficou sabendo o que os policiais fizeram com um de nós quando ele passou mal. Ficamos revoltados e combinamos a ninguém pegar a bóia até o diretor comparecer para conversar sobre os acontecimentos.

Quando o diretor chegou, todos os detentos que já vinham nas caminhadas (= um bom tempo preso) foram levados para o castigo. Foram 25 pessoas. O motivo foi banal, mas na cadeia as coisas sempre são resolvidas de maneira inversa.

Isolado

Depois de vinte dias no castigo, comendo o pão que o diabo amassou, chegou a hora de o diretor decidir o meu destino. Ele colocou todos os detentos do castigo para ir para os pavilhões, menos eu e mais quatro pessoas. Ficamos no isolamento durante um período. Nesta época houve uma rebelião no Aníbal Bruno. 80 pessoas foram transferido para cá. Dessas 80 pessoas ficaram 18 isoladas onde eu estava, e por coincidência eles tentaram fugir. Naquele dia eu vi homens chorando e pedindo para não morrer. Tiros de fuzis foram disparados em direção desses detentos. Quando isso aconteceu, eles estavam encima do teto da cadeia. Muitos diziam que eram pais de família para não morrer. Graças a Deus não morreu ninguém, mas o cacete foi dobrado naquela noite. Os homens invadiram o isolamento, soltaram bombas de gás lacrimogêneo e muitos tiros de bala de borracha. Todo mundo ficou nu na quadra da triagem por várias horas, até as grades serem soldadas. Ali eu vi que nós não somos nada e que os policiais fazem o que querem e quando querem. Depois daquele sofrimento algumas pessoas foram transferidas para outra cadeia, até quem não tinha nada a ver com a tentativa de fuga.

Passei oito meses no 'isolamento'. Depois veio morar na cela conosco um homem que tinha matado a irmã de um detento. Por azar dele o irmão da vítima estava na mesma cela comigo.

Quando alguém cai na cadeia, os presos sempre perguntam o que ele fez para estar preso, e ele tem que falar. A conversa começou a sair pouco a pouco, até o irmão da vítima ter a certeza que era ele. O novo detento falou tudo, até como matou a irmã do meu colega de cela. Aquilo foi a confirmação final. Depois daquelas balas, o meu colega de cela foi para o banheiro chorar. Ele demorou um pouco lá. Depois deu um jeito para uma faca chegar na mão dele sem que ninguém soubesse.

Assim que ele conseguiu a faca, começou a assassinar o autor do crime da sua irmã. Vi tudo a poucos metros de distância. Ali percebi que o inimigo opera nas nossas vidas, se nós permitimos.

Transferência

Assim aconteceu a morte de um homem na cela onde eu morava. O motivo: A morte de um parente de alguém que morava comigo. Ele era uma pessoa muito boa e não tinha mais cadeia para tirar. Já estava nos últimos dias e só estava aguardando a liberdade, mas o destino foi traiçoeiro, e pregou uma peça naquele homem. Tanto lugar na cadeia, e ele pediu justamente para ficar onde o irmão da vítima se encontrava. Dizem que ele soube que o irmão dela era preso e morava nos pavilhões.

O finado soube da verdade, mas na cadeia, quem mora nos pavilhões não tem dia nem hora para descer para o castigo e até morar no isolamento. Foi o que aconteceu com o irmão da vítima. Houve um problema, e ele foi para o castigo. Ficou isolado um tempo até que o assassino da sua irmã chegasse pertinho dele e ele se vingou, tirando a vida daquele homem.

Eu fiquei com muita pena do que morreu porque ele sofreu muito antes de morrer ele pediu socorro a nós, mas ninguém o ajudou. Ali era uma cobrança, e nesse caso não podíamos fazer nada.

Fiquei com pena do meu colega porque a partir dali ele iria ter que tirar um bom tempo preso. Ele se vingou, e após ter assassinado o homem ficou sentado no canto da parede, todo sujo de sangue e em silêncio. Eu percebi que após ter tirado a vida daquele homem, o arrependimento bateu nele, e naquele instante pensou em tudo que poderia ter evitado aquela tragédia.

Com poucos minutos os agentes chegaram, apontando as suas armas para todos, nos fizeram ficar nu e sair da cela. De um a um foi perguntado o motivo, mas ninguém falou nada a não ser o autor do crime. Colocaram-no ao castigo, sozinho, e dias depois deram bonde nele.

Poucos dias depois eu fui transferido para Palmares. Ali sofri um pouco mais, pois ficava longe para a minha família me visitar. Para a minha família me visitar tinha que sair de casa de cinco horas da manhã e chegava na cadeia de nove horas para enfrentar a fila. Quando entrava, era por volta de doze horas e só ficava uma hora comigo. Só assim poderiam chegar em casa de seis horas da noite.

Essa rotina passou oito meses, depois eu quis que não fossem lá porque era muito cansativo. Então comecei a aprontar dentro da cadeia, com intenção de ganhar bonde para outro lugar. Deu certo. Apesar de sofrer muito, apanhando dos agentes quando ia para o castigo, consegui voltar depois de dois anos para perto da minha família.

A volta

Quando cheguei de transferência de Palmares para Limoeiro, fiquei ansioso para ver a minha família, e entrei em contato com ela rapidamente para avisar que estava de volta. Aquele dia foi especial, apesar de eu ainda estar preso. Em 22 de Janeiro de 2010 voltei a ver a minha família e matar a saudade. Comecei a estudar e conhecer pessoas maravilhosas que sempre me incentivavam a estudar.

No início eu não me importava tanto com as coisas ditas pelas professoras. Eu só pensava em sair para fazer algo de errado, me vingar das pessoas que testemunharam contra mim. Por causa desses testemunhos fiquei tanto tempo preso.

Eu estava naquela fase de vida na qual só pensava em besteira. Fazia as coisas ao contrário, e por mais que eu tentasse fazer as coisas certas, a minha arrogância não deixava. Mas mesmo perturbado sempre estudei. Pouco a pouco fui percebendo que todas as coisas ditas pelas professoras iam se cumprindo no meu dia-a-dia.

Então passei a frequentar as aulas diariamente e dar ouvido aos conselhos que as professoras davam aos seus alunos. Essa rotina prosseguiu durante um bom tempo. Em 2012 tive a oportunidade de progredir ao regime aberto. Quando cheguei lá, as autoridades descobriram que eu estava ainda com um processo aberto, e quiseram me colocar de volta ao regime fechado. Foi neste momento que fugi.

Passei dois meses na rua, depois fui capturado novamente. Levaram-me para a comarca de Lagoa do Carro. Em poucos dias me transferiram para Carpina, e dois meses depois me trouxeram para Limoeiro.

Quando cheguei aqui depois da minha captura, aconteceram algumas coisas horríveis comigo: Perdi alguns amigos e parentes.

Numa sexta-feira perdi a minha esposa num acidente de carro. Caí numa depressão terrível, mais a superei com o apoio da professora do ensino médio que sempre conversava conosco e nos fortalecia com as suas palavras.

Ela sempre lia mensagens que lá no fundo mexiam comigo, e aquelas mensagens fizeram com que eu mudasse para melhor pouco a pouco. As pessoas próximas a mim perceberam a mudança no meu dia-a-dia e me perguntaram como eu superei a perda da minha esposa.

Então falei como estava superando e contei para os meus familiares sobre os métodos que a professora Ângela Maria usava conosco, para nos incentivar a fazer a coisa certa.

Tudo o que ela fez surtiu efeito em mim, hoje sou uma pessoa melhor que antes e consigo enxergar algumas coisas que antes eu não via claramente.

Estou hoje uma pessoa totalmente diferente de antes. Hoje penso em coisas boas e faço planos bons para mim e as pessoas ao meu redor.

Algum tempo atrás, todas essas coisas que hoje são importantes para mim não passavam de uma bobagem.

Sei que aquele tempo de ignorância e arrogância acabou de passar. Agora vou tentar levar a vida como uma pessoa comum, trabalhando e cuidando dos seus filhos. Apesar de estar ainda preso e existir certo preconceito da sociedade com ex-presidiário, vou fazer de tudo para conseguir os meus objetivos. Vou mostrar à sociedade que mesmo sendo um ex-presidiário posso fazer diferença. Acredito na recuperação do ser humano e na minha capacidade de superação porque nós condenados somos como a fênix de renascer das cinzas.

Conclusão

Depois que dei mais atenção aos estudos me tornei outra pessoa. Até os meus parentes perceberam essa mudança.

De certa forma, o estudo foi o instrumento principal para a minha mudança. Foi através do estudo que a professora Ângela implantava as mensagens todos os dias. Ali foi onde comecei a entender que a vida não acaba aqui, e mesmo sendo nós privados da nossa liberdade temos o direito de escolher seguir em frente, ou parar e pensar nas conseqüências futuras. O que fizemos de errado está feito, e não podemos apagar os fatos, mas podemos pelos nossos erros aprender e não permanecer nos mesmos erros.

Após todo esse tempo, hoje reflito melhor. Tenho mais esperança, e sei que por mais sofrimento que causei à família de alguém o arrependimento bateu na porta e através desse arrependimento vou fazer o meu destino ser diferente do meu passado.

Deus reservou o meu futuro como uma pedra preciosa, e vou fazer valer a pena.

Lucinaldo (um fragmento)

Dona Juliana morava na cidade de Passira. Ela era uma moça nova com um bom futuro pela frente o qual foi interrompido pelo seu destino quando ela conheceu seu Neguinho. Ele com aquele amor e aquela atenção com aquela linda mulher, e ela também com todo amor e carinho por ele. Mas esse amor todo que seu Neguinho tinha era só uma fantasia. Ele encheu a cabeça de Dona Juliana de esperança, até que certo dia ele levou Juliana para passear. Acabaram em um quarto de hotel, e o resultado disso foi que ela engravidou de uma criança que ia ser Lucinaldo. Nasceu em 1986.

Juliana estava contente com aquela linda criança, mas seu Neguinho não estava nada satisfeito. Ele falou para Dona Juliana que não tinha condições de criar esta criança, e Dona Juliana, com o seu amor de mãe, não concordou com o que seu Neguinho propôs: Ele revoltado mandou-a dar ou fazer o que for com esta criança.

Ela encontrou Maria José, uma grande amiga que a apoiou, falando assim:

— Minha amiga, se você não puder criar esta criança, eu e o meu marido José o criaremos. Dona Juliana, naquela aflição, resolveu dar o seu filho à amiga, mas lhe pedindo de não tirá-lo de perto dela. Dona Maria José levou a criança com ela. Dona Maria José e seu José ficaram muito alegres com esta linda criança, pois não tinham filhos e só moravam os dois. Aquela criança foi uma bênção de Deus na sua família. Dona Juliana estava ainda triste e abalada com tudo aquilo que seu Neguinho tinha feito. Mas seu Neguinho foi à procura dela. Ao chegar perto de Dona Juliana, ela começou a chorar, e triste ela falou:

— Eu dei a nossa criança para uma grande amiga porque não tinha como criá-la. — Seu Neguinho falou para ela e disse assim:

— Foi bom, pois eu também não tenho condições para criar esta criança. Podia até morrer de fome. — Seu Neguinho e Dona Juliana naquele momento triste fizeram às pazes.

Dona Juliana via a criança com frequência porque morava perto de Maria José.

Seu Neguinho lhe engravidou mais uma vez. Em 1987 nasceu Andréia. Mais uma vez seu Neguinho propôs que Dona Juliana desse a criança de novo, e Dona Juliana não queria dar a criança e sim criar a filha, até porque para consertar o erro e não fazê-lo novamente. Mas finalmente resolveram dar Andréia para um casal sem filhos, seu Manuel e Maria. Mas ela descobriu por que ele não queria criar as crianças, e aí então veio a realidade: Dona Juliana viu ele com outra mulher na rua, dando-lhe aquele maior carinho. Sem demonstrar raiva esperou ele chegar em casa. Quando ele chegou, Dona Juliana colocou o seu marido no canto da parede e perguntou:

— Quem é aquela mulher com a qual você estava na praça aos beijos? — Ele respondeu:

— Ela é só uma amiga que não vinha para cá há muito tempo. — Dona Juliana com aquela raiva lhe perguntou:

— E por que aqueles cheiros, beijos e abraços? — E ele respondeu:

— Foi a emoção de rever uma grande amiga. — Dona Juliana perguntou, olhando para os olhos dele:

— Você é casado? — Ele disse:

— Não!

Ao passar do tempo, Dona Juliana viu a colega dele da qual ele tinha dito ser uma grande amiga, e Dona Juliana chegou perto dela e falou:

— Você é amiga do seu Neguinho? — Ela respondeu:

— Não. Sou a esposa dele. — Dona Juliana ficou surpresa, mas sem demonstrar o ódio que estava sentindo, ela continuou a perguntar:

— Faz tempo que você é casada?

— Sim — diz ela — faz seis anos.

— Você tem algum filho?

— Sim.

— Quantos filhos?

— Quatro. — Dona Juliana olhou para ela e disse:

— Ele é muito cara de pau, pois ao tempo atrás eu vi você com ele, e perguntei quem era você, e ele falou que você era uma velha amiga de muito tempo. — Ela olhou para Dona Juliana e perguntou:

— E por que você está perguntando tudo isso? — Dona Juliana respondeu:

— Porque faz dois anos que estou com ele, e tive dois filhos. Primeiro tive um menino e pelas condições financeiras demos a criança. — Perguntado pelo nome da criança, Dona Juliana falou:

— É Lucinaldo. A outra é uma menina, Andréia, mas também sem condições nós demos a menina. — A mulher da qual seu Neguinho dizia que era uma amiga ficou surpresa de tudo aquilo que ela acabou de ouvir, e falou:

— Ele é um safado! Eu não sabia disso! — Então a conversa das duas mulheres foi se prolongando. Finalmente resolveram ir até onde seu Neguinho estava. Ao chegar, ele se surpreendeu ao ver as duas juntas. Ele falou para ele mesmo: Me lasquei, a casa caiu! E as duas mulheres falaram de uma vez só:

— Seu safado, rasteiro pilantra ...! — As duas deram o cacete nele; deram até não poder mais, e ele falou:

— Meus amores, não me batam! Eu amo as duas! — Mas Dona Juliana falou que não queria ver ele nem pintado de ouro, e que ele ficasse com a sua esposa. Foi isso que Dona Juliana falou. Foi neste momento que Dona Juliana e Neguinho se separaram. Ao passar do tempo seu Neguinho foi procurar Dona Juliana para lhe pedir perdão, mas ela não quis saber de nada, pois ele era casado e nunca tinha falado nada para ela. Depois Dona Juliana resolveu mudar-se para Recife, por isso perdeu o contato com o seu filho e a sua filha.

Certo dia Dona Juliana saiu do Recife para visitar o seu filho Lucinaldo e a sua filha Andréia na cidade de Passira, a “Terra do Bordado Manual”. Chegando lá, Dona Juliana encontrou a sua velha amiga Dona Rita, e Dona Juliana perguntou a Rita:

— Como estão Lucinaldo e Andréia? — Rita respondeu:

— Lucinaldo não está morando mais aqui em Passira. — Dona Juliana perguntou por Andréia. Rita responde:

— Está aqui em Passira. — Dona Juliana querendo saber onde está o seu filho. Dona Rita disse que ele estava morando em Salgadinho. Dona Juliana passou a noite em Passira, e ao amanhecer ela foi para Salgadinho procurar o seu filho Lucinaldo. Chegando em Salgadinho, ela pediu informação, perguntando se alguém conhecia seu Zé Amaro. Responderam:

— Sim, o conheço. Tem um garotinho. — Ela respondeu muito alegre e falou:

— É este mesmo. Onde ele está agora? Posso ver ele? — A pessoa que lhe passou a informação disse que ele estava morando na rua “Paia”, e ela foi até lá. Era uma fazenda. Chegando lá, encontrou seu Zé Amaro sentado na calçada, brincando com o seu filho Lucinaldo que tinha alguns oito anos naquela época. Dona Juliana exclamou:

— Que menino bonito! — Seu Zé Amaro olhou para ela e disse:

— Quanto tempo, Juliana! Vamos entrar tomar um café. Nené está lá dentro preparando um cafezinho. — Dona Juliana aceitou o convite e falou para seu Zé Amaro que tinha um assunto muito sério para conversar. Ele perguntou:

— Me diga, é sobre Lucinaldo? — Ela confirmou, alegre e sorridente. Seu Zé Amaro perguntou:

— Você está querendo ele de volta? Pois eu não vou lhe dar. Você não o quis quando ele estava pequeno, e agora que ele está grande, você o quer. Dona Juliana falou:

— Não sei, Zé. Eu só quero dizer-lhe que eu sou a mãe dele. E quero que o senhor me deixe vê-lo e me receba na sua casa. Seu Zé Amaro respondeu:

— Claro que sim. Você está bem recebida na minha casa. — Ela pediu que seu Zé Amaro chamasse Lucinaldo para poder explicar tudo para ele, e seu Zé Amaro chamou:

— Lucinaldo, Lucinaldo, Lucinaldo!! — Ele chegou correndo e perguntou:

— O pai me chamou? — Seu Zé Amaro disse:

— Sim. Venha aqui conhecer esta mulher. — Lucinaldo olhou para aquela mulher desconhecida e perguntou:

— Quem é ela, pai? Ele respondeu:

— Ela também é a sua mãe. — Lucinaldo se aproximou da Dona Juliana e perguntou:

— Você é a minha mãe? — Ela diz:

— Sim, meu filho, sou a sua mãe. — E Lucinaldo respondeu:

— Não lhe conheço. A minha mãe é Dona Nené. — Juliana falou:

— Eu sei, meu filho, mas eu também sou a sua mãe. — E ficou aquele debate entre eles. Ela tentou explicar e fazer Lucinaldo entender toda aquela confusão. Depois de muita conversa e debate Lucinaldo entendeu tudo, e deu a bênção à sua mãe. Juliana ficou toda alegre e disse:

— Não vou embora hoje, vou ficar por aqui até amanhã.

No dia seguinte, Dona Juliana foi embora para o Recife, e Lucinaldo ficou com o seu pai Zé Amaro na fazenda para trabalhar juntos.

Ao passar do tempo, Lucinaldo resolveu voltar para Passira. Chegando em Passira, foi morar na casa da sua tia, Dona Rita. Ela lhe perguntou:

— Lucinaldo! Você sabia que você tem uma irmã? — Lucinaldo confirmou. Depois foram juntos para casa onde morava a irmã de Lucinaldo. Dona Rita chamou a menina e falou:

— Andréia! Venha conhecer o seu irmão! — Andréia perguntou a Dona Rita:

— Eu tenho um irmão? — Dona Rita:

— Sim; é este menino aqui. — Um olhou para outro com os olhos brilhando de alegria, e ele dizendo:

— Eu tenho uma irmã — e ela dizendo: — eu tenho um irmão.

Passando alguns anos, seu Zé Amaro vendeu a sua casa em Salgadinho e voltou para Passira com Dona Nené. Chegando em Passira, Lucinaldo voltou para casa do seu Zé Amaro e Dona Nene. Andréia ficou na casa da outra família que a pegara para criar. Quando Lucinaldo ia para escola, passava pela casa da sua irmã e a acompanhava para a escola.

Certo dia Dona Juliana voltou para Passira para ver os seus filhos. Ao chegar, encontrou os dois brincando juntos. Dona Juliana exclamou:

— Meus dois filhinhos! Mamãe chegou! Os dois correram e deram um forte abraço na sua mãe. E daí por diante Dona Juliana perguntou a Dona Nené se podia levar Lucinaldo nas férias escolares para casa dela no Recife. Dona Nené falou:

— Por mim tudo bem. Pergunte a Zé! — É o que Dona Juliana fez. Foi até onde seu Zé Amaro se encontrava e perguntou:

— Seu Zé! Posso levar Lucinaldo nas férias para passar um dia lá em casa? — Zé Amaro deixou. Dona Juliana agradeceu e pensou:

— Vou perguntar ao senhor Manoel se ele me deixa levar Andréia também. — Chegando na casa de Andréia, perguntou ao senhor Manoel. Este respondeu:

— Sim, deixo. Mas quando tiver faltando dois dias para começar as aulas, você traga ela para cá de volta. — Dona Juliana falou:

— Sim, pode deixar comigo que eu trago eles antes das aulas começarem. — Ela levou os dois, Lucinaldo e Andréia, para conhecer o Recife e os seus outros irmãos.

Chegando no Recife, Lucinaldo e Andréia conheceram os seus irmãos Renato, Eduardo, Wescli, Wedson, Warla e Juana que gostaram de conhecer os seus irmãos. Lucinaldo e Andréia começaram a brincar. Foram dias bons. Lucinaldo nunca esqueceu nenhum momento de tudo que ele passou no Recife. Chegando próximo ao dia que as aulas iam começar, Dona Juliana trouxe os dois de volta. Foi uma viagem que os dois gostaram muito. Ela entregou as crianças para seu Zé, Dona Nené e seu Manoel. Pediu muito obrigado. Depois Dona Juliana perguntou:

— Posso voltar aqui mais vezes para eu ver os meus filhos? — Então Dona Nené respondeu:

— Claro que sim! — Dona Juliana voltou para o Recife, e Lucinaldo ficou na casa da Dona Nené, com muita saudades de Dona Juliana.

Lucinaldo trabalhava junto com o seu padrasto na roça. Quando eles chegavam às cinco horas da tarde, corria para se arrumar e ir ao colégio. No caminho ele passava pela casa de Andréia, pegava-a, e os dois seguiam juntos para a escola. Todo dia era essa mesma rotina.

Quando Lucinaldo completou 16 anos, ele conheceu uma moça que se chamava Lindacir, e com ela se casou. Foram morar em Caruaru. Lucinaldo foi trabalhar em uma fábrica de roupas, e Lindacir foi trabalhar com Lucinaldo, lhe ajudando nas suas atividades na fábrica de roupas. Os dois levaram uma vida tranquila e bem, mas um dia, como todos os casais têm uma fase boa e ruim, tiveram uma fase ruim. Discutiram porque ele quis ir para casa da mãe dele em Passira e para a festa do 'Bordado Manual', uma festa na qual ele participava desde pequeno. Mas Lindacir não quis ir. Os dois tiveram uma briga que provocou a separação. Ele pegou as suas coisas e foi para Passira para curtir a festa junto com os seus padrastos. Nesta festa ele conheceu Elisângela e ficou com ela. No outro dia, quando ele estava passeando pela cidade, encontrou-se com Elisângela de novo. Com várias horas de conversa, os dois acabaram ficando juntos. Foram morar na cidade de Feira Nova.

Chegando na cidade, Lucinaldo foi trabalhar em uma casa de ração. Depois ele passou a trabalhar de segurança, fazendo a segurança dos comércios. Ele passou oito anos casado com Elisângela. Depois discutiram, e o relacionamento acabou. Lucinaldo voltou a morar na casa do seu padrasto em Passira e voltou a trabalhar com o seu padrasto na roça. Depois ele foi à casa de Dona Juliana no Recife. Lá ele foi trabalhar com o seu irmão como segurança numa empresa de telemarketing. Lucinaldo conheceu Lili, e ficaram namorando, até que um dia os dois resolveram ir morar juntos. Saíram do Recife para morar em Passira. Chegando nesta cidade, casaram.

Lucinaldo resolveu ir trabalhar na Bahia como gesseiro. E Lili ficou na casa de Lucinaldo lhe esperando. Lucinaldo ligou para Lili e mandou ela ir para casa dos seus padrastos. Lili obedeceu e foi morar na casa dos padrastos de Lucinaldo. Na Bahia Lucinaldo conheceu uma Bahiana, e tiveram um caso. Depois de dois meses de trabalho na Bahia Lucinaldo voltou para casa dos seus padrastos em Passira. Quando ele chegou, Lili saiu correndo e lhe deu um abraço bem forte. Lucinaldo cumprimentou o seu padrasto, e Lucinaldo lhe perguntou:

— Pai, por aqui tem terreno para vender? — O seu pai respondeu:

— Sim, filho. — Ai Lucinaldo saiu à procura de um terreno para fazer a sua casa. Ele encontrou um bom terreno, construiu a sua casa e foi morar com Lili na sua nova casa que ele tinha feito com o trabalho do seu suor.

Depois de um tempo Lucinaldo voltou para Bahia para trabalhar, mas também para se reencontrar com a sua Bahiana. Ao chegar na Bahia, ele foi à casa da Bahiana. Ela ficou muito alegre ao ver Lucinaldo de novo, e lhe perguntou:

— Meu amor! Por que você demorou tanto? — Lucinaldo respondeu:

— Meu amor, eu demorei porque eu estava construindo a nossa casa. — Ela perguntou:

— Onde é? — Ele respondeu:

— Na minha cidade em Pernambuco. — Ela disse:

— Me desculpe, pois eu não irei para lá porque a minha família é toda daqui. —

Lucinaldo ficou triste e respondeu:

— Você não me ama! — Ela falou:

— Claro que sim, mas a minha família toda é daqui, o meu trabalho também é daqui. —

Lucinaldo tentou reverter a situação e falou:

— A minha família também não é daqui eu não sou daqui, e mesmo assim estou aqui com você. Por que você não pode fazer o mesmo? — Ela respondeu:

— Meu amor! Eu nunca andei para lugar nenhum, só por aqui na Bahia. — Lucinaldo disse:

— Está bom, meu amor. Não vamos discutir. — Ela respondeu: Está certo, meu amor. Não vamos discutir. O importante é que estamos juntos.

Com alguns minutos, o telefone de Lucinaldo tocou. Ele disse que era uma ligação de Pernambuco, e pediu licença para sair e atender. Depois ele voltou, contente. Mas ao olhar para a Bahiana, ele mudou a sua fisionomia. Ela notou que teve algo diferente nele, e perguntou:

— O que está acontecendo? Com quem você estava falando? — Lucinaldo mentiu:

— Eu estava falando com a minha irmã. — Ela perguntou:

— É verdade? — E ele:

— Sim, minha gata! — Ela fingiu que tudo estava bem, mas ficou com aquela dúvida. Lucinaldo percebeu esta desconfiança e ligou de imediato de volta para a sua irmã, falando assim:

— Se Bahiana liga para você e pergunta se você falou comigo, você diz que sim. — Ela replicou:

— Ta certo, deixe comigo. — Lucinaldo, aliviado, falou:

— Fica com Deus! Um beijo, minha irmã! — No outro dia, Bahiana ligou para a irmã de Lucinaldo e perguntou:

— O seu irmão ligou para você? — A irmã de Lucinaldo respondeu:

— Sim, ele me ligou ontem. — Bahiana explicou:

— Andréia, está certo. É porque eu estava com uma pulga atrás da orelha. Ele falou que tinha falado com você, e fiquei desconfiada. — Andréia disse:

— Não se preocupe. — Bahiana:

— Ta certo, e desculpa. — Em seguida Bahiana foi até onde Lucinaldo estava e disse para ele:

— Meu amor! Eu pensei que você estava me traindo com outra. — Lucinaldo disse:

— Jamais irei lhe trair, porque só tenho olhos para você, e é você quem eu amo. —

Bahiana ficou alegre e disse:

— Me desculpe, meu amor. — Lucinaldo respondeu:

— Ta desculpado. — Ela veio, lhe deu um abraço e um beijo. Lucinaldo ficou contente.

No dia seguinte Lucinaldo saiu para trabalhar, mas esqueceu o telefone em casa. Bahiana pegou o seu telefone celular olhou na agenda. Viu o nome que estava agendada “Amor”, e Bahiana, naquela curiosidade, ligou para “Amor”. Quem atendeu desta vez foi a irmã de Lili. Ela perguntou:

— Quem é? — Bahiana disse:

— É Branca? — A irmã de Lili perguntou de novo:

— Quem está falando? — Bahiana respondeu:

— É a esposa de Lucinaldo. — A irmã de Lili mentiu:

— E eu sou a prima dele. — Bahiana disse:

— Não acredito porque tem um nome agendado no telefone dele com o nome “Amor”, e eu liguei para saber quem era. — A irmã de Lili disse:

— Não se preocupe, pois eu sou prima dele. — Bahiana pediu desculpa, e a irmã de Lili disse:

— Ta desculpada.

Quando ela desligou, Lucinaldo chegou para almoçar e percebeu que Bahiana estava toda por fora como uma criança quando faz algo de errado. Por isso ele ficou desconfiado e perguntou a Bahiana:

— O que foi? Você quer me dizer alguma coisa. O que foi desta vez? — Ela toda desconfiada falou:

— Você me desculpa. Peguei o seu telefone e liguei para o nome “amor”. — Lucinaldo respondeu:

— Eu já lhe disse que não tenho ninguém, que só tenho você. E por que você pegou o meu telefone e foi ligar? Eu já peguei o seu telefone alguma vez? — Ela disse que não. Então Lucinaldo disse:

— Por favor, não mexa nas minhas coisas! — A Bahiana pediu desculpas e disse:

— Não se preocupe pois não vou mexer mais nas suas coisas. — Lucinaldo disse:

— Certo, meu amor, mas tenho algo para lhe dizer. Esse mês eu vou voltar para Pernambuco. — Bahiana perguntou:

— Por que? — Lucinaldo respondeu:

— É porque eu tenho algo para resolver. — E ela perguntou:

— Você voltará? — Lucinaldo disse:

— Sim, eu voltarei. — Mas Lucinaldo não voltou, pois a sua mulher Lili estava com suspeita de gravidez, e por este motivo ele não pude mais voltar. Com alguns dias Bahiana ligou e perguntou a Lucinaldo se ele iria voltar e por que ele não ligava mais. Lucinaldo respondeu:

— É porque estou trabalhando em serviço grande e estou com o meu horário curto, e por isto não posso voltar mais. Estou com muitas saudades de você. — Bahiana disse:

— Você não precisa voltar mais. Sei que você tem outra mulher. — Lucinaldo falou:

— Não, eu estou mesmo trabalhando e não estou com ninguém, você sabe que o meu coração é só seu. [...]

Caro leitor! Mande a sua opinião para:
<http://cumaru-pe.com.br/contact/>

Caro detento ou ex-presidiário: Mande a sua autobiografia para:
[cumaru\[at\]cumaru-pe.com.br](mailto:cumaru@cumaru-pe.com.br)